



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MARIA TOCIE ISHIZAKI HIGA

**Análise de modalizações e de sequências em redações
de vestibular 2010/UFGD segundo a perspectiva do
interacionismo sociodiscursivo**

**Dourados, MS
Abril/2011**

MARIA TOCIE ISHIZAKI HIGA

**Análise de modalizações e de sequências em redações
de vestibular UFGD/2010 segundo a perspectiva do
interacionismo sociodiscursivo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, Área de Concentração em Linguística e Transculturalidade, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador:
Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves

Dourados, MS
Abril/2011

Higa, Maria Tocie Ishizaki.

Análise de modalizações e de sequências em redações de vestibular UFGD/2010 segundo a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo/Maria Tocie Ishizaki Higa. Dourados, MS: UFGD, 2011. 186 p.

Orientador: Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Gênero Artigo de Opinião. 2. Sequências Tipológicas. 3. Modalizações. I. Título.

MARIA TOCIE ISHIZAKI HIGA

**Análise de modalizações e de sequências em redações de vestibular
UFGD/2010 segundo a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Letras

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. ADAIR VIEIRA GONÇALVES
Universidade Federal da Grande Dourados
(Presidente / Orientador)

Prof. Dr. ODILON HELOU FLEURY CURADO
Universidade Estadual de São Paulo - UNESP
(Membro externo)

Prof^ª Dr^a RUTE IZABEL SIMÕES CONCEIÇÃO
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. MARCOS LÚCIO DE SOUSA GÓIS
Universidade Federal da Grande Dourados
(Suplente)

Local: Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD – Unidade II
Cidade Universitária de Dourados, MS, Brasil
Faculdade de Comunicação, Artes e Letras- FACALE

Dourados, abril de 2011

Dedico esta dissertação a Ernani, meu esposo,
pelo companheirismo, dedicação, incentivo e orações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor da sabedoria e da vida, que me sustenta em tudo;

A UEMS, na pessoa do Prof. Dr. Sidnei Lima Junior e colegas da PROPP, pela oportunidade de realizar a capacitação do TNS, a minha gratidão eterna;

A FUNDECT, pela incentivo financeiro para a concretização desse trabalho;

Ao prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves, pela amizade, dedicação, orientação, incentivo e inestimável colaboração neste trabalho;

À prof^a. Dr^a. Rute Izabel Simões Conceição- UFGD pelo exemplo de dinamismo, didática e alteridade nas aulas de Escrita e Ensino, bem como pelas contribuições por ocasião do exame de qualificação.

Ao prof. Dr. Marcos Lúcio de Souza Góis UFGD pelas contribuições dadas na ocasião do exame de qualificação.

Ao prof. Dr. Odilon Helou Fleury Curado – UNESP, pelas pertinentes contribuições;

À prof^a Dr^a Adna Cândido de Paula, pelo exemplo de dedicação, autoridade e paixão pela profissão de mestre;

À prof^a Dr^a Maria Ceres Pereira, pela conversas e reflexões que irão nos acompanhar pela vida;

À prof^a Dr^a Rita de Cássia Pacheco Limberti pela forma agradável e interessante com que conduziu as suas aulas, despertando-nos o gosto pela Semiótica;

À Mariolinda, pela prontidão em compartilhar comigo o seu trabalho com Gêneros Textuais junto às (os) professoras (es) da rede pública, quanto ao embasamento empírico da transposição didática;

À Prof^a Dr^a Marcia Maria de Medeiros pelo incentivo à pesquisa e estudo do Mestrado;

À Emília Marques Gonçalves e Juliana Sanches Niéri, dupla jovem da Linguística, pela prontidão com que sempre atenderam aos meus pedidos, empréstimos e sugestões;

À Silvia Helena Ferreira Gonçalves Souza, pela leitura e sugestões do abstract e pelo companheirismo e amizade nesse tempo de aprendizado;

À Suzana, querida secretária do mestrado, pela sua presteza, eficiência e amizade;

À minha mãe Chitoshi pela cumplicidade e apoio incondicional em todos os meus projetos;

Aos meus irmãos Naoishi, Orlando e esposa, Marli, meus anjos protetores;

In memoriam ao meu pai e amigo, Yoshinori, que me incentivou sempre a estudar e nada o desanimava: chuva, poeira, noites mal dormidas... Apenas a morte calou o seu sorriso.

"Com quais palavras, com quais ferramentas
descobrir o enigma da linguagem
que nos faz quem somos?"

Joaquim Dolz (2009)

RESUMO

O propósito deste trabalho é o de provocar reflexões sobre os resultados da utilização dos aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 2007) na análise da textualidade de redações produzidas durante o processo seletivo da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no vestibular 2010. Coletadas 50 produções escritas dos candidatos aprovados no vestibular para o curso de Graduação em Letras, nosso objetivo consistiu em mapear as sequências tipológicas tendo como objetivos: a) analisar as fases da sequências argumentativas e das sequências explicativas do gênero artigo de opinião; b) verificar a utilização de mecanismos de modalização. A pesquisa tem como norte as diretrizes apontadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) para o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, além dos aportes teóricos do ISD em sua vertente epistemológica central e as questões didáticas daí advindas, como as defendidas por Schneuwly & Dolz (2004). Os resultados apontaram para uma incidência maior de sequências argumentativas completas, em detrimento de sequências explicativas, sobretudo, alta incidência de modalizações.

Palavras-chave: Gênero Artigo de Opinião, Sequências Argumentativas, Sequências Explicativas, Modalizações.

ABSTRACT

The proposal of this project is to reflect about the results of Socio-discursive Interactionism Theory (SDI), postulated by Bronckart (2007 [1999]) and detected in the compositions written in UFGD *vestibular* (university entrance exam) writings, in 2010. It was collected 50 compositions of candidates approved in Letters Graduation Course, aiming to scan the typological sequences and enunciative mechanisms. The objectives were: a) analyze the standard phases of argumentative sequences and expositive sequences in opinion articles; b) examine the empirical use of modalizations. The study is based on the National Parameter Curriculum (BRAZIL, 1998) orientations for Portuguese Language teaching/learning as well as Socio-discursive Interactionism Theory, concerning its central epistemological line and the didactical questions arised from the analysis, as the one defended by Schneuwly & Dolz (2004). The results pointed out to a high level of complete argumentative sequences, if compared to expositive sequences and especially a high level of modalization occurrences in the writings.

Key-words: Opinion Article Genre, Argumentative Sequences, Expositive Sequences, Modalizations.

LISTA DE ABREVIATURAS

AO	Artigo de opinião
ARG	Argumento
CI	Constatação inicial
ISD	Interacionismo sociodiscursivo
PAR.	Parágrafo
SA	Sequência argumentativa
SAC	Sequência argumentativa completa (presença de todas as fases da SA)
SAP1	Sequência argumentativa parcial 1 (falta uma fase da SA)
SAP2	Sequência argumentativa parcial 2 (faltam duas fases da SA)
SAP3	Sequência argumentativa parcial 3 (faltam três fases da SA)
SE	Sequência explicativa
SEC	Sequência explicativa completa (presença de todas as fases da SE)
SEP1	Sequência explicativa parcial 1 (falta uma fase SE)
SEP1	Sequência explicativa parcial 2 (faltam duas fases da SE)
SEP1	Sequência explicativa parcial 3 (faltam três fases da SE)
ZDP	Zona de desenvolvimento proximal

LISTA DE GRÁFICOS

01	Ocorrências de sequências argumentativas.....	100
02	Ocorrências de sequências explicativas.....	104
03	Ocorrências de modalizadores.....	105
04	Frequência de modalizações.....	106
05	Variável indicador de modalizador lógico.....	107
06	Variável indicador de modalizador deôntico.....	108
07	Variável indicador de modalizador pragmático.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Características das esferas de atividades	35
Quadro 02	Esquema da situação de ação de linguagem escrita.....	47
Quadro 03	Mundos discursivos	52
Quadro 04	Modalizações para o ISD	61
Quadro 05	Redação 01 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	75
Quadro 06	Redação 02 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	78
Quadro 07	Redação 03 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	81
Quadro 08	Redação 04 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	84
Quadro 09	Redação 07 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	87
Quadro 10	Redação 17 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	90
Quadro 11	Redação 19 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	93
Quadro 12	Redação 27 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	95
Quadro 13	Redação 30 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	97
Quadro 14	Redação 48 – Hipótese sobre a organização da sequência argumentativa.....	99

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE DE ABREVIATURAS.....	x
LISTA DE GRÁFICOS.....	xi
LISTA DE QUADROS.....	xii
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	25
1.1 Vygotsky e Interação Social.....	25
1.2 Pressupostos teóricos de Bakhtin.....	29
1.2.1 Bakhtin e o dialogismo.....	29
1.2.2 Bakhtin e gêneros do discurso.....	31
1.2.3 Formas estáveis do gênero.....	33
1.2.4 Esferas de comunicação.....	34
1.3 O ISD.....	36
1.3.1 O ancoradouro: o Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart.....	36
1.3.2 A Escola de Genebra.....	39
1.3.3 Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) no Brasil.....	39
1.4 Gêneros de textos e a vertente didática.....	42
1.4.1 Atividade social e linguagem.....	44
1.4.2 Ação e linguagem.....	46
1.4.3 Arquitetura interna dos textos.....	49
1.4.3.1 Infraestrutura geral dos textos.....	49
1.4.4 Mecanismos de textualização.....	57
1.4.5 Mecanismos enunciativos.....	58
1.4.6 Artigo de opinião.....	63
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DE TRABALHO.....	65
2.1 Contexto da redação no vestibular da UFGD.....	70
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	72
3.1 Classificação de 10 redações.....	72
3.2 Interpretação dos dados coletados.....	100
CAPÍTULO 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
ANEXO I – Proposta de redação no vestibular da UFGD.....	119

ANEXO II – 50 redações de alunos de Letras Vestibular 2009/2010 – UFGD.....	122
ANEXO III – Versão digitalizada das 10 redações selecionadas para estudo.....	174
ANEXO IV – Relatório Coordenadora Curso de formação continuada de Professores....	185

INTRODUÇÃO

A consolidação do ensino de redação no Ensino Médio aconteceu pela homologação do Decreto Federal nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, determinando que, a partir de janeiro de 1978, a prova de redação fosse obrigatória nos processos seletivos de Ensino Superior. Ratificando o Decreto Lei, a Portaria nº 2.941, de 17 de dezembro de 2001, tornou obrigatória a inclusão da redação nos exames vestibulares de todas as Instituições de Ensino Superior no Brasil. Essa modalidade de avaliação é eliminatória; portanto, vital para quem deseja uma vaga na Universidade. Desse modo, a partir do segundo semestre de 2002, todas as faculdades isoladas¹, faculdades integradas e centros universitários² do país tiveram que se adequar às novas normas. A norma em questão determina que serão eliminados os candidatos que não atingirem a nota mínima definida pela instituição que estiver promovendo o vestibular. No entanto, as instituições que quiserem evitar mais custos com a correção das produções escritas, devido à obrigatoriedade da prova de redação no vestibular, poderão optar pela adoção do resultado obtido pelo candidato no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), realizado pelo Ministério da Educação (MEC). Coincidência ou não, a iniciativa do MEC foi divulgada após uma denúncia contra as Universidades Estácio de Sá e Gama Filho, feita por canal de televisão popular, em dezembro de 2001, destacando que mesmo um semianalfabeto conseguiria aprovação no vestibular³.

A aprovação de candidatos que mal sabiam redigir um texto, já que muitos não conseguiam escrever uma linha sequer sobre o tema proposto, tinha duas razões. De um lado, os “chutes certos” nas questões de múltipla escolha; de outro, o fato de que algumas faculdades tinham afrouxado tanto o peso da redação que até quem a entregasse em branco teria chances de conquistar a vaga. Tal fato foi comprovado pelo Programa Fantástico – de um

1 Além das faculdades vinculadas a universidades, há faculdades isoladas, sem vínculos com universidades: são instituições de educação superior públicas ou privadas, com propostas curriculares em uma ou mais áreas do conhecimento. Seu regimento é unificado sendo dirigida por um diretor-geral. Pode oferecer cursos em vários níveis sendo eles de graduação, cursos sequenciais e de especialização e programas de pós-graduação. Disponível em: portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=287&Itemid=354. Acesso em 22 jul. 2010;

2 Os Centros Universitários, implantados em 1997, primeiro pelo Decreto n. 2.306/97 e reafirmados pelo Decreto 3.860/97, foram idealizados no contexto de uma série de medidas propostas pelo Governo Federal para proporcionar a expansão da educação superior no país, estimulando ações de incentivo ao desenvolvimento das IES privadas e a um ensino de qualidade. Disponível em: <http://www.anaceu.org.br>. Acesso em 22 jul. 2010.

3 Este fato não significa que o indivíduo tenha sido aceito no curso a que concorreu, pois só se pode obter matrícula em curso superior de graduação aqueles que tenham concluído o ensino médio ou estudos equivalentes, salvo situações especialíssimas previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

canal de televisão popular - quando um cidadão inscreveu-se no vestibular de Direito da Faculdade Estácio de Sá, a maior universidade particular do Rio de Janeiro, na época com mais de 60 mil alunos. Na prova de múltipla escolha, ele marcou, de modo aleatório, somente as letras "a" e "b" em todas as questões, até o fim, alternadamente. Quanto à redação, o "candidato", no momento de sua realização, disse estar passando mal e, por isso, não poderia fazer a prova. Após cinco dias, a Estácio de Sá deu ao indivíduo uma declaração, em papel timbrado, que atestava ter-se classificado em nono lugar no vestibular de Direito, com 2.562 pontos.

Este caso, que teve bastante repercussão pela forma sensacionalista com que foi divulgado pela mídia, foi apenas um, dentre vários motivos que desencadeou mudanças no cenário da educação. Pesquisadores da área de Língua Portuguesa vinham, de longa data, preocupados com a crise no ensino da língua materna no ensino fundamental e, em especial, quanto à dificuldade que alunos que concluíram o Ensino Médio vinham apresentando em produzir textos coerentes e coesos e à forma pessoal de argumentar, sem incorrer em "lugar comum".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) justificam a decisão de mudança nos modelos de avaliação das provas de vestibular como uma tentativa de reverter o quadro de fracasso escolar no ensino da língua portuguesa, visível tanto na interpretação como na produção de textos dos alunos universitários:

Por outro lado, a dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e organizar ideias por escrito de forma legível levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentar o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório (BRASIL, 1998, p.19).

Com o objetivo de encontrar saídas para o ensino de línguas, diversas pesquisas sobre produção de textos de vestibulandos foram feitas em algumas universidades do país. No entanto, a UFGD, representando a região da Grande Dourados, não havia, ainda, sido alvo de pesquisa qualitativa que abordasse a questão de modalização e sequências tipológicas⁴ em

⁴ Bronckart se apóia em Adam para tratar das sequências tipológicas. Para Bronckart as sequências são formas de planificação convencional, em número restrito, que podem ser observadas no interior de um tipo de discurso (BRONCKART 2007 [1999] p. 251); para Adam, sequências são modelos abstratos de que os produtores e receptores de textos dispõem, definíveis ao mesmo tempo, pela natureza das macroposições que compõem e pelas modalidades de articulação dessas macroposições em uma estrutura autônoma (BRONCKART 2007 [1999] p. 218).

produção textual, no contexto de vestibular. O recorte desta pesquisa recaiu sobre análise linguística das redações de candidatos ao vestibular 2010, UFGD, partindo do pressuposto do interacionismo sociodiscursivo, (doravante ISD) tendo como propósito:

- a) analisar as fases da sequências argumentativas e das sequências explicativas do gênero artigo de opinião;
- b) verificar a utilização de mecanismos de modalização.

A seguir, apresentamos um breve histórico dos trabalhos relativos ao tema da produção textual já realizados por alguns pesquisadores e que serviram de parâmetro para o presente trabalho.

Em primeiro lugar, fazemos referência ao trabalho pioneiro sobre a existência ou não da “crise na linguagem”, em que Rocco (1981) analisou as redações dos vestibulandos de 1979 da Universidade de São Paulo (USP). A pesquisadora constatou que as produções caracterizaram-se como não-coesivas, incoerentes, apresentando sérias rupturas de nexos lógicos, repleta de clichês e frases feitas, além de rara utilização de sentenças originais e criativas.

Para efetivar sua análise, Rocco definiu como critério os seguintes itens: coesão; presença de clichês e frases feitas; presença de linguagem criativa e original; falta de correspondência entre tema proposto e texto criado; e finalmente, os tipos de discursos predominantes.

Segundo sua análise, o resultado ficou muito aquém do ideal de linguagem para um estudante concluinte de ensino médio, pois a redação ideal pressupõe um texto simples, coeso, coerente e bem elaborado; um texto compreensível em que haja reflexão, e não se limite a apenas contar os fatos visíveis da realidade concreta e imediata, mas que, a partir daqueles dados, se criem realidades possíveis ou imaginárias.

Rocco revelou que esperava que redações de aspirantes a vagas em uma Universidade de renome fossem reflexos de discursos próprios e pessoais, de alguém que se coloca como sujeito de sua própria expressão, por meio da linguagem verbal. A autora faz uma reflexão quanto ao perfil dos vestibulandos com base na presença de linguagem criativa em seus textos. Em ordem decrescente, aparecem em primeiro lugar os que cursaram o antigo curso clássico⁵, depois os candidatos cujos pais puderam pagar escolas particulares e, por

⁵ Foi na gestão do ministro Gustavo Capanema que se promulgou, em 9 de abril de 1942, a Lei Orgânica do ensino secundário, também conhecida como Reforma Capanema. Por essa lei, foram instituídos no ensino

último, os que estudaram em escolas públicas. Desse universo, os que frequentaram a escola noturna foram menos criativos do que aqueles que tiveram oportunidade de estudar durante o dia, o que subentende, menos tempo para leitura e dedicação aos estudos. Na aferição dos textos analisados, Rocco “lançou mão” do cruzamento de parâmetros como: a) ausência de conectivo por conectivo; b) ausência de coerência por impropriedades; c) ocorrência de clichês; d) fidelidade ao tema proposto, dentre outros, como natureza da instituição de ensino frequentada pelo aluno, se oficial, particular, se complementou os estudos com cursinhos pré-vestibulares.

O surpreendente é que, nessa análise, Rocco constatou que a maioria dos vestibulandos produzia textos com construções lineares e infantis, estruturadas com base em realidades apenas concretas e imediatas ou com textos pré-fabricados, totalmente diferentes da proposta, ou ainda, sem nexos. Apesar desse quadro desolador do ensino de língua materna nas escolas, Rocco se mostrava à época otimista e explicava que o problema da qualidade de produção textual dos alunos que terminavam o ensino médio devia-se à denúncia constante da crise, anunciada por estudiosos e professores de vários níveis. Já àquela época, Rocco (1981), tendo como base outras pesquisas na área da linguagem, pressentia alguma mudança satisfatória. Como encaminhamento, a autora sugeria iniciar um trabalho prático sobre aquisição de linguagem junto aos alunos a fim de transformar o ensino-aprendizagem dos jovens.

Já se passaram quase 30 anos após a pesquisa de Rocco. Para o trabalho que empreendemos, foram coletados 50 textos de redação de candidatos ao Curso de Letras do Vestibular da UFGD, do ano de 2010. Mais de três décadas depois da obrigatoriedade de redações em vestibulares, como está o nível de redação apresentado pelos candidatos no vestibular? Pretendemos, neste trabalho, analisar uma parte desse complexo trabalho de produção de textos: as seqüências explicativas e argumentativas e os modalizadores nos *corpus* de redações de candidatos ao Curso de Letras da UFGD. Analisar uma parte do universo de vestibulandos de uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul pode parecer irrelevante à primeira vista, se comparada com o grande número de problemas e especificidades existentes em outras universidades do país. No entanto, essa análise poderá

secundário um primeiro ciclo de quatro anos de duração, denominado ginásial, e um segundo ciclo de três anos. Esse último oferecia duas opções, o curso clássico e o científico. Os novos currículos previstos na Lei Orgânica caracterizavam-se pela predominância do enciclopedismo, com valorização da cultura geral e humanística. A Lei Orgânica do Ensino Secundário permaneceu em vigor até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961. Disponível em: cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/ReformaEnsinoSecundario. Acesso em: 27 jul. 2010.

contribuir para confirmar ou negar hipóteses⁶ constatadas em outras regiões e ratificar constatações que, por sua vez, poderão servir de ponto de partida para novas estratégias de teoria e prática educativas de ensino de língua. Ou seja, os problemas de produção textual constatados nas pesquisas de 30 anos atrás continuam ocorrendo nos dias atuais. Aliás, essa é uma das hipóteses que procuramos detectar na presente pesquisa.

Costa Val, numa pesquisa empreendida no ano de 1983, usou aportes teóricos importantes da linguística textual para analisar cem produções escritas por candidatos a vagas do Curso de Letras da UFMG, com o objetivo de investigar a produção escrita de prováveis ingressantes à Universidade. A pesquisadora esclarece que dada a *situação comunicativa*, as características e disposições dos interlocutores e o tipo textual efetivo, os critérios de avaliação foram pautados pelas metarregras de coerência de Charrolles: continuidade, progressão, articulação, não-contradição, além do uso pertinente dos elementos de coesão.

Costa Val constatou que o grande problema da maioria das redações estava no aspecto cognitivo integrador da macroestrutura. Estes, segundo Costa Val, pesavam negativamente na eficiência pragmática do discurso. Outro problema encontrado pela autora foi o elevado grau de previsibilidade nos textos, não só pelo uso de estereótipos, mas principalmente porque apresentaram uma única leitura de mundo. Assim, em 45 das 100 redações analisadas, os vestibulandos escreveram praticamente o mesmo texto. Quanto à organização interna, só o requisito articulação mostrou-se falho em percentual elevado de redações. Dito de outro modo, os candidatos encontraram dificuldades em desenvolver a progressão tópica e na relação entre texto e contexto, ou seja, em mobilizar estratégias fundamentais para realizar a prática interativa escrita. Em síntese, para a pesquisadora, a correção do sistema da língua e a organização estrutural não são garantias de um texto bem escrito. Assim, apesar de as redações terem apresentado um arcabouço formal e conceitual aceitável, com lógica interna e organizados conforme modelo previsto para dissertações escolares, e de exibirem nível satisfatório de correção gramatical, são produções que não convencem. A autora infere que um dos motivos para a pouca qualidade das redações pode ser creditado à condição de produção a que normalmente são submetidos os vestibulandos, não

6 Costa Val (1983) UFMG; conclui que há elevado grau de previsibilidade nos textos, falta de originalidade e dificuldades para desenvolver a progressão tópica e na relação entre texto e contexto; Rocco (1981), em pesquisa semelhante, concluiu que há ausência de coerência por impropriedades; ocorrência de clichês; fidelidade ao tema proposto; Pécora (1980), Unicamp, destacou treze problemas nesta ordem: problemas de acentuação; de pontuação; de ortografia; de norma culta; de emprego lexical; de incompletude associativa; de redundância; de emprego de relatores; de emprego de anafóricos; de emprego de noções confusas; de noções de totalidade indeterminada; de noções semi-formalizadas; de lugar-comum.

apenas na hora do exame, mas, provavelmente, na maioria das vezes em que escreveram na escola.

Em pesquisa também sobre as redações de vestibular, Pécora (1992) avaliou que as escolas têm dado maior atenção à estrutura gramatical da escrita, sem nenhum resultado animador. Pelas suas análises, os problemas (que se caracterizavam pela ausência de domínio em relação ao código da escrita) foram gerados pela concepção de linguagem e de escrita adotada pela escola.

O trabalho de Pécora, resultado de sua dissertação de mestrado defendida em 1980, no Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, teve como objetivo apresentar um diagnóstico dos problemas mais recorrentes na redação de vestibulandos e analisar esse diagnóstico com base na teoria do discurso.

O *corpus* colhido por Pécora foi mais eclético e constituiu-se de 1500 redações, sendo que 60 delas foram produzidas em situação de vestibular, do Centro de Seleção de Escolas Médicas, CESCEM (1976), realizado pela Fundação Carlos Chagas, cujo tema, de caráter dissertativo, foi “Nenhum homem é uma ilha”.

As demais redações foram produzidas para o curso de Prática de Produção de Textos, organizado pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP, e ofertado de 1978 a 1980. Foram trabalhados diversos temas na tipologia clássica: narração, descrição e dissertação. Essas produções foram escritas em diferentes contextos de produção: na escola e em casa; individualmente e em grupo; em mais e em menos tempo. Os que participaram do curso foram principalmente alunos do primeiro ano de Letras e de Linguística, além de alunos de outros anos ou cursos.

O autor listou, em sua pesquisa, treze problemas, nesta ordem: problemas de acentuação; de pontuação; de ortografia; de norma culta; de emprego lexical; de incompletude associativa; de redundância; de emprego de relatores; de emprego de anafóricos; de emprego de noções confusas; de noções de totalidade indeterminada; de noções semi-formalizadas; de lugar-comum.

É importante ressaltar um dado significativo assinalado pelo autor: a ocorrência em bloco dos problemas de textos escritos produzidos na Universidade. O pesquisador, à época, ressaltou que as análises particulares desenvolvidas por ele representaram um esforço para desconstruir aquele bloco blindado de fracassos e torná-lo vulnerável, à medida que os seus integrantes fossem reconhecidos. Como consequência, reconhecer os integrantes de um bloco

é reconhecer o seu ponto de liga, reconhecer aquilo que, existindo em cada um dos problemas, antecipa os demais.

Isso faz com que se levante outra questão: por que ocorrem problemas em bloco, que parecem tão distintos entre si como os treze diagnosticados por Pécora? Ocorre que diante dos problemas detectados, é necessário reconhecer que entre a capacidade linguística e o efetivo domínio da produção escrita existe a necessidade de um conhecimento das exigências específicas que a escrita coloca para a constituição de um processo de significação.

Pécora (1992), no entanto, afirma que há um equívoco em pressupor que os alunos fracassam em suas produções escritas porque não dominam as regras que regulam a escrita. Seu argumento é o de que as escolas têm, justamente, dado maior atenção ao componente técnico das condições da escrita sem nenhum resultado animador. Pela pesquisa, os problemas que se caracterizavam pela ausência de domínio em relação ao código da escrita foram geradas pela concepção de linguagem e de escrita adotada pela escola.

Em um *corpus* coletado para a sua defesa de tese de doutorado na UNICAMP, Britto (1997) faz um estudo do trajeto histórico da gramática tradicional refletindo sobre os pensamentos de linguistas na ânsia de encontrar respostas para um questionamento pertinente: quais são os conhecimentos linguísticos que o mundo competitivo e especializado de hoje considera importante? Como adquiri-los?

Analisando duas grandes tendências que criticam o ensino tradicional de língua materna, o pesquisador identifica aqueles que propõem a construção de uma nova gramática, uma gramática que incorpore os avanços da ciência linguística, e outros que defendem uma mudança de eixo das práticas pedagógicas, para os quais o importante é propiciar o desenvolvimento da reflexão e da análise linguística nos aprendizes, bem como o ensino/aprendizagem da aplicação correta da língua conforme a necessidade de cada contexto. Tendência essa abraçada pelos pesquisadores que trabalham com o pressuposto do ISD.

Enfim, para Britto, aprender a ler e escrever na escola deve ser muito mais que saber uma norma ou desenvolver o domínio de uma tecnologia para usá-la nas situações em que ela se manifesta: aprender a ler e escrever significa dispor do conhecimento elaborado e poder usá-lo para participar e intervir na sociedade.

Uma contribuição mais recente sobre avaliação de redações de vestibular pode ser constatada em obra publicada em 2008, resultado de artigos produzidos por grupos de professores que avaliam as redações de vestibular da UFSC, juntamente com a coordenadoria

pedagógica que compõe a COPERVE (Comissão Permanente de Vestibular da UFSC).

Padrão e Ferraro (2008) contam que, desde 2002, a redação do vestibular da UFSC apresentou um diferencial importante ao incluir outros gêneros textuais além da redação dissertativa em suas propostas, como era comum em outras IES. Assim, os candidatos passaram a ter mais abertura para desenvolver os temas solicitados em forma de narração, carta argumentativa, prosa poética, etc. Para as autoras, essa estratégia abriu novas possibilidades de produção textual, já que a COPERVE passou a colocar entre as propostas de redação, ao menos uma referente a obras literárias dentre as indicadas para leitura obrigatória. A mudança serviu de estímulo aos candidatos que de fato leem os textos literários indicados nos Manuais de Vestibular, ao invés de se limitar às leituras de resumos das apostilas dos Cursinhos Pré-vestibulares. Castelli (2008) reitera a eficácia dessa forma de avaliação:

Não tenho dúvidas: o texto literário é um todo que contém de um tudo. Mas é preciso que os profissionais do ensino se envolvam. É preciso que os professores de todas as disciplinas partam para a prática da leitura das obras literárias – as ditas universais e, claro, as brasileiras. Basta que se sigam, ao menos, as indicações prescritas anualmente por algumas das muitas instituições que se ocupam com o, ainda necessário, vestibular de acesso ao ensino universitário (CASTELLI, 2008, p. 23).

Como parte do projeto da COPERVE, Gorski, Coelho e Rese (2008) relatam em “Avaliações de Redações no vestibular da UFSC: os critérios e sua aplicação” que a maioria dos problemas detectados no *corpus* foi com referência à falta de posicionamento crítico em relação aos gêneros textuais que exigiam essa habilidade no comando da proposta. Foram recorrentes também questões de baixa informatividade e imprecisão vocabular, bem como problemas de coesão referencial e conclusão incoerente.

Finalmente, Silva (2010), em análise intitulada “Práticas Letradas na Redação de Vestibular” da Universidade Federal de Campina Grande, destaca como principais dificuldades apresentadas pelos candidatos: fuga ao tema proposto, dificuldade em estruturar as seqüências composicionais, baixo índice de intertextualidade com respeito às coletâneas, não atendendo ao perfil esperado pela Universidade, conforme descrito no Manual do candidato de 2005.

Com o objetivo de tentar sanar os problemas na produção escrita, algumas escolas de ensino médio, principalmente as particulares, incluíram em seus currículos as aulas de redação, ministradas por um professor especialista, responsável por preparar os alunos para escrever narrações, descrições e, principalmente, dissertações, a fim de capacitá-los a “passar

no vestibular”. Assim, ao invés de treinar os alunos a serem proficientes na produção das modalidades de gêneros textuais mais utilizados no mercado de trabalho e no mundo acadêmico, a maioria das escolas de ensino médio redirecionam o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa para dominar as tipologias textuais: narração, descrição e dissertação, conforme reflete Hila (2007, p.837):

Muito do que se faz hoje no ensino de Língua Materna, especialmente Ensino Médio, tem como base o vestibular. Esse efeito retroativo que as provas de vestibulares assumem como instrumentos (re)direcionadores do ensino/aprendizagem de Língua Materna tem enfatizado, no plano da produção escrita, o ensino baseado meramente nas modalidades retóricas (dissertação e narração, principalmente) (HILA, 2007, p. 837).

É fato que essa estratégia de avaliação, que leva em conta principalmente questões ligadas à estrutura da composição e da morfologia e sintaxe das frases, continua sendo praticada em muitas instituições de ensino superior. No entanto, pudemos observar que há universidades que têm direcionado a avaliação da competência da compreensão e da produção escrita nos vestibulares conforme os pressupostos da teoria do ISD, materializada na prática de estudo de gêneros textuais. A título de ilustração, listamos alguns endereços de sites a quem queira confrontar essa realidade⁷.

Quanto às instituições públicas de ensino médio, salvo exceções, o mesmo professor de Língua Portuguesa ministra aulas de gramática, literatura e redação em momentos distintos, com enfoque aos dois primeiros segmentos. O ensino de redação escolar, normalmente voltado para a organização da estrutura do texto e de correções de “erros gramaticais”, mostrou-se insuficiente para ajudar o aluno na complexa tarefa de produzir textos coerentes, coesos, bem articulados.

Da mesma forma, a estratégia de ação da maioria dos cursos preparatórios para o vestibular está em trabalhar temas determinados pelo professor, normalmente assuntos polêmicos divulgados pela mídia, sem definir um objetivo específico, um contexto para a produção. Geraldi (1997 [2003]) lançou a questão: *Para que se lê o que se lê?*

Reconhecemos ser previsível que professores formados numa concepção de linguagem estruturalista e que trabalharam boa parte de sua vida profissional com a gramática normativa, poderão encontrar dificuldades para assimilar os avanços das ciências da

⁷ <http://www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2010/06/23/oficina-a-redacao-no-vestibular-unicamp-reuniu-280-no-campus>; <http://saladeestudoscentrodecursos.blogspot.com/2010/06/redacao-uem-generos-textuais.html>; <http://www.mundovestibular.com.br/articles/4486/1/CARTA-ARGUMENTATIVA/Paacutegina1.html>; http://www4.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/lino_de_araujo.pdf;

linguagem. Para colocar em prática uma nova metodologia de ensino que priorize a reflexão sobre a linguagem em uso, é necessário que, primeiro, o professor compreenda e assuma a importância da aplicação das novas abordagens teóricas e depois as coloque em prática na sala de aula, no contexto da realidade dos alunos, exercitando o trabalho em grupo, incentivando iniciativas pontuais e valorizando o trabalho de reescrita como um processo de aprendizado a ser cultivado e desenvolvido por toda a vida. Sobre isso, o Documento Introdutório ao PCN afirma:

Além disso, é necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo. Isto implica o estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados (BRASIL, 1998, p. 25).

No sentido de dar uma nova perspectiva à produção escrita em vestibulares, este trabalho tem o propósito de mapear a infraestrutura e os mecanismos enunciativos de 50 redações do vestibular dos candidatos aprovados no curso de Letras, da UFGD, no ano de 2010. O tema proposto foi “Os valores da beleza ao longo da história e sua relação com os valores vigentes na sociedade no início do século XXI”. Especificamente, o objeto de estudo estará centrado sobre sequências tipológicas no gênero artigo de opinião, tendo como finalidade: a) analisar as fases da sequência argumentativa e da sequência explicativa prototípicas neste gênero de texto; b) verificar a utilização de mecanismos de modalização (BRONCKART (2007).

Esse trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, serão apresentados os pressupostos teóricos nos quais nos fundamentamos para realizar a análise do *corpus*. Fizemos um breve histórico do pensamento e desenvolvimento do interacionismo social preconizado por Vygotsky e sobre os fundamentos epistemológicos de Bakhtin: dialogismo e gêneros discursivos. Buscamos também conhecer um pouco sobre o trabalho de Adam sobre as sequências tipológicas e, enfim, desenvolvemos parte da proposta de Bronckart relativa ao ISD para a produção escrita. No segundo, discorreremos sobre a metodologia adotada na consecução deste trabalho. No terceiro, desenvolvemos a análise das redações de candidatos aprovados no vestibular da UFGD do ano de 2010, seguida de interpretação dos dados coletados. Por último, as considerações finais com o encaminhamento de trabalho conjunto na transposição didática de ISD e outras teorias que consideram o contexto e a interação social em suas produções textuais.

CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O Interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) preconizado por Bronckart (2007) utilizou como fonte de referência, entre outras teorias, o interacionismo social de Vygotsky (1991) e o dialogismo de Bakhtin (2003). Bronckart defende que o ser humano interage em sociedade por meio de ações de linguagem, produzidas num dado momento e num dado ambiente social e discursivo.

1.1. Vygotsky e o Interacionismo Social

Lev Semenovich Vygotsky, estudioso das ciências sociais e humanas, começou a trabalhar com temas ligados à psicologia em 1924. Em trabalho de equipe com outros pesquisadores como Luria, Leontievi e Shakarov, seu interesse principal era descobrir a inter-relação pensamento e linguagem.

No estudo genético do pensamento e da fala, Vygotsky chegou à conclusão de que a relação entre ambos passa por várias mudanças, e que o desenvolvimento da fala em um indivíduo não acontece em paralelo ao desenvolvimento do pensamento. Para ser mais específico, o autor revela que esse progresso pode até coincidir, fundir-se em determinados momentos, mas que no final acabam se separando (VYGOTSKY, 1991 [1987]).

Vygotsky compara o trabalho que Charlotte Buhler e seu grupo fizeram com crianças, nas mesmas bases realizadas anteriormente por Koeler com os macacos e infere que a descoberta mais importante foi a de que as curvas do pensamento e da fala da criança, até então separadas, encontram-se e unem-se para iniciar nova forma de comportamento. Neste momento, a fala começa a servir ao intelecto e o pensamento começa a ser verbalizado. Essas mudanças podem ser constatadas na curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras e a consequente ampliação de seu vocabulário, de forma rápida e aos saltos.

Mas a descoberta mais importante é que, num certo momento, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, encontram-se e unem-se para iniciar uma nova forma de comportamento [...]. Nessa idade, a criança conhece apenas as palavras que aprende com outras pessoas. Agora a situação muda: a criança sente a necessidade das palavras e, ao fazer perguntas, tenta ativamente aprender os signos vinculados aos objetos. Ela parece ter descoberto a função simbólica das palavras. A fala, que na primeira fase era afetivo-conativa, agora passa para a fase intelectual. As linhas do desenvolvimento da fala e do pensamento se

encontram (VYGOTSKY, 1991 [1987], p. 37-38).

A partir dessas colocações, Vygotsky aborda a questão da fala interior com o objetivo de encontrar a resposta para o problema da relação entre pensamento e fala. O autor defende a hipótese de que a fala é interiorizada psicologicamente antes de ser interiorizada fisicamente.

A fala egocêntrica é, quanto a suas funções, a fala interior; é a fala em sua trajetória para a interiorização; intimamente ligada à organização do comportamento da criança, já parcialmente incompreensível para outras pessoas, embora explícita em sua forma e sem apresentar nenhuma tendência para se transformar em sussurro ou qualquer outra forma de fala a meio tom (VYGOTSKY, 1991 [1987], p. 39).

Segundo o autor, essa descoberta leva a outro fato inquestionável e de grande importância:

O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, como os estudos de Piaget demonstraram, é uma função direta de sua fala socializada. O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem (VYGOTSKY, 1991 [1987], p. 44).

Vygotsky explica que a fala interior é, em grande parte, um pensamento que expressa significados puros. Ela se situa entre a palavra e o pensamento, sendo que o pensamento é o plano ainda mais interiorizado do que a fala interior. Para o autor, o pensamento tem a sua própria estrutura e a transição dele para a fala é complexa.

O pensamento, ao contrário da fala, não consiste em unidades separadas. Quando desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspecto isoladamente: o menino, a camisa, a cor azul, a sua corrida, a ausência de sapatos. Concebo tudo isso em um só pensamento, mas expresso-o em palavras separadas (VYGOTSKY, 1991 [1987], p. 128).

Isso porque o pensamento, diz o psicólogo, “[...] não tem um equivalente imediato em palavras; a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. Na nossa fala há sempre o pensamento oculto, o subtexto”. (VYGOTSKY, 1991 [1987], p. 129). O autor conclui sua análise defendendo que o pensamento é gerado pela motivação, por nossos desejos e necessidades, interesses e emoções. Dessa forma, só é possível chegar à

compreensão plena do outro quando entendemos a sua base afetivo-volitiva, isto é, o seu pensamento e motivação.

Para Vygotsky (1991 [1987]), os signos verbais e semióticos simbólicos desenvolvidos pela espécie humana estabelecem uma relação de mediação entre o homem e a realidade. Ele denominava os signos de instrumentos simbólicos, com especial atenção à *linguagem*, que, para ele, configurava-se um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos e elaborado no curso da evolução da espécie e história social. Nessa linha de raciocínio, a linguagem é capaz de transformar decisivamente os rumos de nossa atividade. Quando aprendemos a linguagem específica do nosso meio sociocultural, transformamos radicalmente os rumos de nosso próprio desenvolvimento. Desse modo, podemos ver como a visão de Vygotsky dá importância à dimensão social, interpessoal, na construção do sujeito psicológico.

A teoria vygostskiana é extremamente atual quanto à valorização da interdisciplinaridade e intradisciplinaridade. O ser humano vive em constante processo de transformação influenciado por disciplinas que se interagem, e acabam se misturando ao agregar os saberes de uma área de conhecimento à outra. Afinal, assim como todas as disciplinas dependem da linguagem para que a comunicação se estabeleça, muitas outras áreas de conhecimento como o psicológico, o religioso, o filosófico, o sociológico influenciam o relacionamento entre os seres humanos que buscam o conhecimento de si e do mundo em várias disciplinas.

Bronckart (2007 [1999]) lembra que, em sua obra póstuma *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky demonstra que é a apropriação pelo bebê das unidades de significação da língua do seu meio humano que provoca a discretização e o desdobramento do funcionamento psíquico, que caracterizam o pensamento consciente. Vygotsky (1991 [1987]) mostrou que são as intervenções deliberadas das pessoas desse meio que tornam possível essa apropriação e a estruturam.

A partir daí, Vygotsky (1991 [1987]) desenvolveu o conceito de ZDP (zona de desenvolvimento proximal), que é a distância que medeia o nível atual de desenvolvimento da criança, demarcado pela sua capacidade atual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com os pares mais capazes. Em outras palavras, são aquelas ações que a criança não é capaz de realizar sozinha, mas com a ajuda de um adulto ou

de uma criança mais experiente. Este processo pode acontecer em situações em que existam diálogo, colaboração, trocas de experiências, interação, imitação, que, para o psicólogo, têm um papel importante a desempenhar no desenvolvimento da aprendizagem da criança⁸.

Dentro dessa perspectiva, os PCN comungam com o pressuposto sócio-histórico preconizado por Vygotsky ao considerar a escola como lugar de excelência para desenvolver o pensamento e a capacidade de comunicar-se dos alunos pela sua própria vocação educativa social:

A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. Essa função socializadora remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. É nessa dupla determinação que os indivíduos se constroem como pessoas iguais, mas, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras. Iguais por compartilhar com outras pessoas um conjunto de saberes e formas de conhecimento que, por sua vez, só é possível graças ao que individualmente se puder incorporar. Não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade, da cultura. Os processos de diferenciação na construção de uma identidade pessoal e os processos de socialização que conduzem a padrões de identidade coletiva constituem, na verdade, as duas faces de um mesmo processo (BRASIL, 1998, p.6).

No entanto, no mesmo documento há um alerta que mesmo que as disciplinas continuem sendo trabalhadas em separado, incentiva-se que os professores trabalhem o planejamento do conteúdo e atividades de forma a caminhar juntamente com outras disciplinas respeitando e aproveitando as congruências do contexto.

As linguagens, ciências e humanidades continuam sendo disciplinares, mas é preciso desenvolver seus conhecimentos de forma a constituírem, a um só tempo, cultura geral e instrumento para a vida, ou seja, desenvolver, em conjunto, conhecimentos e competências. Contudo, assim como a interdisciplinaridade surge do contexto e depende da disciplina, a competência não rivaliza com o conhecimento; pelo contrário, só se funda sobre ele e se desenvolve com ele (BRASIL, 1998, p.14).

Em síntese, Vygotsky demonstrou a importância da interação social da criança com os adultos, tendo a linguagem como elo entre o pensamento e a ação comunicativa. O conhecimento assimilado na interação, servindo como subsídio para a resolução de problemas reais ou para empreender novos desafios de aprendizagem, estariam, dessa forma,

⁸ O estudo com Sequências Didáticas preconizado por estudiosos de Genebra, Schneuwly e Dolz (2004) faz uso dessa estratégia de ensino/aprendizagem ao realizar atividades em duplas e grupos, para que os alunos possam trocar conhecimentos e auxiliar uns aos outros.

contribuindo para o crescimento intelectual e conseqüentemente para o desenvolvimento da personalidade da criança.

1.2 Pressupostos teóricos de Bakhtin

1.2.1. Bakhtin e o dialogismo

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Voloshinov/Bakhtin (2006 [1979]) postulam a teoria da linguagem e do dialogismo. Segundo Yaguello, na introdução da edição de 2006 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “Bakhtin define a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 20).

O autor critica o estruturalismo de Saussure e defende a interação entre o enunciador e o destinatário como ponto fundamental para que se estabeleça a comunicação. Bakhtin reflete: “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata” (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2006 [1979], p. 37).

Bakhtin defende que o outro também participa na construção do sujeito do discurso já que todo discurso é resultado de discurso de outros indivíduos em interações, ou seja, reflete ideologias. O filósofo russo entende a linguagem não como um objeto abstrato ideal, mas como uma criação social, fruto do diálogo entre o enunciador e o interlocutor, e outros discursos já proferidos no passado. Para ele, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. Desse modo, o autor afirma que o ser humano é eminentemente dialógico e depende de outro para se constituir: “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu” (BAKHTIN, 2003 [1992], p. 79). Por conseguinte, não existe um Adão mítico, mas vozes sociais em interação no universo:

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2003 [1992], p. 272).

Para os que comungam com essa filosofia da linguagem, não existe nada de novo a ser dito, porque tudo já foi dito. O que muda é o contexto, a intensão do enunciador, a sua expressividade, o interlocutor, o momento histórico. Nesse sentido, no momento em que a palavra é transformada em fala (enunciado) passa a ser única e não é mais uma repetição do que já foi dito, já que esse evento aconteceu em um dado momento que não se repete, com determinado interlocutor, com entonação, apreciação e sentido próprio. Assim, somente quando o enunciador fala ou escreve e o interlocutor interpreta o enunciado é que podemos dizer que o sentido do texto foi construído. Transportando essa teoria da linguagem às produções de escritas no vestibular em pesquisa, os candidatos reconstruíram um texto novo, a partir do discurso proposto, fundamentados ou não em citações postas, argumentando e refletindo a partir de sua vivência. Podemos então concluir que é um novo texto dentro de um discurso propagado mas dito de forma nova, peculiar pelas escolhas lexicais e forma de estruturar o pensamento.

O pensador russo vai mais além ao afirmar que "o eu se realiza no nós", fazendo referência às diversidades de vozes discursivas existentes com as quais o enunciador vai se identificando, conforme observado por Brait:

Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem (BRAIT, 2005, p. 95).

Mais adiante, Bakhtin afirma que, por meio da linguagem, o ser humano materializa o seu pensamento em forma de enunciado: "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana"(BAKHTIN, 2003 [1992], p. 261).

Bronckart chama de **gêneros textuais** ao que Bakhtin define como gêneros do discurso: "[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*" (BAKHTIN 2003 [1992], p.262).

Bakhtin enfatiza a importância de estudo dos gêneros do discurso em várias áreas de conhecimento e sua natureza transdisciplinar ao afirmar:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto - [...] - opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação - anais, tratados, textos de leis, documentos de escritórios e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam (BAKHTIN, 2003 [1992], p. 264).

Nos itens seguintes serão descritos o conceito de gêneros do discurso e esfera de comunicação segundo a perspectiva bakhtiniana, tendo como objetivo fazer a ligação entre Artigo de Opinião e o local de circulação desse gênero.

1.2.2. Bakhtin e Gêneros do discurso

Bakhtin defende que os gêneros discursivos existentes e aqueles ainda por existir são ilimitados:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas diálogo do cotidiano [...], o relato do dia-a-dia, a carta [...], o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário [...] dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas [...], mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (BAKHTIN 2003 [1992], p. 262).

O fato de haver infinitas situações e contextos heterogêneos na interação entre as pessoas aparentemente inviabilizaria um método eficiente para o estudo linguístico dos enunciados. Bakhtin problematiza essa questão da seguinte forma:

Pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para seu estudo: porque neste caso, em um plano de estudo aparecem fenômenos sumamente heterogêneos, como as réplicas monovocais do dia-a-dia e o romance de muitos volumes, a ordem militar padronizada e até obrigatória por sua entonação e uma obra lírica profundamente individual, etc. A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios (BAKHTIN 2003 [1992], p. 262).

Bakhtin atribui esse esvaziamento à ausência de estudos dos gêneros discursivos: “A isto se deve o fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada” (BAKHTIN 2003, p. 262). Ele explica que desde a Antiguidade estudavam-se os gêneros literários, retóricos e do cotidiano, mas não se levava em consideração a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos.

No entanto, hoje, podemos dizer que temos dados empíricos que confirmam a tese defendida por Bakhtin que lamentava o fato de que até a época, os gêneros discursivos não tinham sido objeto de estudo. Conforme constatado em pesquisa sobre gêneros textuais e da entrada do ISD no Brasil⁹, pudemos verificar um trabalho de fôlego extenso e diversificado nessa área levada a efeito por grupos de pesquisa. São trabalhos de mestrados e doutorandos já publicados em forma de artigos e livros quanto à questão de transposição didática desse pressuposto teórico, sem mencionar os inúmeros trabalhos significativos desenvolvidos pelo grupo da “Escola de Genebra” e na Europa de um modo geral.

Bakhtin revela ainda a importância de considerar a classificação dos gêneros discursivos que ele divide em primários e secundários. São primários os gêneros simples, principalmente os orais mais imediatos como o diálogo interativo e, secundários os gêneros complexos como os romances, dramas, pesquisas científicas, predominantemente escritos e que surgem de uma situação cultural mais desenvolvida e organizada. Ele reforça a característica englobante do gênero secundário que absorve diversos gêneros primários.

Para Bakhtin, o que define os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva é a alternância dos sujeitos do discurso. Assim, todo enunciado tem um começo e um fim absolutos. “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN 2003 [1992], p. 275).

O autor observa que, na realização de qualquer estudo linguístico, “faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso” (BAKHTIN 2003, [1992]p. 264). Ele afirma também que a diferença primordial entre a natureza dos enunciados está no fato de que nos gêneros secundários não há alternância real de sujeitos do discurso, pois aquele que escreve coloca as questões no âmbito do seu

9 Sobre a divulgação e estudo dessa teoria no Brasil, remetemos à seção 1.3.3.

enunciado, responde a elas mesmas, faz objeções de si mesmo e refuta suas próprias objeções. Em outras palavras, o interlocutor nesse caso coloca-se como representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. Em tais situações, geralmente a compreensão responsiva tem efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes. Contrariamente, a natureza do gênero primário é ativamente responsiva, isto é, todo enunciado do diálogo cotidiano pode realizar-se imediatamente na ação.

1.2.3. Formas estáveis do gênero

Quando queremos externar um sentimento ou comunicar algo (vontade discursiva) escolhemos, em primeiro lugar, um certo gênero de discurso de acordo com o interlocutor e contexto. O objeto do discurso a ser proferido pelo falante (ou o que escreve) já foi enunciado no passado, o que significa que não existe Adão bíblico. Bakhtin afirma que “[...] todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de discurso orais (e escritos)” (BAKHTIN, 2003 [1992], p. 282).

O autor insiste que todo conhecimento que acumulamos é apreendido em forma de gêneros. Assim, continua ele, quando ouvimos um discurso qualquer detectamos o seu gênero pelas primeiras palavras, sabemos se será longo ou não, reconhecemos a sua estrutura composicional e prevemos o seu fim.

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. Tais gêneros existem antes de tudo em todos os gêneros mais multiformes da comunicação oral cotidiana, inclusive do gênero mais familiar e do mais íntimo (BAKHTIN, (2003 [1992], p. 282).

É importante ressaltar que, a despeito da padronização dos gêneros, Bakhtin fez referência à aplicação da individualidade e da subjetividade do falante ao pronunciar o enunciado: “Toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva.” (BAKHTIN, 2003

[1992], p.283). Ele defende ainda a ideia de que:

Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado (BAKHTIN, 2003 [1992], p. 289).

A especificidade nesses casos será percebida no contexto, no nível social e na relação entre os interlocutores.

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: [...] Esses gêneros requerem ainda um certo tom, isto é, incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva.[...] podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia discursivo-emocional) (BAKHTIN, 2003 [1992], pp. 282-284).

Logo, para Bakhtin, falar ou escrever significa escolher discursos que outros proferiram, pois se tivéssemos que criar vocábulos novos, organizar a ordem das palavras, escolher os modalizadores e conectores para cada novo contexto, enfim, não seria possível o diálogo, a interação, a comunicação.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN 2003 [1992], p. 283).

1.2.4. Esferas de comunicação

Rodrigues (2005) observa que Bakhtin e o Círculo correlacionam o gênero às esferas da atividade e comunicação humanas, em especial às situações de interação dentro de determinada esfera social (do cotidiano, científica, escolar, religiosa, jornalística, etc.). Nesse sentido, diz Rodrigues:

[...] cada esfera, com sua função sócio-ideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa, cotidiana, etc.) e suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico, etc.) historicamente formula na/para interação verbal gêneros discursivos que lhe são próprios (RODRIGUES 2005, p. 164).

A título de exemplo, apresentamos um quadro das características de algumas dessas esferas sociais:

ESFERAS	GÊNEROS TEXTUAIS
Esfera institucional	O ofício é uma forma de comunicação entre chefias com o público externo e é utilizado nos órgãos públicos
Esfera íntima	A conversa, marcada pelo enunciado oral e mais imediato entre os interlocutores
Esfera artística	O romance, em que um estilo individual faz parte do seu objetivo
Esfera jornalística	A carta do leitor, curta, orientada para a editoria e os leitores
Esfera jornalística	O artigo de opinião é sempre assinado e pode ser escrito na primeira pessoa e direcionado a adultos com nível de instrução médio ou superior
Esfera escolar	A redação de vestibular é considerada por Franco (2005, p.1) como um gênero específico que o candidato a vestibular produz para que a banca examinadora possa pontuar.
Esfera escolar	A dissertação escolar tradicional tinha como interlocutor o professor que atribuía uma nota ao aluno, tendo como função uma tarefa escolar.

Quadro 1 – Características das esferas de atividades

Adaptação e fonte: Rodrigues (2005, p. 165)

Da mesma forma que não podemos conhecer todas as esferas de atividades existentes no mundo, o ser humano não necessita e nem pode dominar todos os gêneros de discurso disponíveis, uma vez que, lembremos, são muitos os gêneros existentes.

Muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas. Frequentemente, a pessoa que domina magnificamente o discurso em diferentes esferas da comunicação cultural, sabe ler o relatório, desenvolver uma discussão científica, fala magnificamente sobre questões sociais, cala ou intervém de forma muito desajeitada em uma conversa mundana. Aqui não se trata de pobreza vocabular nem de estilo tomado de maneira abstrata; tudo se resume a uma inabilidade para dominar o repertório dos gêneros da conversa mundana (BAKHTIN, 2003 [1999], p. 285).

O autor atribui essa restrição à inabilidade de determinadas pessoas em tomar a palavra a tempo, de começar corretamente e terminar corretamente, já que nos gêneros orais a

composição é muito simples.

1.3. O ISD

Bronckart, assim como Bakhtin, considera que nossas interações em sociedade se dão pela produção do discurso, daí o conceito “interacionismo sociodiscursivo”. Segundo Bronckart (2007 [1999]), o Interacionismo Social refere-se à posição epistemológica geral na qual podem ser reconhecidas diversas correntes da filosofia e das ciências humanas. A junção dessas correntes deve-se ao fato de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pelo surgimento e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos.

Para Bronckart (2007 [1999]), a posição interacionista implica a ideia de que é ilusório tentar interpretar as condutas humanas em sua especificidade, seja por referência direta às propriedades do substrato neurobiológico humano, seja como o resultado da acumulação de aprendizagens condicionadas pelas restrições de um meio preexistente (tese fundadora do behaviorismo). Para o autor, a investigação interacionista se interessa:

- a) pelas condições em que se desenvolveram formas particulares de organização social;
- b) pela análise aprofundada das características estruturais e funcionais dessas organizações sociais, assim como dessas formas de interação semiótica;
- c) pelos processos filogenéticos (aprendizado das pessoas no tempo) e ontogenéticos (estudo da evolução da espécie humana) pelos quais essas propriedades sociossemióticas tornam-se objeto de uma apropriação e de uma interiorização pelos organismos humanos, transformando-os em pessoas, conscientes de sua identidade e capazes de colaborar com as outras na construção de uma racionalidade do universo que os envolve (BRONCKART, 2007 [1999], p.22).

1.3.1. O ancoradouro: o Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart

A abordagem de Bronckart está alicerçada, sobretudo, na obra de Vygotsky, que constitui o fundamento mais radical do interacionismo em psicologia. No entanto, dentre outras contribuições teóricas que fortaleceram e fundamentaram o pressuposto do interacionismo sociodiscursivo elaborado por Bronckart (2007 [1999], pp. 22-24) podem ser citadas:

- 1) *Phénoménologie de l'esprit*, de Hegel e seu caráter dialético do desenvolvimento da atividade e do psiquismo humano;
- 2) “as obras de Marx e Engels (*Capital*, *Grundrisse e Dialectique de la nature*) quanto ao papel que os instrumentos, a linguagem e o trabalho desempenham na construção da consciência”;
- 3) “contribuições da antropologia de Leroi-Gourhan(1964-1965)”;
- 4) “socioantropologia de Morin (1977)” ;
- 5) “abordagens sociofilosóficas de Habermas (1987) e de Ricouer (1986)” ;
- 6) “fatos sociais elaborados por Durkheim (1898), em especial na articulação que propõe entre representações coletivas, sociais e individuais” ;
- 7) “trabalhos de sociologia e psicossociologia de Bourdieu (1980) e Moscovici (1961)”;
- 8) “Saussure (1916) e algumas de suas descrições das estruturas e das unidades das línguas naturais principalmente a teoria da **arbitrariedade do signo**, essencial para a compreensão da relações de interdependência entre a linguagem, as línguas e o pensamento humano” ;
- 9) “Bronckart refere-se aos trabalhos centrados nas interações verbais, à análise dos gêneros de Bakhtin (2003 [1999]) e à análise das formações sociais elaborados por Foucault (1969) bem como a concepção das interações entre formas de vida e jogos de linguagem desenvolvida segundo Wittgenstein (1961; 1975)”;
- 10) “as três obras fundamentais de Piaget: *La naissance de l'intelligence* (1936), *La construction du réel* (1937) e *La formation du symbole* (1946) sobre o papel das condições e das intervenções sociais na formação das capacidades cognitivas da criança” ;
- 11) “sobretudo a obra de Vygostky” .

Segundo Bronckart, (2007 [1999], p. 24), o objetivo de Vygotsky era o de construir o conceito unificador para questões comportamentais, mentais e verbais. “Para Vygotsky, a psicologia ocupa um lugar nodal no campo das ciências humanas, no sentido de que sua problemática está inelutavelmente confrontada à dualidade físico-psíquica dos fenômenos observáveis no ser humano”. (BRONCKART, 2007 [1999], p. 24). Léontiev, discípulo de Vygotsky, propôs a ação e/ou atividade como unidades integradoras; identificar e definir, independentemente, as unidades propriamente sociológicas, de um lado, e as unidades propriamente psicológicas, de outro, de modo que se possa conceitualizar suas interações. Vygotsky defendeu a tese de que é a atividade nas formações sociais (unidade sociológica) que constitui o princípio explicativo das ações imputáveis a uma pessoa (unidades psicológicas). Assim, a unidade verbal considerada por Vygotsky foi a palavra, conceito que se opunha erroneamente, segundo Bronckart (2007 [1999]) ao signo de Saussure: “[...] parece-nos que (Vygotsky) não identificou as unidades verbais maiores que Bakhtin, paralelamente, começava a conceitualizar com a expressão *gêneros do discurso*” (BRONCKART, 2007 [1999] p.30). O autor complementa que as ações de linguagem são as verdadeiras unidades verbais que se materializam no discurso:

Na medida em que essas unidades situam-se claramente em um nível de análise correspondente ao da atividade e das ações, são elas as verdadeiras unidades verbais e é no quadro englobante dos textos e/ou discursos que pode ser conferido um estatuto às unidades de nível inferior, isto é, às palavras ou signos (BRONCKART, 2007 [1999], p. 30).

Bronckart enfatiza a importância que o ISD dá aos gêneros discursivos, recorrendo às outras áreas de conhecimento: “Uma psicologia interacionista, portanto, deve primeiro integrar a dimensão discursiva da linguagem; nesse aspecto, fazer empréstimos aos trabalhos linguísticos e sociolinguísticos e, quando necessário, elaborar uma conceitualização própria sobre ela” (BRONCKART, 2007 [1999], p. 30).

Dessa forma, para Bronckart (2007 [1999]), “a psicologia deve “sair de si mesma”, ou mais precisamente, deve rejeitar os postulados epistemológicos e as restrições metodológicas do positivismo que a fundou, para considerar as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas”. Assim como Viana (2009), reiteramos a importância da abordagem do ISD como uma metodologia que, incentivando o trabalho interdisciplinar, pretende contribuir para o desenvolvimento das capacidades da linguagem e, conseqüentemente, do ser humano:

O interacionismo social propõe a reunificação das ciências humanas e incentiva a interdisciplinaridade entre as mesmas para a construção do saber sobre o ser humano, sua gênese, seu desenvolvimento e seu agir. Para dar conta desse projeto, cujo objetivo maior é o de estudar o desenvolvimento humano – desenvolvimento que se associa direta e necessariamente à capacidade de linguagem –, o interacionismo social voltou-se metodologicamente para o estudo dos discursos e dos textos produzidos pelos humanos, incorporando ao seu projeto o componente “sociodiscursivo”. Esta abertura conduziu à necessidade e, conseqüentemente, à proposta de um modelo explicativo da arquitetura geral dos textos, que nos parece adequado e produtivo aos objetivos de nossa pesquisa, por apresentar uma abordagem cuidadosa sobre os textos e os gêneros textuais, bem como sobre os elementos linguísticos e pragmáticos que os constituem, além de compreender e enfatizar o estatuto dos gêneros em relação ao social, ao histórico e ao cultural (VIANA, 2009, p. 24).

Em entrevista concedida a Anna Rachel Machado, em 2004, Bronckart enumera quatro razões principais que receberam influência do pensamento de Bakhtin no trabalho do ISD: pela ênfase que ele dá à diversidade das produções languageiras, relacionando-as claramente à diversidade das atividades humanas; por sua perspectiva geral, que coloca a análise linguística a serviço de problemáticas mais gerais (ao estatuto da literatura, da conversação etc.); por sua abordagem original e fundadora do estatuto dos gêneros de

textos/discursos; pela introdução e desenvolvimento dos temas do dialogismo, do polilinguismo, da intertextualidade etc.

1.3.2. A Escola de Genebra

Bunzen (2010) esclarece que o grupo de pesquisadores da chamada “Escola de Genebra” – Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, A. Pasquier, Sylvie Haller, entre outros - pertence ao Departamento de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (*FAPSE*) da Universidade de Genebra (UNIGE) e dedica suas pesquisas tanto à constituição do interacionismo sócio-discursivo quanto a sua aplicação ao ensino de francês como língua materna (BUNZEN, 2010).

Desde os anos 80, essa equipe vem aplicando o construto teórico e metodológico do ISD produzindo materiais didáticos e norteando os referenciais curriculares das escolas suíças. Bunzen, citando Bronckart, explica que o trabalho do grupo vai em sentido contrário ao método tradicional de abordagem puramente gramatical, focando seu interesse na diversidade de gêneros:

O que a “Escola de Genebra” vai propor é justamente uma abordagem centrada na diversificação dos textos e nas relações que esses mantêm com seu contexto de produção, enfatizando os aspectos históricos e sociais. Não podemos perder de vista que, aqui, como na escola anterior, as unidades de análise são os textos numa acepção sócio-interacionista, ou seja, vistos como “a ‘realização semiótica’ de uma ação de linguagem situada, que se efetua tomando um dos modelos de gêneros disponíveis no intertexto de uma determinada língua natural” (BUNZEN, 2010, p. 9).

1.3.3. Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) no Brasil

Em 1974, teve início o processo de abertura democrática no Brasil e, motivados pela distensão política, os educadores brasileiros iniciaram também a busca por alternativas teóricas que mudassem o cenário de burocratização progressiva em que se encontrava a prática docente em todos os níveis de ensino no país, conforme observa Freitas (2003 [1994], pp. 33-34). Freitas (2003 [1994]) informa também que as teorias de interação social preconizadas por Vygotsky e o dialogismo de Bakhtin começaram a ser comentados pelos professores nas Universidades, ativando a curiosidade de outros pesquisadores que, entusiasmados por suas ideias, interessavam-se por livros e artigos para estudar e divulgar os pressupostos teóricos preconizados pelos estudiosos russos. Completa Freitas:

É assim que Vygotsky e Bakhtin passaram a ser personagens presentes em encontros e treinamentos com professores, e a serem assuntos do momento, vindo ao encontro das indagações formuladas. Eles entraram na moda. Os modismos acabam refletindo uma necessidade, uma carência, um vazio, uma falta. Algo se torna moda ao representar possibilidade de esclarecer as questões que se colocam (FREITAS, 2003 [1994], p. 68).

Preocupada com a transformação das teorias de Vygotsky e Bakhtin em artigo de consumo, Freitas diz ser necessário um estudo mais profundo desses autores, aplicando as teorias sócio-históricas na prática das escolas brasileiras, na busca pela mudança de mentalidades (FREITAS, 2003 [1994], p.72).

Já as pesquisas brasileiras voltadas para a abordagem específica do ISD, teorizado por Bronckart e voltado para a Linguística Aplicada, teve seu início por volta de 1994, conforme explanação de Machado:

O interacionismo sócio-discursivo sofreu uma crescente divulgação no Brasil nos últimos dez anos, para o que muito contribuiu o Acordo Interinstitucional estabelecido entre a Universidade de Genebra (UNIGE) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Graças a esse acordo, um diálogo contínuo estabeleceu-se entre pesquisadores da Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UNIGE e do Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC/SP. Dentre esses pesquisadores, os contatos mais contínuos têm sido feitos entre os professores Dr. Jean-Paul Bronckart – que coordenava o grupo de Genebra até mais ou menos 1998 –, Dr. Bernard Schneuwly, Prof. Dr. Joaquim Dolz, Prof^ª. Dr^ª. Janette Friedrich, Prof^ª. Dr^ª. Gláís Sales Cordeiro, Dr^ª. Itziar Plazaola-Giger, do lado suíço; e as professoras Dr^ª. Roxane Rojo, Dr^ª. Maria Cecília Camargo Magalhães e Dr^ª. Fernanda Liberali, além de mim mesma, Anna Rachel Machado, do lado brasileiro (MACHADO, 2004, p. 1).

Machado (2009) quantifica o número de produções relacionadas a Gêneros Textuais editadas na internet antes e após a divulgação dos PCN:

A proposta de ensino dos gêneros de texto, feita pelo PCN para o Ensino de Língua Portuguesa para o terceiro e quarto ciclos (Brasil, MEC/SEF 1998), foi decisiva para o desenvolvimento de um número incalculável de pesquisas e de publicações sobre a questão dos gêneros, tanto sob o ponto de vista teórico quanto didático: veja-se que, em pesquisa realizada com Google Acadêmico, em 02/10/2007, constatamos que, de 1992 a 1996, as expressões "gêneros de texto", "gêneros de discurso", "gêneros textuais", "gêneros discursivos" são encontradas apenas em 13 páginas dessa ferramenta de busca, enquanto de 1997 a 2000, após a edição dos PCN, em 56 páginas e, finalmente, de 2001 a 2006 em 426 páginas (MACHADO, 2009 p. 26).

Da mesma forma, as orientações curriculares para o Ensino Médio, (OCEM), também fazem referência ao livro de Bronckart [1997] e ao livro de Schneuwly, Dolz *et. al.* (2004).

Machado (2009, p. 27) reconhece que a busca de resoluções imediatistas para os problemas do ensino brasileiro é que fizeram com que os pressupostos teóricos do ISD fossem abraçados de forma tão veloz pelos linguistas aplicados:

[...] podemos dizer que a entrada das ideias do ISD, a sua rápida aceitação na Linguística Aplicada (e às vezes, sua total rejeição) foi marcada no início, e - é preciso reconhecer - em alguns casos, até os dias atuais, por uma visão pragmaticista, dada a preocupação com resoluções imediatistas para os problemas do ensino brasileiro. Ao lado dessa preocupação, às vezes, há falta de uma leitura mais crítica das prescrições governamentais, que acabam determinando o rumo de muitas pesquisas em um processo de transposição que podemos qualificar de "invertido" no sentido de que foi a transposição desenvolvida pelos órgãos governamentais que determinou seu rumo e não o contrário, como a teoria da transposição preconiza (MACHADO, 2009, p. 29-30).

É oportuno mencionar que o trabalho dos pesquisadores brasileiros não se restringe à utilização da didática dos gêneros textuais teorizados pela equipe francófona conforme atestado por Machado:

Uma breve revisão bibliográfica da produção dos pesquisadores brasileiros do Grupo ALTER/CNPq deixa evidente que suas pesquisas não se constituem como uma simples "aplicação" dos princípios teórico-metodológicos e dos procedimentos didáticos propostos pelos pesquisadores genebrinos a outros contextos, mas, que, ao contrário, aprofundam esses princípios e renovam esses procedimentos, de modo criativo, de acordo com as diferentes situações de pesquisa enfrentadas, abrindo assim, espaços para sua transformação e desenvolvimento, assim como para a criação de novos procedimentos (MACHADO 2009, p. 35).

Machado (2009 p. 36-37) elenca algumas¹⁰ alterações e desenvolvimentos feitos por pesquisadores brasileiros no trabalho de sequências didáticas:

- a) ampliação da aplicação dos conceitos, princípios e procedimentos para a construção das sequências para o ensino de produção em língua materna também para os níveis iniciais de letramento até o nível de pós-graduação;
- b) extensão dessas metodologias também para o ensino de outras disciplinas, língua estrangeira e na formação inicial e continuada de professores;
- c) utilização das noções de capacidades e operações para a construção de modelo didático de gêneros para a avaliação de materiais didáticos e das capacidades de linguagem dos alunos na produção e na leitura de textos;

10 Para mais detalhes sobre os rumos e aportes da pesquisas brasileiras, recomendamos a leitura do livro organizado por Abreu-Tardelli e Cristovão "*O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*".

- d) trabalho de caracterização de múltiplos gêneros de texto, das mais diversas esferas de atividade, como gêneros da esfera do privado, da esfera jornalística, da esfera publicitária, da esfera acadêmica, da esfera ficcional, da esfera profissional e da esfera digital.

Consideramos que a metodologia ideal para se trabalhar com gêneros textuais, levando em conta o dialogismo bakhtiniano, o contexto, o nível de conhecimento que o aluno possui quando da primeira fase de diagnóstico, seria o professor desenvolver - juntamente com alunos, professores de outras disciplinas, pais de alunos, comunidade escolar e comunidade do entorno - um projeto temático que abarcasse variados gêneros segundo a necessidade do grupo e do momento histórico vivido. No entanto, sabemos das dificuldades enfrentadas pelos professores em administrar o tempo de preparação desses projetos¹¹, pois, além da preocupação em ministrar os conteúdos do currículo, a grande maioria desses profissionais exerce turno de trabalho duplo e alguns até trabalham em três turnos para obter um retorno financeiro razoável. Acreditamos que a crise no ensino vai além da questão didático-metodológica e passa também por mudança de vontade e ações políticas por parte dos responsáveis pela educação no país.

Muitos livros didáticos que tomam o ISD como pressuposto teórico têm sido publicados, mas existe ainda muito trabalho a ser feito, principalmente pela característica histórico-social, contextualizada e dialógica do construto teórico. Dessa forma, um recurso valioso para o professor utilizar em sala de aula ainda é o livro didático.

1.4. Gêneros de texto e a vertente didática

Bronckart (2007 [1999], p.75) define texto como

[...] toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão gênero de texto em vez de gênero de discurso.

Segundo o autor, os critérios para definir um gênero estão ligados:

11 Dentre algumas dificuldades no trabalho com gêneros textuais e sequência didática relatadas por Machado (2009, p. 41), faço menção ao problema de compatibilização para a realização de mestrado (24 meses), que, se não inviabiliza uma pesquisa de campo, dificulta bastante a sua realização. Se levada a efeito, o pesquisador tem apenas um período de 4 meses para aplicar a sua ideia, já que o primeiro ano está comprometido com a obtenção de créditos das disciplinas, e, no início do segundo semestre, o trabalho deverá estar praticamente formatado para o exame de qualificação. Resta dessa forma apenas o primeiro semestre (março a junho) para trabalhar a aplicação das hipóteses advindas das teorias aprendidas no ano anterior.

- ao tipo de atividade humana (gênero literário, científico jornalístico, etc.);
- ao efeito comunicativo visado (gênero épico, poético, lírico, mimético, etc.);
- ao tamanho ou à natureza do suporte utilizado (romance, novela, artigo de jornal, reportagem, etc.);
- ao conteúdo temático abordado (ficção científica, romance policial, receita de cozinha, etc.), dentre muitas outras formas de classificação (BRONCKART, 2007 [1999], p. 73)

A causa da existência de múltiplas classificações, explica Bronckart, deve-se à capacidade sempre renovadora das atividades desenvolvidas pelo homem e que requerem novas formas de apresentação do gênero. É necessário também considerar que muitos dos gêneros existentes são apenas parcialmente diferentes daqueles já “relativamente estabilizados”, dificultando a sua organização.

Já os segmentos que entram na composição dos gêneros são em número finito (segmentos de relato, de argumentação, de diálogo) e são produtos de um trabalho de semiotização ou de colocação em forma discursiva e Bronckart chama de tipos de discurso em vez de tipo textual (BRONCKART, 2007 [1999], p. 75)

Assim como Bakhtin postulou que todo enunciado é único devido à situação de produção, destinatário e agente produtor, Bronckart concorda que cada texto particular exibe características individuais por apresentar estilo próprio, isto é, apresenta traços de escolhas feitas pelo produtor individual e postula a noção de texto singular ou empírico.

Schneuwly (2004, p. 29) considera o gênero “como um “megainstrumento”, como uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação.” São megainstrumentos que medeiam, dão forma e viabilizam a materialização de uma atividade de linguagem. Dito de outro modo, é por meio dos gêneros, os quais servem de instrumento para a comunicação, que o agente produtor materializa um texto singular para aquele contexto e interlocutor específicos.

Como reconhecimento à importância de se levar os gêneros para a sala de aula, os PCNEM reiteram:

Se, na sala de aula, o estudante analisa textos com os quais convive fora da escola, as relações que faz entre os conteúdos disciplinares e sua vivência tornam-se muito mais significativas. Não se pode relevar a importância de suportes diversos dos livros-cuja leitura é tão cobrada nas aulas de literatura – e que se estendem à revista, ao jornal, à

enciclopédia, ao outdoor, para citar apenas alguns. Somente como leitores de múltiplos textos os alunos desenvolverão a contento sua competência textual (BRASIL, 2006, p.78).

Na perspectiva do Grupo de Genebra, os gêneros são utilizados para auxiliar no ensino/aprendizagem dos alunos quanto a três domínios: capacidades de ação (escolha de um gênero de texto conforme a situação de comunicação); capacidades discursivas (aprender a dominar os tipos de discurso existentes que requerem protótipos relativamente estáveis e capacidades linguístico-textuais (sintáticos, morfológicos, organizadores textuais, modalizadores, etc.) que asseguram a coesão e coerência de um texto.

1.4.1 Atividade social e linguagem

Bronckart (2007 [1999], p.31) lembra que em Léontiev a noção geral de atividade designa as organizações funcionais de comportamentos dos organismos vivos, através das quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna ou de conhecimentos sobre esse mesmo ambiente.

A linguagem, causa da evolução do ser humano, foi criada pela necessidade de comunicação particular, isto é, motivação social. Bronckart (2007 [1999], p. 33), apoiado na tese do agir comunicativo de Habermas, reflete: “A linguagem humana teria surgido sob o efeito de uma negociação prática ou inconsciente das pretensões à validade designativa das produções sonoras dos membros de um grupo envolvidos em uma mesma atividade”. Assim, a linguagem surgiu pela característica psíquica e social inerente ao ser humano.

Bronckart (2007 [1999]) apoia-se em Habermas para classificar três tipos de representação do mundo:

- 1) Mundo objetivo: os signos remetem a aspectos do meio físico;
- 2) Mundo social: os signos incidem também sobre a maneira de organizar a tarefa;
- 3) Mundo subjetivo: os signos incidem sobre as características individuais de cada ser humano engajado na tarefa (habilidade, eficiência, coragem, etc.).

Diante do exposto, Bronckart (2007 [1999]) afirma que todos os conhecimentos humanos apresentam um caráter construído coletivo. O subconjunto dessas construções coletivas estrutura-se em um mundo representado específico: o mundo social. Como esse mundo social regula as modalidades de acesso dos indivíduos aos objetos do meio, ele

condiciona as formas de estruturação do mundo objetivo e do mundo subjetivo.

Para o autor, a linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática. Ele apresenta outra função da linguagem que é da ordem do declarativo, na qual cada signo veicula um determinado significado (conjunto de representações particulares compreendidas em um significante coletivo).

Uma comunidade verbal é constituída por múltiplas formações sociais. Cada formação elabora modalidades particulares de funcionamento da língua, chamadas por Foucault (2008) de formações discursivas. Bronckart chamou a essas formações discursivas de formações sociodiscursivas que são mecanismos que, no próprio movimento, geram modalidades particulares de organização dos signos e chegam a formas variadas de “discurso” ou gêneros de textos. São essas formações que moldam os conhecimentos (objetos, conceitos, estratégias, etc.) dos membros de uma formação social de uma forma particular.

Bronckart (2007 [1999]) destaca duas consequências causadas por essa análise: a primeira é que uma língua não pode ser considerada como uma entidade única e homogênea. O autor insiste que uma comunidade verbal é resultado de múltiplas formações sociais: “toda língua apresenta-se como um conjunto de subsistemas encaixados, movediços e permeáveis, que são apenas apreensões estruturais abstratas das modalidades de funcionamento dos diferentes gêneros de textos, únicas realidades empiricamente atestáveis das línguas” (BRONCKART, 2007 [1999], p. 37).

A segunda consequência das formações sociodiscursivas é que os mundos representados são também marcados pelas semantizações particulares induzidas pelos gêneros de textos em uso. “[...] os mundos representados, constituindo o contexto das atividades humanas, embora já sejam condicionados pela semântica global da língua utilizada, são também marcados pelas semantizações particulares induzidas pelos gêneros de textos em uso” (BRONCKART, 2007 [1999], p. 37).

Ainda na perspectiva desse autor, a constatação de que a linguagem tem também um caráter histórico, pode parecer banal mas ainda existem correntes teóricas que não consideram essa realidade e ignorá-la pode fazer a diferença no resultado das aplicações teóricas.

O homem só tem acesso ao meio no quadro de uma atividade mediada pela língua. Como toda língua apresenta-se como uma acumulação de textos e de signos nos quais já estão cristalizados os produtos das relações com o meio, elaboradas e negociadas pelas gerações precedentes, podemos inferir que os mundos representados já foram

“ditos” bem antes de nós e os textos e signos que os constituíram continuam trazendo os traços dessa construção histórica permanente. Em um dado estado sincrônico, portanto, o locutor de uma língua encontra-se confrontado a esse duplo produto histórico dos mundos representados e dos textos já dados. [...] Toda produção textual está em interação com uma intertextualidade, em suas dimensões sociais sincrônicas e em suas dimensões históricas de traços de construções conceituais e discursivas dos grupos sociais precedentes. (BRONCKART 2007[1999], p. 37-38).

A nossa preocupação com este trabalho também foi direcionada para a questão social e histórica do uso da língua que, acreditamos, deve conduzir a prática pedagógica em sala de aula de forma a contribuir para o desenvolvimento das competências de compreensão e produção de textos considerados importantes e necessários para os jovens no contexto atual em que vivemos.

1.4.2. Ação e linguagem

Bronckart (2007 [1999]) dá o nome de ação à unidade de análise psicológica, ao que Ricouer e Habermas chamaram de ação significativa, e que Weber denominou de comportamento significativo mutuamente orientado e socialmente integrado.

Bronckart (2007 [1999], p. 39) mostra que a ação apresenta um estatuto duplo:

- 1) Parte da atividade social imputada a um ser humano particular;
- 2) É o conjunto das representações construídas por esse ser humano sobre sua participação na atividade, representações essas que o erigem a um organismo consciente de seu fazer e de suas capacidades de fazer, isto é, em um agente (ponto de vista interno).

Dessa forma, Bronckart (2007 [1999], p. 39) defende a tese de que:

[...] é o agir comunicativo que, ao mesmo tempo que é constitutivo dos mundos representados, é também o instrumento pelo qual as ações são delimitadas. Enfim mostraremos que, do mesmo modo que a atividade social em geral pode ser tomada sob o ângulo psicológico da ação, a atividade de linguagem também pode ser tomada, sob o mesmo ângulo, como ação de linguagem, imputável a um agente que se materializa na entidade empírica que é o texto singular.

O autor diz que para situar a significação do conceito de ação, é necessário opô-la ao acontecimento de forma simultânea. A ação constitui a unidade de análise reivindicada por Vygotsky, uma vez que mobiliza e coloca em interação as dimensões físicas (comportamento) e psíquicas (mentais) das condutas humanas.

Nesse sentido, os candidatos a uma vaga na UFGD, sujeitos de nosso estudo,

efetuem uma ação de linguagem, de natureza psicológica, que se concretiza num gênero de texto, neste caso, o artigo de opinião. Para isso, eles terão de colocar em ação seu conhecimento específico do tema proposto, estruturar o pensamento de forma a produzir o gênero de texto solicitado e materializá-lo em linguagem escrita. Podemos então esquematizar essa situação de ação de linguagem da seguinte forma:

Ação de linguagem escrita	
Espaço-tempo de produção	Sala de aula X, dia 10 de janeiro de 2010
Enunciador	Vestibulando
Destinatário	Banca Examinadora
Objetivo	Redigir um texto convincente o suficiente para receber uma nota que lhe permita ser aprovado no processo seletivo da UFGD

Quadro 2: Esquema da situação de ação de linguagem escrita

Bronckart (2007 [1999] p.40), com base em von Wright, concorda que “as condutas humanas podem ser descritas como acontecimentos, sistemas fechados de comportamentos envolvendo um estado inicial, um conjunto de transformações internas e um estado final”. A essa descrição de condutas humanas, o autor acrescenta que elas envolvem também um aspecto de intervenção intencional, o que justifica serem chamadas de ações. No entanto, continua Bronckart, citando von Wright, “para produzir o estado inicial de um sistema, um agente deve “intervir no curso das coisas”, decidir, exercer um poder, e o exercício desse poder, bem como sua orientação intencional estão numa relação de interdependência, pelo menos parcialmente” (BRONCKART, 2007 [1999] p.40). Podemos dizer, então, que a produção de um texto em situação de vestibular é uma ação de linguagem escrita.

Já que a dimensão da ação é específica das condutas humanas, reflete Bronckart, é, portanto, a ação como tal, que se constitui como objeto da psicologia e que deve ser cientificamente interpretada. Essa explicação, esclarece Bronckart (2007 [1999], p.41), “depende de uma compreensão das relações de caráter probabilístico, que se estabelecem e se desfazem, permanentemente, entre o mental e o comportamental”. Decorrente do exposto, a tese central do ISD é que a “ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (BRONCKART (2007 [1999], p. 43).

O quadro 2 acima, representativo do contexto de produção do *corpus* deste trabalho,

mostra a ação de linguagem que o vestibulando (candidato a uma vaga no curso de Letras da UFGD) deverá produzir para ser tido como aprovado.

[...] essas pretensões à validade são propriedades objetivas ou práticas da atividade humana. Desde que tal atividade seja mediada pelo agir comunicativo, essas pretensões se encontram automaticamente semiotizadas, verbalizadas ou ainda codificadas na atividade da linguagem. É por meio desse processo de avaliação social e verbal das modalidades de participação de um ser humano particular na atividade, à luz dos construtos coletivos que constituem os mundos, que as ações são - de fato - delimitadas em seu estatuto externo, isto é, como porções da atividade social imputáveis a um organismo humano particular. (BRONCKART, 2007 [1999], p. 43).

Para reforçar a tese de que a capacidade de ação passa por escolhas feitas a partir do conhecimento prévio do outro, Bronckart diz:

É na e pela avaliação das dimensões teleológicas¹², sociais e dramáticas do agir dos outros que estes são construídos como agentes dotados de capacidades cognitivas e comportamentais inferíveis de sua relação com o mundo objetivo, de um papel e de uma posição inferíveis de sua relação com as normas do mundo social e enfim, de propriedades mais pessoais, inferíveis do seu estilo próprio de participação na atividade. É, portanto, esse processo de avaliação que atribui aos outros capacidades de ação, intenções e motivos que os dota dessa responsabilidade particular na intervenção ativa, na qual se resume o estatuto de agente (BRONCKART, 2007 [1999], p. 43-44).

Motivados principalmente por um número maior de candidatos do que o número de vagas oferecidas, as Universidades mais concorridas selecionam rigorosamente os candidatos. É fato que a redação, nesse contexto de seleção, é um dos quesitos com peso significativo no processo de seleção. O estudante está consciente de que sua produção textual é objeto de avaliação da banca examinadora, que tem a função de atribuir notas àqueles que melhor demonstrarem a capacidade de ação de linguagem, de articular seu conhecimento adquirido sobre o tema proposto em exíguas trinta linhas. Bronckart fala dessa responsabilidade particular que deve ser assumida pelo ser humano:

Os seres humanos particulares se apropriam das capacidades de ação, dos papéis sociais e de uma imagem sobre si mesmos como agentes responsáveis por sua ação, [...] fazendo com que delimitem a ação em seu estatuto secundário ou interno: o de um conhecimento das diversas facetas de sua própria responsabilidade do desenvolvimento de partes da atividade social. [...] o ser humano, contribuindo praticamente para os julgamentos coletivos verbalizados, sabe que ele mesmo é objeto

¹² Teleológica: qualquer doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade (Dic. Houaiss, 2009)

dessas avaliações (BRONCKART, (2007 [1999], p. 44).

Afinal, reafirma Bronckart, a mais geral das decisões do agente consiste em escolher, dentre os gêneros de textos disponíveis na intertextualidade, aquele que lhe parece o mais adaptado e o mais eficaz em relação ao que se pretende naquele momento.

Nas análises das produções textuais dos candidatos a vestibular da UFGD, procuramos verificar se foram colocados em prática os recursos sociodiscursivos preconizados por Bronckart e adotados pelo Grupo da Escola de Genebra, mais especificamente neste trabalho, a aplicação das sequências argumentativas, explicativas e modalizações, que podem auxiliar a produzir um texto eficaz, dentro dos parâmetros discursivos de artigo de opinião.

1.4.3. Arquitetura interna dos textos

Segundo Bronckart (2007 [1999]), todo texto é constituído por três camadas superpostas: 1) a infraestrutura geral do texto, 2) os mecanismos de textualização e 3) os mecanismos enunciativos. A essa organização textual, Bronckart denominou de “folhado textual”. É importante salientar que, por motivos didáticos, quase sempre, as camadas do folhado textual são apresentadas como se fossem autônomas. Na verdade, elas são dependentes uma da outra, dialogam entre si. Assim, não adianta organizar um discurso com todas as fases das sequências propostas pelo ISD (infraestrutura geral), por exemplo, se não se faz a conexão entre os parágrafos, utilizando os conectivos (mecanismo de textualização) apropriados ao sentido que o agente empírico do texto idealizou ou não se conseguir, sutilmente, modalizar (mecanismo enunciativo) a voz do autor ou de um personagem como forma de melhor defender um ponto de vista. A seguir, faremos a explanação de cada uma dessas camadas do folhado textual.

1.4.3.1. Infraestrutura geral do texto

Considerado o nível mais profundo da organização textual, a infraestrutura geral do texto é constituída pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso, pelas sequências¹³ e outras formas de planificação (BRONCKART, 2007 [1999]).

a) Plano geral do texto

13 O foco deste trabalho estará centrado em sequências argumentativas e explicativas e modalizações.

O plano geral¹⁴ de um texto pode assumir formas totalmente distintas, uma vez que depende do gênero ao qual pertence e também porque a quantidade de gêneros existentes é ilimitada. A título de exemplo, o plano geral do *artigo de opinião* (redação 1 do *corpus* deste trabalho), poderia ser:

(1º) Tornou-se visivelmente ascendente a valorização e a contemplação da beleza na sociedade contemporânea. Essa prática é vista desde a antiguidade clássica, na qual os atributos físicos eram imprescindíveis mediante a população. Um exemplo que justifica essa opinião pode ser visto na civilização grega, principalmente em Esparta, na qual as crianças imperfeitas eram banidas socialmente.

(2º) Um típico exemplo também a ser mencionado são as clássicas histórias infantis, que desde cedo influenciam as crianças a se preocuparem com a aparência física. Quem nunca ouviu a famosa frase da bruxa na história da Branca de Neve: “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” mas pode ser considerado sequência narrativa

(3º) Todavia, essa valorização da beleza está se tornando mais intensa a cada dia. Em consequência, nota-se uma elevação nas questões prejudiciais ao ser humano, como o surgimento de muitas doenças, tais como a bulimia. A mídia também possui uma rigorosa influência na população. Dessa maneira, os corpos atléticos e aparentemente perfeitos aos olhos dos telespectadores passam a ser inquestionavelmente cobiçados e desejados.

(4º) É possível possuir um corpo saudável e viver harmonicamente em seu refúgio feliz com a balança. Para tanto, é de extrema importância a prática de exercícios físicos, e uma adequada e balanceada alimentação. Há também a necessidade da compreensão de que muitas atitudes e escolhas indevidas podem acabar por desestabilizar a harmonia dessa conflitante relação.

(5º) Dessa maneira, os cidadãos devem controlar sua “parte” narcisista e aprender a avaliar suas ações. Entender que os meios de comunicação em massa usam a ambição corporal do ser humano como marketing também é essencial. Assim, com atitudes reavaliadas e tomadas com consciência, tornar-se-á mais fácil a tentativa de nos livrarmos da escravidão a qual somos impostos pelas aparências corporais.

1. Valorização da beleza na antiguidade e na atualidade (1º parágrafo)
2. Exemplo de busca da beleza física em contos de fadas (1º parágrafo)
3. Consequência da busca exagerada da beleza a qualquer custo (3º parágrafo de “Todavia” até “bulimia”)
4. Influência da mídia nos valores referentes à beleza (3º parágrafo: de “A mídia” até “desejados”)
5. Busca do equilíbrio (4º parágrafo: de “É possível” até “balança”)
6. Prática de exercícios, alimentação saudável e discernimento (nova tese, 4º

14 Plano geral de texto: “é a organização de conjunto do conteúdo temático; mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo” (BRONCKART 2007 [1999], p. 120).

parágrafo, de “Para tanto” até “relação”)

7. Importância de não se deixar influenciar pela mídia e aceitar que cada ser humano é único (parágrafo 5º)

Segundo Bronckart (2007 [1999]), o plano textual global é a observação ou leitura de um texto para identificar conjuntos observáveis de ordem Semântica (temas e significações), de ordem léxico-semântica (escolhas lexicais e estruturais e suas implicações) e de ordem paralinguística (unidades paratextuais – quadros, imagens, esquemas – e unidades supratextuais – formatação de página, títulos, subtítulos, sublinhados, itálico, negrito).

b) Tipos de discurso

Bronckart postula que, independente do gênero a que pertencem, os textos são constituídos por segmentos de estatutos diferentes. São regularidades de organização e de marcação linguísticas que vão diferenciar um discurso de outro. Aquilo que Bakhtin chama de linguagem, língua, estilo, Bronckart denomina tipos de discurso.

Formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso. Elas são formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, em número necessariamente limitado. São formas correlatas à (ou reveladoras da) construção das coordenadas de mundos virtuais, radicalmente diferenciadas do mundo empírico dos agentes. Por isso, chamamos esses segmentos de **tipos de discurso**, e os mundos virtuais em que se baseiam de **mundos discursivos** (BRONCKART, 2007 [1999], p. 139).

Bronckart (2007 [1999]) faz uma divisão entre o mundo representado pelos agentes humanos e o mundo virtual, criado pela atividade de linguagem. Fazemos o resgate da explanação feita por Barros sobre os mundos discursivos:

- a) o *mundo do NARRAR*: quando as operações de construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático de um texto são apresentadas de maneira *disjunta* das coordenadas do mundo ordinário da ação de linguagem (exemplos: gênero *fábula*, *parábola*, *conto*).
- b) o *mundo do EXPOR*: quando as representações mobilizadas não estão ancoradas em nenhuma origem espaço-temporal e organizam-se em referência direta às coordenadas gerais do mundo ordinário da ação de linguagem em curso – em *conjunção* com tais coordenadas (exemplos: gênero de *verbete de dicionário dicionário*, *lista telefônica*) (BARROS, 2008, p.78)

Devido a essa característica de diferentes formas de produção textual, os tipos

psicológicos do mundo discursivo podem ser apresentados em um quadro de dupla entrada conforme Bronckart (2007 [1999]):

COORDENADAS GERAIS DOS MUNDOS DISCURSIVOS			
Relação ao ato de produção	Conjunção EXPOR		Disjunção NARRAR
	Implicação	Discurso Interativo	Relato interativo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

Quadro 3: Mundos discursivos - Fonte: Bronckart (2007 [1999], p. 157):

Esclarecemos que não faremos uma exposição mais pormenorizada dos tipos discursivos por não ser este o nosso objeto de análise.

c) Organização sequencial ou linear do conteúdo temático

As seqüências são modos de planificação de linguagem que ocorrem no interior do plano geral de texto e Bronckart trabalha com cinco classificações: narrativa, descritiva, dialogal, argumentativa e explicativa.

A **organização sequencial ou linear** do conteúdo temático é parte importante da infraestrutura textual. Bronckart retoma o sentido de macroestrutura, que é o conhecimento estocado na memória do produtor do texto de forma lógica e hierárquica, para explicar o funcionamento da organização sequencial do discurso em forma de enunciados.

Ao ressemiotizar o pensamento em um texto, esses conhecimentos tornam-se, necessariamente, objeto de uma reorganização, inserindo-se em estruturas sintáticas básicas (relações predicativas e/ou sintagmas) que são, por sua vez, organizadas no eixo do sucessivo. As macroestruturas disponíveis simultaneamente na memória, desenvolvem-se pois, em diversas formas de organização linear (planos, esquemas, seqüências, etc.) que, às vezes, têm sido denominadas de superestruturas textuais (BRONCKART, 2007 [1999], p. 217).

Apoiado em Adam, Bronckart (2007 [1999], p. 218) entende as seqüências como: “unidades estruturais relativamente autônomas, que integram e organizam macroposições, que, por sua vez, combinam diversas proposições, podendo a organização linear do texto ser concebida como o produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de seqüências”.

Nos textos empíricos, esses protótipos concretizam-se em tipos linguísticos variados, podendo ser realizadas todas as macroposições que definem o protótipo, ou apenas algumas delas. Além disso, pode haver múltiplas formas de encaixamento das macroposições, contanto que a estrutura hierárquica do conjunto da sequência seja preservada.

Bronckart baseou-se em Adam na abordagem¹⁵ dos tipos de sequências (macroproposição) e restringiu-as em cinco: *sequências narrativa, descritiva, dialogal, argumentativa e explicativa*. “Essas diferentes sequências podem ser combinadas em um texto, em várias modalidades (encaixamento hierárquico, mesclas, etc.) e é da diversidade das sequências e da diversidade de suas modalidades de articulação que decorre a heterogeneidade composicional da maioria dos textos”. (BRONCKART, 2007 [1999], p.219).

A seguir, faremos uma breve descrição dos tipos de sequências, lembrando que as duas últimas sequências (argumentativas e explicativas) são os objetos de análise desse estudo.

1) Sequência narrativa

A principal característica desse tipo de sequência reside na existência de um processo de intriga, em que a estrutura narrativa tenha início, meio e fim. A fim de dar uma ação dinâmica à narração, o início do enredo parte de “um estado equilibrado, cria-se uma tensão, que desencadeia uma ou várias transformações, o fim das quais um novo estado de equilíbrio é obtido” (idem, p. 220).

O protótipo padrão elaborado a partir de Labov e Waletzky (*apud* BRONCKART, 2007[1999], p. 220) consta de cinco fases principais (1 a 5), cuja ordem de sucessão é obrigatória e de mais duas fases (6 e 7) que dependem do posicionamento do narrador em relação ao enredo e por isso não precisam estar na sequência apresentada:

1. fase de situação inicial,
2. fase de complicação,
3. fase de ações,
4. fase de resoluções,
5. fase de situação final,
6. fase de avaliação,
7. fase de moral.

¹⁵ Apesar de este princípio teórico ter sido fundamentado por Adam, este trabalho está apoiado basicamente em Bronckart.

2) Sequência descritiva

Nesse tipo de sequência, não é necessário obedecer-se a uma ordem linear na organização das fases, mas as sequências devem combinar-se e encaixar-se em uma ordem vertical. Bronckart (2007 [1999]) cita três fases principais nesse tipo de sequência:

1. fase de ancoragem: tema-título que pode aparecer em qualquer parte do enunciado,
2. fase de aspectualização: em que o tema é decomposto em partes,
3. fase de relacionamento: em que se faz a relação entre os elementos descritos por meio de comparações ou metáforas.

3) Sequência dialogal

Essa sequência aparece apenas nos segmentos de discursos interativos dialogados, estruturados em turnos de fala. Bronckart (2007, p. 231) organiza a sequência dialogal em três níveis encaixados:

1. fase de abertura, fase de contato inicial entre os interlocutores;
2. fase transacional
3. fase de encerramento

4) Sequência Argumentativa

Quando o produtor de texto tem diante de si um tema polêmico, tende a organizar esse objeto de discurso em uma sequência argumentativa. O raciocínio argumentativo implica, em primeiro lugar, a existência de uma tese, supostamente admitida, a respeito de um tema. Sobre essa tese anterior são propostos dados novos que são objeto de um processo de inferência que orienta para uma conclusão ou nova tese. Já o contra-argumento é uma nova proposta para contra-atacar a tese apresentada anteriormente. Trata-se de um recurso valioso para convencer o leitor a concordar com o ponto de vista defendido pelo autor, pois permite comparar e aferir de modo mais democrático um tema sob dois pontos de vistas diferentes. No quadro do processo de inferência, esse movimento argumentativo pode ser apoiado por

algumas justificações ou suportes, mas pode também ser moderado por restrições.

A semiotização desse raciocínio argumentativo em um segmento de texto geralmente economiza a exposição da tese anterior (essa é pressuposta) e só concretiza o processo de inferência por meio dos diferentes tipos de suportes e de restrições explicitados.

Assim, o protótipo da sequência argumentativa apresenta-se em quatro fases:

- 1) fase de **premissas (tese)** em que se propõe uma constatação de partida;
- 2) fase de **apresentação de argumentos**, isto é, de elementos que orientam para uma conclusão provável, podendo ser esses elementos apoiados por lugares comuns, regras gerais, exemplos, etc
- 3) a fase de apresentação de **contra-argumentos**, que operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser apoiados ou refutados por lugares comuns, exemplos, etc.;
- 4) fase de **conclusão** (ou de **nova tese**) que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

Apresentamos a seguir um exemplo de texto que contempla as quatro fases da SA (red. 7 do *corpus* deste trabalho):

(1º) Para mim, a definição de beleza está em constante mutação, porém, atualmente nos encontramos na fase onde o belo significa literalmente um corpo perfeito, cabelos perfeitos, pele perfeita e que a busca por esse ideal deve ser alcançada a qualquer preço; i.e., a “luta” para atingir esse estereótipo que torna homens e mulheres cada vez mais desfigurados.

(2º) As mulheres, em sua maioria, permitem-se ser vítimas do paradigma da beleza sujeitando-se a grandes riscos e graves consequências. A individualidade desaparece a cada instante; revistas estampam em suas capas “vista-se como...”, “copie o cabelo...” e quase sem perceber, passamos a ser nada mais que bonecas em cama de hospital.

(3º) Vemos diariamente, principalmente na televisão, pseudo-celebridades que alcançam a fama somente por seus atributos físicos. A mídia que ora defende a individualidade em um piscar de olhos é o carrasco, nos expondo ao paradigma de que as mulheres precisam somente da beleza – mesmo que artificial – como o único artifício para total realização.

(4º) Com essas influências externas passamos a confundir a boa aparência com ideal de beleza. Aprendemos a deixar a essência pessoal em segundo plano, quase intocada, esquecida. Costumava pensar que a “gordinha bem resolvida” era uma máscara para fugir dos julgamentos da sociedade, após certa dose de discernimento, pude ver, de fato que a gordinha bem resolvida é muito mais feliz que a magra que se acha gorda.

(5º) Estamos ensinando aos pequenos que a aparência física substitui o caráter, que a saúde só deve ir ao encontro da busca pelo corpo perfeito. A quebra de paradigmas começa em pensamentos e atitudes, e Vinícius de Moraes que me desculpe, mas beleza não é fundamental.

As sequências argumentativas e explicativas na redação 7 estão distribuídas em: Tese inicial (par. 1º). Em seguida, identifica dois argumentos para subsidiar a premissa: busca pelo corpo perfeito. Arg 1 (Par. 2º): “A individualidade... hospital”) ; Arg 2 (Par. 3º): “Vemos diariamente... atributos físicos”). A partir desse segmento, o agente-produtor introduz um contra-argumento (Par. 3º “A mídia...Par. 4º esquecida”). À tese 2, defendida pelo agente produtor, no final do par. 5º (a beleza não é fundamental) temos o argumento no (Par. 4º). A conclusão (Par. 5º: A quebra... atitudes).

Esse modelo pode ser realizado de modo simplificado - passar diretamente da premissa à conclusão, deixando implícitas as outras fases do protótipo, mas pode também ser realizado de modo mais complexo - explicitação da tese anterior, entrelaçamento dos argumentos e dos contra-argumentos, desenvolvimentos múltiplos do suporte de uns e /ou dos outros, etc.

Com base nos estudos de Adam, Bronckart (2007 [1999], p. 225) afirma que o objetivo global dos estudos de argumentação é:

[...] descrever os processos de lógica natural, isto é, os processos de pensamento ou de raciocínio, não como podem ser modalizados, segundo as leis da matemática, mas como efetivamente se desenvolvem nos textos existentes nas línguas naturais. Esses processos de raciocínio semiológico são descritos, pela escola de Grize ¹⁶, em termos de esquematizações de objetos de discurso, as quais assumem formas diversas, em particular, a forma argumentativa e a forma explicativa.

Bronckart (2007 [1999]) apoiando-se em Grize, revela o caráter dialógico das sequências argumentativas e explicativas o qual consiste em considerar que, quando o enunciador julga que o interlocutor não vai entender determinado objeto do discurso, ele utiliza o recurso da sequência explicativa. Por outro lado, se o agente produtor considera que o objeto do discurso será contestado, o enunciado será organizado em sequência argumentativa. E pode ocorrer também de o produtor do texto utilizar as duas sequências em um mesmo texto.

16 Jean-Blaize Grize líder da escola de Neuchâtel, desenvolve uma perspectiva sobre a argumentação fundada na lógica natural, no interior da qual propõe a noção de “esquematização”. Um esquema constitui uma representação discursiva por definição parcial e seletiva de uma realidade construída pelo discurso; a esquematização se refere tanto a atividades de construção (a enunciação) quanto ao resultado (o enunciado). Mediante essa noção, Jean-Michel Adam propõe uma análise pragmática dos conectores argumentativos, dos atos de discurso e da performatividade, das marcas pessoais do orador, que permite estudar o ethos* em suas relações de troca com o logos** e o páthos ***. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. Amossy (2005, pp. 24-25)

5) Sequência explicativa

O raciocínio explicativo origina-se na constatação de um fenômeno incontestável. Como essa constatação apresenta-se incompleta, necessita-se explicar as contradições aparentes que poderia suscitar. Esse desenvolvimento é realizado por um agente autorizado e legítimo que explicita as causas e as razões da afirmação inicial, assim como as das questões e contradições que essa afirmação suscita. No fim desse desenvolvimento, a constatação inicial encontra-se reformulada e geralmente enriquecida.

Esse raciocínio explicativo apresenta-se, geralmente, na forma de uma sequência bastante simples cujo protótipo compõe-se de quatro fases:

- 1) **a fase de constatação inicial**, que introduz um fenômeno não contestável (objeto, situação, ação);
- 2) **a fase de problematização**, em que é explicitada uma questão da ordem do porquê ou do como, eventualmente associada a um enunciado de contradição aparente;
- 3) **a fase de resolução** (ou de explicação propriamente dita), que introduz os elementos de informações suplementares capazes de responder às questões colocadas;
- 4) **a fase de conclusão-avaliação**, que reformula e completa eventualmente a constatação inicial.

1.4.4. Mecanismos de textualização

Os mecanismos de textualização¹⁷ dizem respeito à progressão do conteúdo temático. Mais especificamente, visam a assegurar a coerência temática do gênero, por meio de uma hierarquia de articuladores que garantem a linearidade, a lógica e a temporalidade do texto. Destacam-se como elementos constituintes dessa camada:

- a) a conexão – organizadores textuais que podem ser aplicados ao plano geral do texto, à transição entre tipos de discurso, etc.

¹⁷ Esclarecemos que esse item não será objeto de um estudo mais extenso já que nosso foco está nas modalizações e sequências argumentativas e explicativas.

- b) a coesão nominal – sobretudo elementos constituintes dos processo anafóricos no espaço textual;
- c) a coesão verbal – elementos mantenedores da organização temporal e/ou hierárquica de processos (estado, acontecimento, ação).

1.4.5. Mecanismos enunciativos

Os mecanismos enunciativos possibilitam a manutenção da coerência pragmática constituída no texto, “explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas as respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e, de outro, as próprias fontes de avaliações: quais são as instâncias que as assumem [...]?” (BRONCKART, 2007, p. 319). Nessa camada, relacionam-se: a) as modalizações¹⁸ – avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático, que evidenciam intenções do texto; b) o posicionamento enunciativo e as vozes do texto – envolvem as intenções do produtor, as condições de produção e a situação de recepção do texto.

a) Modalizações

As modalizações têm a finalidade de traduzir os comentários ou as avaliações a respeito de aspectos do conteúdo temático. Estas avaliações/comentários são locais e discretos, no dizer do autor, e podem aparecer em qualquer nível do folhado textual. Elas pertencem, desse modo, à dimensão configuracional e contribuem para a instituição da coerência pragmática ou interativa, além de dar um direcionamento interpretativo ao destinatário. Pela sua própria natureza, determinados gêneros, como propagandas, cartas de leitor, artigos de opinião, editoriais, resenha crítica, serão contemplados com maior número de modalizações e, em outros, gêneros como manuais de instrução, leis, contratos, estas são quase inexistentes.

O ensino das modalizações deve, primeiramente, levar em consideração que o seu uso será feito de acordo com as escolhas do aluno em relação às suas intenções e objetivos para o convencimento de seu público.

As competências e habilidades presentes nos PCNEM (BRASIL, 2006, p.55)

¹⁸ As modalizações, como um dos itens analisados no *corpus* deste trabalho, foi motivo de um estudo mais aprofundado.

possibilitam perceber que o ensino de língua portuguesa, atualmente, tem a função primordial de possibilitar ao estudante do Ensino Médio, o desenvolvimento da capacidade crítica, a capacidade de se expressar linguisticamente em diferentes situações e o desenvolvimento da capacidade de leitor efetivo em diferentes contextos.

Bronckart (2007 [1999], pp.330-332) apresenta quatro tipos de modalizações que podem ser detectadas no texto através de marcas linguísticas específicas.

1) Modalizações lógicas

Servem na avaliação de elementos do conteúdo temático apoiada em conhecimentos do mundo objetivo “sob o ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados, possíveis, eventuais, necessários, etc.”. São comuns marcas linguísticas como *talvez; é evidente que; provavelmente;* entre outros, e, frequentemente, verbos no futuro do pretérito do indicativo. Neste exemplo: “Bonitas na Grécia eram as que tinham corpos cheios e arredondados pois significavam fartura. Acreditava-se que as mulheres com essas características estavam mais próximas das deusas” (Red. 9); o agente produtor faz uma avaliação do conteúdo temático do texto quando utiliza a oração principal “acreditava-se que”, que expressa uma condição de verdade analisada sob a ótica dos gregos clássicos.

2) Modalizações deônticas

Servem na avaliação de alguns elementos do conteúdo temático pela utilização de expressões que traduzem valores, opiniões e regras do convívio social, “apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas de uso”. (BRONCKART, 2007 [1999], p.331). São marcadas pelos verbos auxiliares, advérbios e orações impessoais. No exemplo citado a seguir, o estudante avalia alguns elementos temáticos da proposta de redação ressoando a voz de profissionais da saúde, pais, religiosos (voz social) com o objetivo de marcar essa avaliação, faz uso de modalizador (verbo auxiliar de modo: poder mais o verbo: prejudicar). “É importante ressaltar que muitas pessoas por motivos profissionais e pessoais se sacrificam para diminuir e manter as mínimas medidas possíveis, fazem inúmeras cirurgias para modificar seu biotipo e investem recursos financeiros absurdos na indústria de cosméticos e

serviços da área. Esse fascínio desordenado das pessoas em fazerem parte do mesmo padrão pode prejudicar a saúde e o bem estar.” (Red. 11). A busca pelo padrão de beleza apresentado pelas modelos e atrizes que modificam até o biotipo por meio de cirurgias é uma atitude temerária no julgamento de personagens que representam a época retratada pelo autor.

3) Modalizações apreciativas

Assinalam as avaliações que provêm do mundo subjetivo da voz originária dos julgamentos, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos, etc. , do ponto de vista da entidade avaliadora. São linguisticamente marcadas por advérbios ou orações adverbiais e mais envolvimento do agente produtor ao utilizar pronome de primeira pessoa. No exemplo: “Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais. Talvez seja por isso que o mundo vive em decadência moral: egoísmo, falsidade, vícios, depressão, insegurança, superficialidade.” O advérbio *talvez* marca uma apreciação subjetiva avaliando o conteúdo temático, além de fornecer pistas para a leitura.

4) Modalizações pragmáticas

Auxiliam a evidenciar “aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (pensamento, grupo, instituições) em relação às ações, intenções, razões (causas, restrições, etc.), etc., ou ainda, capacidades de ação” (Bronckart, 2003, p.332). A modalização pragmática, geralmente, é marcada pelos verbos auxiliares poder, querer, dever. Elas “introduzem um julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, principalmente sobre a capacidade de ação (o poder fazer), a intenção (o querer fazer) e as razões (o dever fazer)” (idem, p. 132). Exemplo: “Com o advento do capitalismo, porém, cada vez mais, a beleza perde esses valores. O corpo vincula-se à mercadoria e o consumo controla as relações entre as pessoas. Como produtos, devemos chamar a atenção logo no primeiro instante, ter boa aparência, abominar qualquer falha ou defeito externo que possa comprometer a imagem positiva que o consumidor deve captar – não importa o que haja dentro da embalagem, atrás do rótulo ou sob o embrulho. Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais.” (Red. 4). O vestibulando fez uso de cinco modalizadores auxiliares com

habilidade ao fazer uso dos verbos auxiliares: (dever) “devemos chamar”, “deve captar”, “devemos fazer”, “devemos ser” e do verbo auxiliar (poder): “possa comprometer”, com o objetivo de dar direcionamento pragmático ao desenvolvimento de sua linha de raciocínio.

Apresentamos a seguir, um quadro com as **modalizações** redefinidas por Bronckart:

Modalizações	Características	Marcações	Exemplos
Lógicas	Crítérios que definem o mundo objetivo e apresentam proposições julgadas como certas (É evidente que) , possíveis ou prováveis (produziria talvez), eventuais, necessários (é necessário).	– uso de orações impessoais (pretendeu-se, é bom); – tempo verbal mais usado: condicional; – uso abundante de verbos auxiliares; - abundância de advérbios e locuções adverbiais.	É possível possuir um corpo saudável e viver harmonicamente em seu refúgio feliz com a balança. Redação 1.
Apreciativas	Julgamentos subjetivos , nos quais os fatos são apresentados como bons, maus, estranhos; mais envolvimento do agente-produtor.	-uso de pronome de 1ª pessoa;. -uso abundante de advérbios (felizmente,espantosamente, infelizmente, francamente, surpreendentemente, lamentavelmente, curiosamente); - orações adverbiais.	A proximidade com a natureza nos torna mais instintivos, biológicos e, portanto, a aparência possuía finalidade <u>meramente</u> reprodutiva. Redação 4.
Deônticas	Julgamentos feitos por meio de vozes sociais ; atribuem um peso moral a um elemento do enunciado.	– Uso de orações impessoais (pretendeu-se, é bom); – tempo verbal mais usado: futuro do pretérito; – uso abundante de verbos auxiliares; - abundância de advérbios e locuções adverbiais	Já nos dias de hoje, basta ter um corpo definido que é linda, <u>não precisa ser</u> inteligente, educada e muito menos simpática para isso acontecer. Redação 6.
Pragmáticas	Opiniões/ julgamentos que apontam o que deveria ser feito.	Preferencialmente marcados por meio dos verbos auxiliares de modo: a. poder fazer; b. querer fazer; c. dever fazer.	Somos animais, sim, mas <u>possuímos algo que os outros não têm</u> – a inteligência que nos torna críticos e nos permite avaliar com profundidade o ambiente a nossa volta. Por intermédio dela <u>podemos escolher</u> o que queremos individualmente e fazer valer nossa condição de racionais, não automáticos, nem instintivos. Redação 4.

Quadro 4: Modalizações para o ISD (refeito a partir de Deganutti, 2008, p. 156).

O produtor do texto em referência (redação 7) atribuiu a todos os personagens (inclusive a si mesmo, ao utilizar o verbo na primeira pessoa do plural) a responsabilidade pela ação em função do processo desencadeado pela proposição do enunciado. Por isso, os indivíduos, considerado-se produtos de consumo na sociedade capitalista, arriscam a própria

vida em busca de pertencimento ao grupo idolatrado: ter o biotipo que a sociedade adotou como modelo de beleza.

b) Posicionamento enunciativo e a vozes

Na definição de quem seria o autor do texto, Bronckart diz que todo texto oral ou escrito procede do ato material de produção de um organismo humano. Dessa forma, do ponto de vista mental e comportamental, o autor do enunciado é o próprio produtor do enunciado.

Já quanto à questão de quem seria o responsável pelo texto, continua Bronckart, é preciso repensar o estatuto das *representações* acionadas em qualquer produção textual, já que qualquer pessoa pode dizer ou escrever um texto, mesmo não sendo seu autor. E “essas representações são construídas na interação com as ações e os discursos dos outros e, mesmo quando são alvo de uma reorganização singular, resultante da dimensão experiencial própria de cada pessoa, continuam portando os traços dessa alteridade” (BRONCKART 2007, p. 321).

Bronckart (2007, [1999]) observa que, em qualquer ação de linguagem, as vozes que constituem o discurso podem estar explícita ou implicitamente demarcadas, mas que nem sempre são traduzidas por marcas linguísticas específicas, devendo, nesse caso, ser inferidas no processo textual.

As vozes do texto podem ser denominadas da seguinte forma:

1. **voz neutra**: instância geral da enunciação;
2. **voz do autor empírico**: origem da produção textual;
3. **voz social**: voz de outras pessoas e/ou instituições exteriores ao conteúdo temático do texto;
4. **voz dos personagens**: voz de seres humanos/instituições que estão implicadas no percurso temático.

Neste trabalho, não pretendemos nos aprofundar na abordagem das vozes presentes nas redações dos vestibulandos, pois o trabalho ficaria por demais extenso. Deixamos essa tarefa, portanto, para uma pesquisa futura.

1.4.6. Artigo de Opinião

Nesta seção, faremos uma explanação sobre o Gênero Artigo de Opinião por ter sido essa a modalidade escolhida pela comissão de redação da UFGD no ano de 2010 .

Os artigos de opinião que circulam em jornais, revistas, e mais recentemente na mídia digital, tratam de questões polêmicas de interesse da coletividade. É, portanto, condição indispensável para a produção de um artigo de opinião, que se tenha uma questão controversa a ser debatida, referente a um tema específico capaz de suscitar polêmica em determinados círculos sociais.

O trabalho com esse gênero proporciona melhor entendimento dos conceitos e valores segundo vários pontos de vista, contribuindo para um crescimento equilibrado enquanto cidadão. É por meio desse instrumento que o aluno pode manifestar uma opinião diante de fatos e assuntos controversos, confrontando, observando, analisando e extraindo o que realmente será útil em sua vida, exercitando assim, o senso de discernimento. Compreender e produzir artigos de opinião é uma forma de participar de forma mais ativa dos problemas e necessidades da realidade da sua comunidade e do mundo.

O agente-produtor, que vai elaborar esse gênero de texto, deve conhecer o conteúdo do tema a desenvolver, os recursos linguísticos e o estilo. Segundo Perfeito (2006), a organização da estrutura de um artigo de opinião, de maneira geral, teria os seguintes elementos – apesar de não existir uma ordem específica para esses elementos e nem todos precisarem aparecer num mesmo artigo de opinião:

1. Contextualização e/ou apresentação da questão que está sendo discutida.
2. Explicitação do posicionamento assumido.
3. Utilização de argumentos para sustentar a posição assumida.
4. Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida.
5. Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.
6. Retomada da posição assumida.
7. Possibilidades de negociação.
8. Conclusão (ênfase ou retomada da tese ou posicionamento defendido).

O produtor do artigo de opinião, segundo Bauer-Uber (2008), tenta explicitar para o

interlocutor sua própria imagem, pois no texto deixa transparecer seus conhecimentos sobre o assunto tratado e sobre tudo o que o tema envolve, ao mesmo tempo em que emite seu posicionamento, sustentado por argumentos, utilizando-se da razão e da lógica. Ocorre, nesse sentido, um “diálogo” comunicativo entre autor e leitor, pois o texto é um discurso escrito que serve para discutir ideologias, por estar respondendo a alguma coisa, refutando, confirmando, antecipando respostas em potencial, entre outros.

No dizer de Gonçalves, determinados elementos discursivos e linguísticos-discursivos são decisivos na tarefa de persuadir o interlocutor:

[...] quando o sujeito elabora um texto expositivo-argumentativo, cuja principal finalidade é persuadir, convencer o interlocutor, este sujeito deve imprimir ao seu discurso as seguintes qualificações: argumentatividade, progressão e repetição, congruência, não-contradição e a expansão de trechos pouco desenvolvidos. Desse modo, ao realizá-los sobre o seu discurso, estará o sujeito direcionando sua linguagem para o outro; terá, então, provavelmente, transformado a linguagem monológica em dialógica (GONÇALVES 2002, p. 21)

Ainda quanto ao dialogismo, é importante ressaltar que quando um artigo de opinião é fundamentado apenas nas impressões pessoais e no ponto de vista do autor do texto, sua justificativa para a defesa do tema em discussão mostra-se inconsistente e de difícil convencimento. Por isso, o recurso à citação de autores especializados e credenciados, buscando em outras vozes um discurso já consagrado e aceito, poderá trazer benefícios ao objetivo a que se propôs o agente produtor. É o que se chama de texto com fundamentação, bem alicerçado, documentado.

Produzir um artigo de opinião segundo a perspectiva do ISD, significa, utilizar os três extratos *do folhado textual*: a infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e o mecanismos enunciativos. Há que se considerar, no entanto, que o quadro teórico e metodológico proposto por Bronckart, (2007 [1999] p. 120), com base em Adam, Habermas e outros autores, tem um caráter parcialmente artificial, como reconhecido pelo próprio idealizador: “Entretanto, como qualquer distinção metodológica, esse esquema apresenta um caráter parcialmente artificial e nossas análises poderão apenas imperfeitamente fazer justiça às múltiplas interações existentes entre os três níveis”.

Conhecer e entender a linguagem do gênero jornalístico-opinativo permite ao aluno uma visão menos romantizada sobre as verdadeiras intenções desse texto, tornando-o mais crítico e responsável com a escrita na análise do fato veiculado.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DE TRABALHO

Neste capítulo, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados para o tratamento do *corpus*. Explicitamos a geração de dados do *corpus*, além da organização das categorias definidas para a obtenção de resultados mais precisos da análise em questão.

Visando realizar um estudo descritivo-interpretativo do *corpus*, a partir da fundamentação teórica exposta no capítulo 1, desenvolvemos uma análise de produções de texto no vestibular, selecionadas a partir de uma amostra de provas de Redação do Vestibular UFGD/2009/2010, disponibilizadas pelo Centro de Seleção da UFGD, por meio de Comunicação Interna dirigida ao referido Setor em abril de 2010. São, em síntese, 50 produções escritas dos candidatos mais bem avaliados no vestibular do Curso de Letras¹⁹. Em seguida, foram digitadas as produções escritas. Tal formato facilitou o estudo, sobretudo na fase de interpretação dos dados, destinadas às sequências tipológicas e às modalizações. É importante ressaltar que a ‘digitação’ dos textos manteve-se fiel ao formato e à constituição original dos textos apresentados. Desse modo, todas as construções gramaticais, ortográficas e pontuações foram mantidas exatamente como os candidatos as produziram.

Esclarecemos que do total de 50 unidades do *corpus*, 10 produções²⁰ estarão no corpo do texto, com as devidas interpretações e gráficos representativos de cada uma. As demais 40 produções estão analisadas, entrarão no todo para efeito de cômputo geral e foram inseridas no Anexo II desta Dissertação, e contribuirão com uma representatividade que nos permita elaborar as hipóteses e as considerações finais.

O critério para selecionar as redações que seriam analisadas foi baseado em produções que contemplassem pelo menos alguns dos objetos do nosso estudo: as fases de sequências argumentativas, as fases de sequências explicativas e as modalizações.

A partir das produções dos estudantes, procuramos entender como se deram as sequências tipológicas e os mecanismos enunciativos produzidos pelos estudantes, em situação de vestibular. Para efeitos de pesquisa, vamos analisar apenas as sequências argumentativas e explicativas, bem como as modalizações, já que elas constituem a maior frequência na modalidade de gênero artigo de opinião.

Ao apoiarmo-nos na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise do

19 Esta pesquisa reitera, de certa forma, o trabalho de análise de Costa Val (1999), ainda que os objetivos de pesquisa sejam díspares.

20 Essas 10 redações foram também digitalizadas para viabilizar confrontação com a versão digitada, se necessário. Disponíveis no Anexo IV.

corpus, tivemos o propósito de demonstrar que as produções contempladas com as fases completas do protótipo de sequência argumentativa²¹ e de sequência explicativa²² são mais convincentes. Isso acontece porque, quando um texto é escrito considerando-se o dialogismo, percebe-se que o agente-produtor procura levar em consideração o interlocutor, antecipando possíveis objeções/teses opostas às do enunciador. Não queremos com isso afirmar que os agentes-empíricos conhecessem a teoria e que a tivessem utilizado no *corpus*, e muito menos o contrário.

Por outro lado, é importante considerar que o produtor do texto pode ter preferido não escrever de forma tão minuciosa ou usou o recurso do contra-argumento justamente porque já conhecia o seu interlocutor, os seus valores, a sua cultura e seus sentimentos. O objetivo principal foi tentar analisar os processos da lógica e da intenção do enunciador no momento da produção textual. Uma vez que este é um trabalho ancorado nos pressupostos do ISD, foram considerados os interlocutores em potencial (banca examinadora) e os interlocutores “acidentais” (pesquisadores, leitores de trabalhos acadêmicos, a interação entre o agente-produtor do texto (vestibulandos), etc.). Coube-nos a função não só de decodificar os sinais exteriores do texto, mas de tentar apreender o que está implícito, fazer a relações de sentido do conjunto de situações que fizeram com que o vestibulando optasse por determinados modalizadores, bem como pela forma de organizar as sequências tipológicas. É o que ensina Koch (2004, p. 25):

Assim sendo, a mera codificação dos sinais emitidos pelo locutor não é de modo algum suficiente: cabe ao ouvinte/leitor estabelecer, entre os elementos do texto e todo o contexto, relações dos mais diversos tipos, para ser capaz de compreendê-los em seu conjunto e interpretá-los de forma adequada à situação. Entre as atividades realizadas para tal fim, a produção de inferências desempenha um papel particularmente relevante. Nenhum texto apresenta de forma explícita toda a informação necessária à sua compreensão: há sempre elementos implícitos que necessitam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade de produção do sentido.

A maior dificuldade em realizar as análises, cremos, está no fato de que cada leitura pode conduzir-nos a uma conclusão diferente. É exatamente o alerta feito por Koch (2004, p. 26):

21 Fase completa de Sequência Argumentativa: Premissa/Tese>Argumento>Contra-argumento>Conclusão

22 Fase completa de Sequência Explicativa: Constatação Inicial>Problematização>Resolução>Avaliação ou Conclusão.

É pelo fato de que as inferências produzidas por ocasião da compreensão dependerem em grande parte do conhecimento de mundo do ouvinte/leitor e da ativação desse conhecimento na interlocução que se explica que diferentes leitores possam construir leituras diferentes para um mesmo texto (e que o mesmo leitor, em momentos diferentes, possa ler o texto de formas diferentes).

Um exemplo dessa falta de consenso entre diferentes pesquisadores ou mesmo por parte de um mesmo pesquisador, são as diferentes hipóteses de classificação de modalizações, sequências argumentativas e sequências explicativas da redação número 4 do *corpus* deste trabalho;

A percepção do ambiente através dos sentido é inerente aos animais, inclusive ao homem. Assim, da mesma forma que uma abelha é atraída pela beleza e pelo perfume da flor, **nós, seres humanos, somos primeiramente fisgados pela beleza física do outro.** [TESE].

Entretanto, por trás de uma flor atraente, muitas vezes há uma planta carnívora. [CONTRA-ARGUMENTO DO ARGUMENTO 1 QUE APARECE NO PARÁGRAFO SEGUINTE].

Essa simples comparação ilustra um grande dilema da sociedade ocidental capitalista moderna: o jogo essência versus aparência. [ARGUMENTO 1]

Durante o período de evolução da espécie humana, quando vivíamos a transição do nomadismo para o sedentarismo, não havia nenhum tipo de acúmulo ou propriedade, a beleza não existia num conceito. [SEQUÊNCIA NARRATIVA (VERBOS NO PRETÉRITO) MAS FUNCIONA INTEGRANDO-SE AO ARGUMENTO 2.]

A proximidade com a natureza nos torna mais instintivos, biológicos e, portanto, a aparência possuía finalidade meramente reprodutiva. [NÚCLEO DO ARGUMENTO 2]

Mais tarde, no auge do Império grego, através da arte, dos esportes e da mitologia, a beleza adquiriu conceito. Em seu bojo, estavam a simetria, a sustentação, e o equilíbrio, relacionando-a à escultura e à arquitetura; a força, a saúde do corpo e da mente, relacionando-a aos jogos olímpicos, que exploravam habilidades diversas, a sabedoria, a experiência, a elevação, a pureza e o pudor, relacionando-a à mitologia [SEQUÊNCIA NARRATIVA-FASE DAS AÇÕES. AQUI HÁ UM DIÁLOGO COM SEQUÊNCIA DESCRITA DE AÇÃO. INTEGRA-SE AO ARGUMENTO 3.]

Com o advento do capitalismo, porém, cada vez mais, a beleza perde esses valores. O corpo vincula-se à mercadoria e o consumo controla as relações entre as pessoas. [ARGUMENTO 3]

Como produtos, devemos chamar a atenção logo no primeiro instante, ter boa aparência, abominar qualquer falha ou defeito externo que possa comprometer a imagem positiva que o consumidor deve captar– não importa o que haja dentro da embalagem, atrás do rótulo ou sob o embrulho. Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais. [JUSTIFICATIVA DO ARGUMENTO POR MEIO DE SEQUENCIA EXPLICATIVA QUE VAI SE INTEGRAR AO ARGUMENTO 3]

Talvez seja por isso que o mundo vive em decadência moral: egoísmos, falsidade,

vícios, depressão, insegurança, superficialidade. [ARGUMENTO 4 PARA DEFENDER A TESE INICIAL: DECADÊNCIA MORAL É OUTRO ARGUMENTO PARA DEFENDER A TESE INICIAL SEGUNDO A QUAL A BUSCA DE BOA APARÊNCIA TRAZ PREJUÍZOS AO HOMEM]

Agora, a beleza induz doenças como a anorexia e a bulimia, provoca desvios psicológicos, retarda o processo natural de envelhecimento (trazendo consigo o desrespeito aos idosos) gera crianças precoces e fúteis e induz à pedofilia através do cultivo de um padrão infantil de corpo. [JUSTIFICATIVA DO ARGUMENTO 4:MATERIALIZADA POR UMA SEQUÊNCIA EXPLICATIVA INTERCALADA COM SEQUÊNCIA DESCRITIVA]

Somos animais, sim, mas possuímos algo que os outros não têm – a inteligência que nos torna críticos e nos permite avaliar com profundidade o ambiente a nossa volta. [ARGUMENTO 5]

Por intermédio dela podemos escolher o que queremos individualmente e fazer valer nossa condição de racionais, não automáticos, nem instintivos.[JUSTIFICATIVA DO ARGUMENTO 5 MATERIALIZADA POR UMA SEQUÊNCIA EXPLICATIVA]

Na análise acima, o texto não retoma a tese apresentada no início. Não apresenta uma conclusão que daria origem a uma nova tese sobre a questão polêmica.

Segundo os pressupostos metodológicos do grupo de Genebra para a análise de gêneros textuais, pode-se diagnosticar se um candidato aplica o conhecimento das sequências argumentativas em sua produção escrita ao estabelecer a premissa ou tese no primeiro parágrafo; argumentação favorável ou desfavorável à premissa desenvolvida em um ou mais parágrafos; utilização de contra-argumentos e conclusão. A partir das produções dos estudantes, procuramos entender como as sequências tipológicas produzidas pelos estudantes ocorreram, em situação de vestibular.

Para atingirmos o objetivo inicial do estudo proposto, ou seja, analisar a eficácia interativo-discursiva dos textos-respostas produzidos por candidatos em contexto avaliativo do vestibular, organizamos algumas categorias de análise a partir do conjunto de características “relativamente estáveis” (BAKHTIN, (2003 [1999]) ou das “formas semiotizantes” das sequências textuais. Para isso, reunimos os textos, primeiramente em quatro categorias, a saber:

- a) levar em consideração a execução das sequências tipológicas argumentativas e explicativas;
- b) analisar as modalizações utilizadas pelos candidatos.

O recorte foi centrado nas sequências argumentativas e explicativas e nas

modalizações (BRONCKART, 2007) uma vez que tais categorias são prototípicas e/ou muito frequentes no gênero em análise. Relacionamos a seguir a forma de análise das redações em categorias aplicadas no *corpus* em estudo, adaptado do trabalho de Xavier (2006).

Classificação por categoria

Na categoria A, efetuamos análise das estratégias de produção das estruturas das sequências argumentativas e explicativas de acordo com a metodologia utilizada pelo Grupo de Genebra:

- 1) Identificação das fases da sequência argumentativa:
 - a) contextualização ou apresentação de uma tese;
 - b) argumentação;
 - c) contra-argumentação;
 - d) conclusão.

- 2) Classificação das sequências argumentativas encontradas no *corpus*:
 - a) Sequência Argumentativa Completa – (SAC): presença de todas as fases da SA
 - b) Sequência Argumentativa Parcial 1 (SNP1): falta uma fase da SA
 - c) Sequência Argumentativa Parcial 2 (SNP2): faltam duas fases da SA
 - d) Sequência Argumentativa Parcial 3 (SNP3): Faltam três fases da SA

- 3) Identificação das fases da sequência explicativa:
 - a) fase de constatação inicial
 - b) fase de problematização;
 - c) fase de resolução (ou de explicação propriamente dita);
 - d) fase de conclusão-avaliação.

- 4) Classificação das sequências explicativas encontradas no *corpus*:
 - a) Sequência Explicativa Completa – (SEC): presença de todas as fases da SE
 - b) Sequência Explicativa Parcial 1 (SEP1): falta uma fases da SE
 - c) Sequência Explicativa Parcial 2 (SEP2): faltam duas fases da SE
 - d) Sequência Explicativa Parcial 3 (SEP3): faltam três fases da SE

- 5) Na categoria B, realizamos análise das modalidades (quando presentes):
- a) Lógicas;
 - b) Deônticas;
 - c) Apreciativas;
 - d) Pragmáticas.

2.1. Contexto da redação no vestibular da UFGD

Os candidatos que participaram do exame vestibular 2010 do curso de Licenciatura em Letras da UFGD disputaram uma das setenta vagas disponíveis para o Curso de Letras. Houve uma concorrência de 2.26 por vaga, conforme divulgado pelo Centro de Seleção da UFGD²³.

A proposta de redação traz uma foto da estátua da Vênus de Milo informando tratar-se de uma famosa estátua grega representando a deusa Afrodite, símbolo do amor sexual e da beleza física. Ao lado dessa ilustração, uma capa da revista Boa Forma, com a foto da atriz Cleo Pires, de biquíni, com o subtítulo “CLEO PIRES 6 KG A MENOS E SUPERPODEROSA”.

O candidato teve ainda três textos de apoio, que serviram de subsídio para desenvolver o artigo de opinião: o fecho da opinião do escritor FRAYSE-PEREIRA, no livro: *O que é loucura.*; a letra da música *Beleza Fácil*, de Zélia Duncan, e, por fim, o fragmento da letra da música *Salão de Beleza*, de Zeca Baleiro. Para confrontação dos dados analisados, a proposta da produção escrita completa será colocada nos Anexos.

As exigências da prova de Redação são a leitura e a interpretação dos textos e das imagens, a compreensão dos enunciados, a defesa de um ponto de vista sobre o tema apresentado, escrito na norma padrão, no limite máximo de 30 linhas. O candidato é informado que receberá nota zero na Prova de Redação nas seguintes situações:

- a) afastar-se no todo do tema proposto;
- b) for escrita a lápis;
- c) for apresentada sobre forma de verso;

²³ Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/vestibular/vestibular-2010/arquivos/concorrenca-psv-2010-ufgd>; Acesso em 10-06-2010.

- d) não estiver articulada verbalmente (apenas com números, desenhos, palavras soltas, etc);
- e) estiver assinada ou com qualquer tipo de identificação;
- f) texto escrito com menos de 20 linhas.

A banca organizadora estipulou os seguintes critérios de avaliação para correção das redações:

- 1) Tema;
- 2) Coletânea;
- 3) Características do Gênero;
- 4) Modalidade;
- 5) Coesão e coerência.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme a teoria explicitada, analisamos a eficácia sociointerativo-discursiva das produções textuais dos candidatos ao Vestibular da UFGD no ano de 2010 objetivando identificar as sequências argumentativas, sequências explicativas e modalizações utilizadas pelos candidatos. Para efetivarmos a análise, partimos das capacidades discursivas (análise das sequências tipológicas explicativas e argumentativas), para, em seguida, centrarmos o foco nos elementos enunciativos, isto é, nas modalizações lógica, deôntica, apreciativa e pragmática.

3.1. Classificação de 10 redações

Como vimos na seção teórica deste trabalho, cada sequência é dividida por fases (ver capítulo 1). No capítulo referente aos procedimentos metodológicos, dividimos as categorias de análise em A e B. Na categoria A, analisaremos as sequências; na categoria B, analisaremos as modalizações, tal como preceituam os fundamentos do folhado textual do ISD. Assim, nossa análise tem um movimento descendente. Parte da infraestrutura (sequências tipológicas) para os mecanismos enunciativos; neste caso, as modalizações.

A seguir, apresentamos análises de dez redações representativas separadas do *corpus*, de um total de 50 redações. Em primeiro lugar, analisamos as SA intercaladas pelas SE, por ordem de manifestação; finalmente, as modalizações, conforme o gabarito especificado a seguir:

Gabarito para marcar análises das redações de vestibular

SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA (SA) **Realce das cores e suas representações:**

Cor do realce	Fase Argumentativa
(CINZA)	Tese
[AMARELO]	Argumentação
{LARANJA }	Contra-argumentação
< AZUL >	Conclusão

SEQUÊNCIA EXPLICATIVA
Fonte com cor diferenciada

Cor da fonte	Fase Explicativa
FONTE VERMELHA	Constatação inicial (CI)
FONTE ROXA	Problematização
FONTE MARROM	Resolução (explicação ou justificativa)
FONTE VERDE	Avaliação

MODALIZAÇÕES
Fonte diferenciada

FONTE-MODALIZAÇÃO	Advérbios, locuções adverbiais; verbos no modo condicional; orações impessoais como: é certo que, é possível, é necessário, etc.; verbos auxiliares modais: dever, poder, querer, etc.
arial black = LÓGICA é objetivo: o que é tido como verdade, atribui responsabilidade ao tema.	Advérbios, locuções adverbiais; verbos no modo condicional; orações impessoais como: é certo que, é possível, é necessário, etc.; verbos auxiliares modais: dever, poder, querer, etc.
Jokerman = DEÔNICA fatos enunciados como socialmente permitidos, necessários, desejáveis.	Advérbios, locuções adverbiais de modo: infelizmente, sempre, talvez, finalmente, constantemente, francamente, ai de mim, lamentavelmente, etc.
Lucida = APRECIATIVA avaliação do mundo subjetivo, voz de julgamento.	Verbos auxiliares: dever, poder, querer, etc.
kristen = PRAGMÁTICA responsabilidade de instituição, grupo, pensamento.	Advérbios, locuções adverbiais; verbos no modo condicional; orações impessoais como: é certo que, é possível, é necessário, etc.; verbos auxiliares modais: dever, poder, querer, etc.

Redação 1

(1º) Tornou-se visivelmente ascendente a valorização e a contemplação da beleza na sociedade contemporânea. TESE 1 Essa prática é vista desde a antiguidade clássica, na qual os atributos físicos eram imprescindíveis mediante a população. Um exemplo que justifica essa opinião pode ser visto na civilização grega, principalmente em Esparta SE CI 1, na qual as crianças imperfeitas eram banidas socialmente. PROBLEMATIZAÇÃO 1

(2º) Um típico exemplo também a ser mencionado são as clássicas histórias infantis, que desde cedo influenciam as crianças a se preocuparem com a aparência

física. Quem nunca ouviu a famosa frase da bruxa na história da Branca de Neve: “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” SE CI 2

(3º) **Todavia, essa valorização da beleza está se tornando mais intensa a cada dia.** SE CI 3 Em consequência, nota-se uma elevação nas questões prejudiciais ao ser humano, como o surgimento de muitas doenças, tais como a bulimia. **PROBLEMATIZAÇÃO 2** A mídia também possui uma rigorosa influência na população. Dessa maneira, os corpos atléticos e aparentemente perfeitos aos olhos dos telespectadores passam a ser inquestionavelmente cobiçados e desejados. **PROBLEMATIZAÇÃO 3**

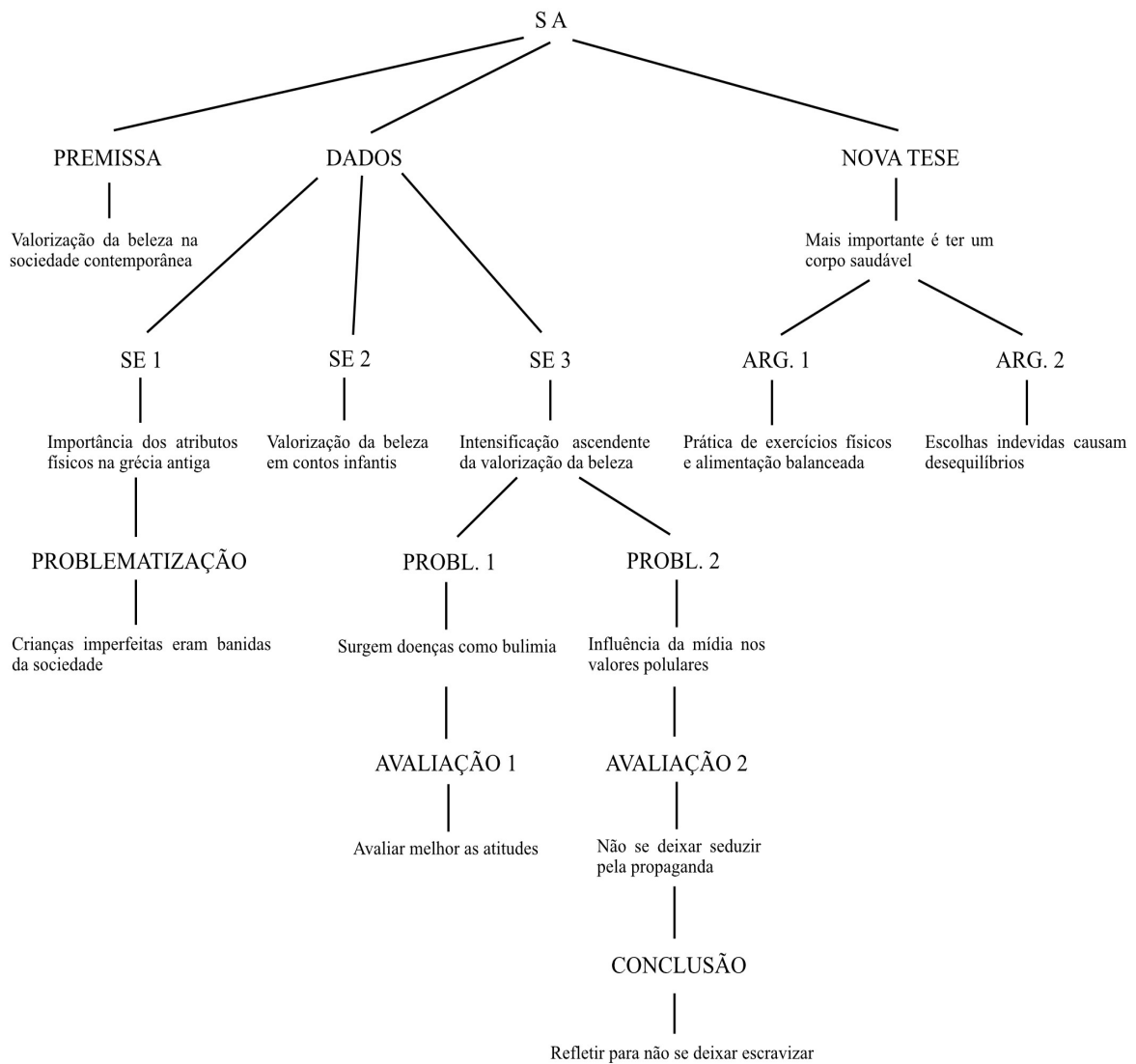
(4º) **É possível possuir um corpo saudável e viver harmonicamente em seu refúgio feliz com a balança.** TESE 2 Para tanto, é de extrema importância a prática de exercícios físicos, e uma adequada e balanceada alimentação. ARG 1-TESE 2 Há também a necessidade da compreensão de que muitas atitudes e escolhas indevidas podem acabar por desestabilizar a harmonia dessa conflitante relação. ARG 2 da TESE 2.

(5º) **Dessa maneira, os cidadãos devem controlar sua “parte” narcisista e aprender a avaliar suas ações.** AVALIAÇÃO 1 SE CI 3 Entender que os meios de comunicação em massa usam a ambição corporal do ser humano como marketing também é essencial, AVALIAÇÃO 2 SE CI 4 Assim, com atitudes reavaliadas e tomadas com consciência, tornar-se-á mais fácil a tentativa de nos livrarmos da escravidão a qual somos impostos pelas aparências corporais. **CONCLUSÃO**

A redação 1 recebeu nota 8,5 da banca avaliadora. Quanto à Sequência Argumentativa, o agente-produtor inicia o texto com uma tese geral que vai de: “Tornou-se” até “contemporânea”, defendendo a valorização da beleza no mundo atual. No mesmo PAR. 1º, apresentação da primeira de uma série de três SEQUÊNCIAS EXPLICATIVAS justapostas: SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1 em: “Essa prática” até “Esparta”, em que se constata que os atributos físicos eram valorizados desde a Grécia Antiga, principalmente em Esparta. **PROBLEMATIZAÇÃO:** Há a consequência da discriminação social infringida às crianças considerada imperfeitas, que vai de “na qual” até “socialmente”. Na SE 2 apresentação da fase de CONSTATAÇÃO INICIAL 2 no PAR. 2º, de “Um típico exemplo” até “que eu”, com a introdução de mais um exemplo de valorização da beleza física até em contos infantis como “Branca de Neve e os Sete Anões”. Logo em seguida, no PAR. 3º, temos SE 3, de “Todavia” até “a cada dia” em que se retoma a tese de valorização cada vez mais visível dos atributos físicos que traz como consequência dois problemas. A primeira **PROBLEMATIZAÇÃO**, (PAR. 3º), vai de “Em consequência” até “bulimia” em que se verifica um nível de descontrole alimentar nas pessoas que travam luta contra o desejo de ser magro ao mesmo tempo em que querem continuar a comer de tudo. Na segunda **PROBLEMATIZAÇÃO**, que vai de “A mídia” até “desejados”, a imprensa é responsabilizada pela insatisfação do povo com o próprio corpo, em comparação com a imagem de corpos atléticos e perfeitos veiculados em seus programas ou reportagens. Depois dessas explicações,

o autor apresenta um contra-argumento à segunda tese, que vai de “É possível...balança;” defendida por dois ARG : ARG1 de “Para tanto” até alimentação” e ARG2. “Há também” até “relação”.

Redação 1



Quadro²⁴ 05: Redação 01- Hipótese sobre a organização da SA.

Escolha indevida significa entre outras coisas: Se, por um lado, como defende o autor, consegue-se ficar magra; por outro lado, prejudica-se a saúde. Poderíamos considerar o PAR. 5º como CONCLUSÃO. “Dessa maneira” até “suas ações” que poderíamos analisar como SE, AVALIAÇÃO 1, em que o vestibulando aconselha os cidadãos a serem prudentes em suas

24 Os quadros das redações foram adaptados de Machado (1998, p. 171).

atitudes; SE , AVALIAÇÃO 2, de “Entender que” até “é essencial”: o autor, neste enunciado, alerta sobre a importância de entender que a função da mídia é vender produtos e que ela usa a fraqueza humana em favor de interesses próprios.; e, finalmente, CONCLUSÃO DA SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA: de “Assim” até “aparências corporais” em que é feita uma retomada da avaliação 2, a tese de que somente conseguirá se libertar da escravidão imposta pela mídia, se todos tomarem consciência de que estão sendo manipulados por interesses comerciais.

A estrutura da sequência tipológica argumentativa do enunciado foi contemplada pela presença das quatro fases do protótipo do ISD podendo ser enquadrada então como Sequência Argumentativa Completa (constituída de tese, argumentos, contra-argumentos e conclusão), enquanto que a Sequência Explicativa 1 e 3 têm duas fases, foi classificada como SEP2 e a Sequência Explicativa 2 com apenas uma fase, sendo classificada como SEP3.

O uso do modalizador APRECIATIVO se faz presente em três situações: com o intuito de marcar a sua opinião pessoal: (PAR. 1º) visivelmente e (PAR. 3º) aparentemente e inquestionavelmente. Em socialmente, podemos dizer que o agente-produtor deixou a responsabilidade pela discriminação de crianças imperfeitas para a sociedade de Esparta, caracterizando a modalização DEÔNTICA. Consideramos que os modalizadores foram bem empregados pelo agente-produtor como elementos que subsidiam a premissa e os argumentos caracterizando de forma implícita o julgamento do mundo subjetivo segundo a sua visão pessoal.

Redação 2

(1º) Assim como a economia e a política sofrem mudanças, os valores socioculturais também mudam. Como em toda época da história, existiram padrões vigentes até para a beleza, na atualidade também surgem valores diferentes que, muitas vezes nos assustam. INTRODUÇÃO À TESE Nas últimas décadas nasceu o culto à magreza TESE 1 e, deixou de ser estranho ou novidade ouvir que um jovem morreu com doença anorexia. ARG Em uma sociedade onde a boneca “Barbie” faz parte da infância da maioria das meninas é difícil explicar a elas que não é saudável ser tão magra. SE CI 1

(2º) Logo, nos perguntamos como é que chegamos a tal ponto e, a resposta não é sempre agradável. CONTRA-ARG Machado de Assis, no seu “Teoria do medalhão” mostra uma conversa entre pai e filho, que teve uma função ensinar ao filho como manter uma vida de aparências, decorando palavras difíceis para convencer as pessoas de que é inteligente quando essa não é a verdade. SE CI 2 Fica claro que o papel da família é muito importante na formação dos valores dos jovens. CONCLUSÃO DA SE2

(3º) Dessa forma, notamos que a aparência influencia e muito na vida das pessoas, o que não é um fato novo. ARG TESE 2 O autor Vitor Hugo nos faz ver com

seu personagem Corcunda a reação da pessoas com algo que lhes aparenta diferente do normal estabelecido, evidenciando o preconceito em pessoas de todas as classes sociais e como é errado agir dessa maneira. SE CI 3

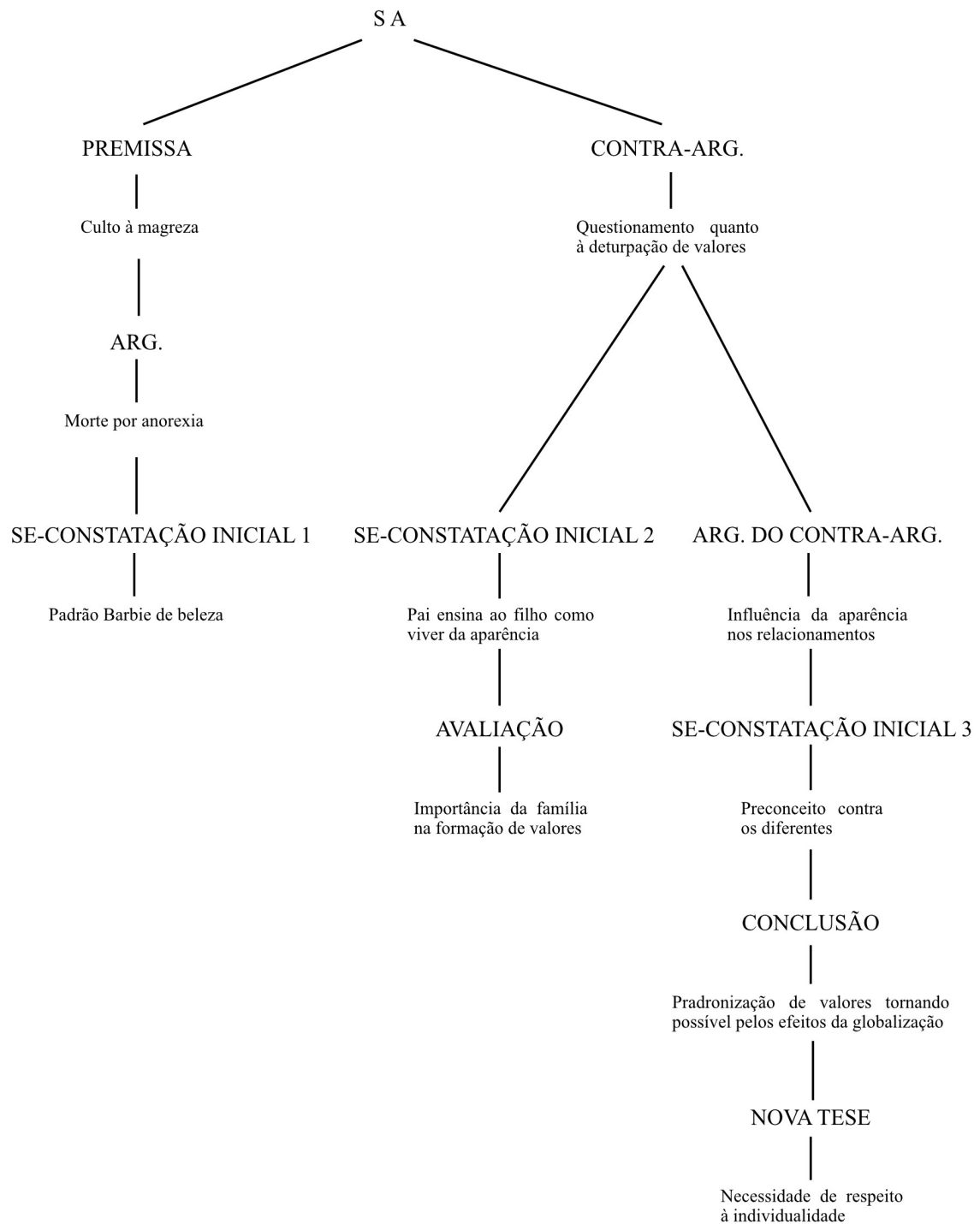
(4º) Portanto, vimos que os valores da beleza estão intimamente relacionados com os valores da sociedade e como vivemos na era da globalização cada vez mais nos “padronizamos”. Abandonamos aos poucos nossa cultura para viver ainda o “American way of life” e continuamos a temer o diferente. SE CI 4 Esquecemos que a originalidade é o que nos torna seres humanos, cada qual com sua personalidade TESE 2 e que devemos respeitar sempre as diferenças, pode ser uma religião ou a cor de um cabelo, todos tem o direito de escolher seu modo de vida. CONCLUSÃO.

Avaliação da banca examinadora a esta produção textual: 9,0. A tese do culto à magreza (PAR. 1º) é precedida na redação 2 por uma introdução que reconhece a mudança de valores em áreas como política e economia, constatando que o padrão de beleza também muda de forma assustadora no decorrer da história, assim como todo valor sociocultural. O argumento a essa TESE 1 (PAR. 1º), de que o padrão de beleza do culto à magreza no mundo atual é perseguido a todo custo, está ancorado na constatação de que se tornou comum deparar-se com manchetes de jovens que morreram por consequência de anorexia. Ao fazer referência à boneca Barbie, objeto de desejo maioria das meninas dos últimos 50 anos, o autor faz uso da SEQ.EXP. CONSTATAÇÃO INICIAL 1, (PAR. 1º), para dialogar com o interlocutor e ponderar que a mulher que cresceu brincando com uma boneca magra não poderia desejar um corpo diferente daquele que fora cultuado como belo, desejado, “perfeito”. No PAR. 2º, o estudante faz um questionamento, em que se isenta de responsabilidade ao usar o verbo na primeira pessoa do plural, “nos perguntamos”. Trata-se de uma estratégia utilizada para convidar o interlocutor a refletir sobre o motivo que levou toda uma sociedade a seguir o mesmo padrão de magreza. E o autor mesmo dá a resposta²⁵. Neste questionamento, conseguimos visualizar um contra-argumento, em que o candidato vai iniciar uma fase de explicações e argumentos das consequências da padronização de algo tão subjetivo como a beleza. No (PAR. 2º), SE CI 2, o vestibulando recorre à interdiscursividade, buscando, em uma personagem de um conto de Machado de Assis, os elementos para se fundamentar e explicar que a atitude amoral, antiética, o “jeitinho malandro” do brasileiro é cultural. A AVALIAÇÃO dessa SE (final do PAR. 2º) é o reconhecimento da importância da família na formação dos valores humanos. Com base nessa avaliação, o autor formula um segundo ARG à TESE 2 (PAR. 3º): a importância dada à vida de aparência. Como justificativa, há a

²⁵Encaixamento de discurso teórico-interativo (o agente-produtor dialoga com o interlocutor sobre como chegaram a essa situação). Esclarecemos que a referência ao discurso serve, neste momento da análise, para ajudar a interpretar os dados, ainda que não seja nosso objeto de estudo.

introdução de uma terceira SE, CI 3, descrevendo a atitude de preconceito demonstrado contra a personagem “Corcunda de Notredame” de Victor Hugo, devido à sua aparência “anormal”.

Redação 2



Quadro 06: Redação 02 - Hipótese sobre a organização da SA.

O agente-produtor resgata a “imagem” de todos os “diferentes” ao defender o encaminhamento moral dado à narrativa, concordando com o escritor francês de que é errado discriminar devido à aparência. Nova SE (PAR. 4º) “Portanto” até “diferente” retoma o ARG 2, ao constatar que os valores vigentes em determinada sociedade são facilmente tornados padrão por outras sociedades, em virtude da globalização, além de constatar que trocamos os nossos valores para seguir os valores determinados pelos americanos, representantes da sociedade dominante. O autor depreende que a sociedade dominada teme defender o diferente. A nossa hipótese é a de que aqui há uma TESE 2 (PAR. 4º) “esquecemos” até “personalidade” que deveria ser defendida: a originalidade de cada um, o respeito à diversidade.

Quanto à categoria da SA desta produção, a classificação seria SAP1, já que não há um contra-argumento explícito. No entanto, o questionamento que o candidato faz no início do par. 2º, desencadeia uma nova tese, o respeito à diversidade em contraste à tese 1, que é a padronização da magreza. Por esse motivo, optamos por classificar como SAC, significando que o autor contemplou todas as fases da SA.

A SE foi contemplada com quatro constatações iniciais, sendo que SE1, SE3, e SE4 apresentaram apenas uma fase, sendo classificadas então como SEP3. A SE2 apresentou duas fases, a constatação inicial e a fase de avaliação, classificada como SEP2.

Quanto às modalizações, identificamos uma LÓGICA em: **Fica claro** (PAR. 2º) que podemos considerar como um fato atestado como verdade para o autor: a família é elemento chave na formação de valores dos jovens; duas modalizações APRECIATIVAS em: **sempre** (PAR. 2º) e **intimamente** (PAR. 4º). Entendemos que o advérbio de tempo “sempre”, neste contexto, foi utilizado com sentido de reforço, de que não é agradável conhecer a resposta ao questionamento proposto. Por isso, analisamos esse modalizador como uma avaliação subjetiva, opinião implícita do autor. Da mesma forma, quanto à utilização do advérbio de modo **intimamente**, o autor defende que os valores da beleza têm uma relação tão estreita com os valores da sociedade que o autor utilizou o advérbio de modo para caracterizar a subjetividade nessa relação. Por fim, no PAR. 4º, temos a modalização DEÔNTICA em: devemos respeitar (expressão de valor determinado pela sociedade: o respeito à diversidade) e pode ser uma religião (não importa o credo que a pessoa professa, o padrão de beleza determinado por determinado povo, todos têm direito ao respeito à individualidade peculiar de cada povo, de cada crença).

Redação 3

(1º) (A beleza é admirável e relativa, devida a diversidade de raças, cores e inúmeras etnias que o ser humano possui, o conceito de “belo” para um não é necessariamente equivalente ao do outro. Cada povo tem o seu conceito de belo. **PREMISSA-TESE 1** Contudo, padrões de beleza e moda foram estabelecidos com o intuito de priorizar características físicas que são mais admiradas pela maioria. **CONTRA-ARG** Assim acaba por surgir o preconceito, a exclusão e a futilidade na sociedade. **CONCLUSÃO**

(2º) Cada região determina uma tendência, que se modifica à medida de gerações. O modelo do corpo, a cor do cabelo é lançado e divulgado nos meios de comunicação mais acessíveis: televisão, jornais, revistas, e internet. **SE CI 1** Pessoas tornam-se compulsivas e buscam através de dietas e cirurgias plásticas adequar-se ao modelo atual. Muitas vezes ignoram a própria saúde para satisfazer o ego e a vaidade, perdendo a essência do que a beleza realmente é. Logo, o desequilíbrio gera doenças como anorexia e depressão. **PROBLEMATIZAÇÃO**

(3º) **Um fato notável é** que na antiguidade as mulheres mais salientes, de quadril bastante largo, pele pálida e suave, esculpidas e pintadas semi-nuas eram a beleza pura da época, esbanjando fragilidade e um certo erotismo disfarçado. **SE CI 2** Atualmente, a preferência é de mulheres bem magras, altas, pele bronzeada e maquiagem forte a fim de incorporar muita sensualidade. **SE CI 3**

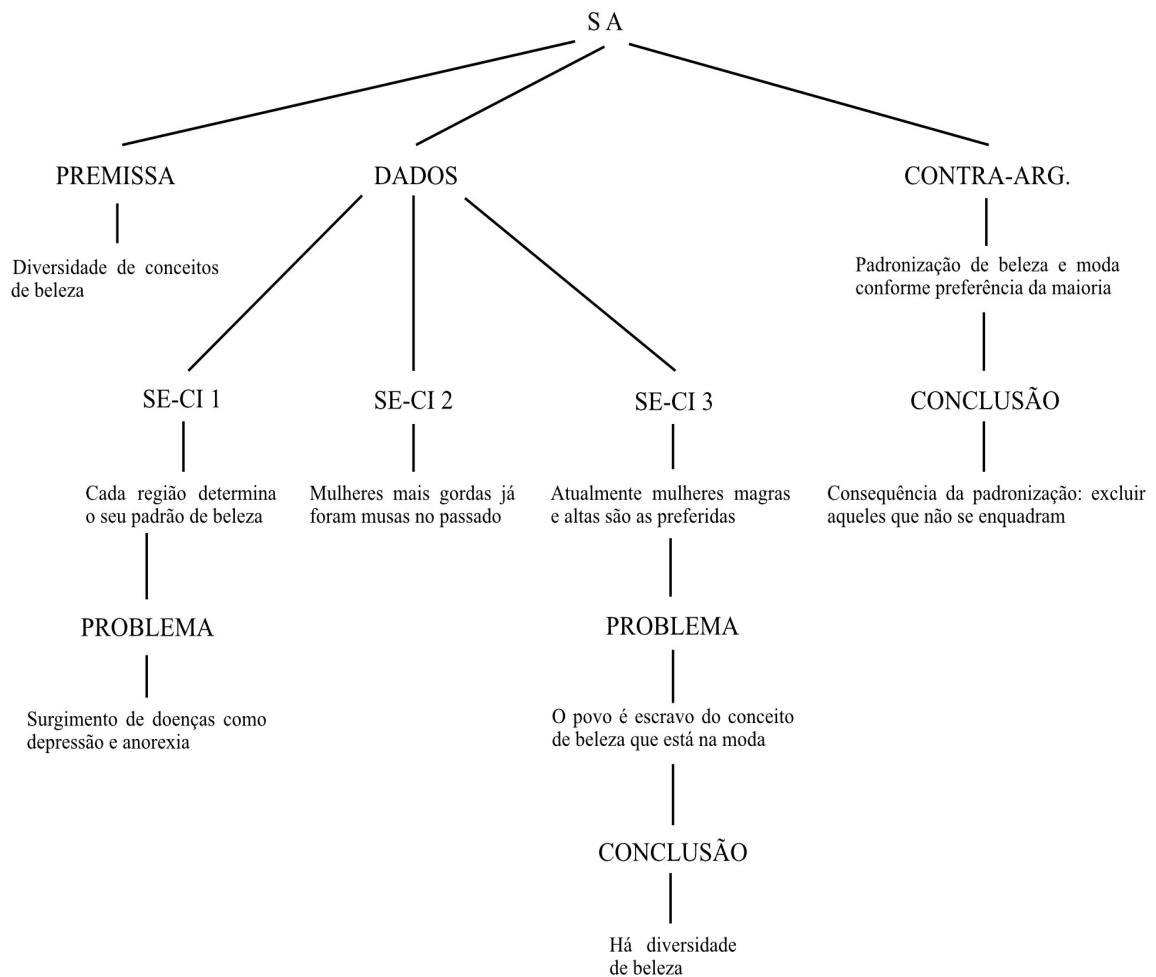
(4º) Enfim, permanece a população seguindo a moda não saudável do corpo que lhe é imposto ter, até que outra tendência seja redefinida. **PROBLEMATIZAÇÃO** Padrões de beleza existirão até que a diversidade do real finalmente deixe claro **CONCLUSÃO** que não há apenas um tipo de beleza, mas sim várias deles (sic). **TESE 2** Caso contrário, o homem continuará por discriminar ele mesmo. **ARG**

A banca examinadora atribuiu 8,5 à produção. O agente-produtor utilizou aqui uma proposição geral para iniciar o enunciado que vai de: “A beleza” até “do outro” para anunciar que o belo é relativo a depender da cultura e da etnia que a representa. O autor-empírico tenta lançar um contra-argumento, ao utilizar o conector “contudo”, mas a conjunção coordenativa adversativa não introduziu uma ideia de oposição à tese anterior. Isso significa que o autor se equivocou na escolha do organizador textual, já que não se trata de teses contrárias. O conector aqui utilizado pelo agente, introduz a ideia de concessão, mas podemos considerar que é uma nova tese que vai surgir a partir dessa reflexão. A consequência da escolha nessa nova fase, opção pela aparência física, conclui o autor, acaba criando o preconceito e a futilidade: passagem que vai de “Assim” até “sociedade”.

A seguir, a introdução de SE1, nas seguintes fases: CI “Cada região” até “internet”; problematização: “Pessoas” até “depressão”. Interpretamos também como uma SE 2 no trecho que vai de “Um fato notável” até “erotismo disfarçado”. Na SE3, de “Atualmente” até “sensualidade” é introduzida a explicação sobre o padrão da beleza da mulher no mundo contemporâneo e no último parágrafo, o autor problematiza a constatação da SE3 finalizando a redação com a conclusão que vai de: “Padrões” até “claro”. Essa conclusão traz à tona uma

segunda tese: “que não há... deles”, seguida de um argumento: “Caso contrário” até “ele mesmo”.

Redação 3



Quadro 07: Redação 03 - Hipótese sobre a organização da SA

A estrutura da SA do enunciado foi contemplada pela presença das quatro fases do protótipo do ISD podendo ser enquadrada então na sequência argumentativa completa SAC, (constituída de tese, argumentos, contra-argumentos e conclusão), enquanto a SE1 e SE3 têm duas fases e SE2 com apenas uma fase, sendo classificada como SEP2.

Presença de modalizadores APRECIATIVOS em **necessariamente** (PAR. 1º) e **finalmente** (PAR. 4º), e **um fato notável é** (PAR. 3º) o julgamento sobre o valor de verdade apresentado como certas. Podemos constatar que a utilização dos advérbios e locuções adverbiais, aqui identificadas como marcas de modalização apreciativa, aparecem de

forma discreta em quase todos os parágrafos, e contribuem para a instituição da coerência pragmática ao mesmo tempo em que direcionam a interpretação do leitor para o ponto de vista defendido pelo agente-produtor.

Redação 4

(1º) A percepção do ambiente através dos sentidos é inerente aos animais, inclusive ao homem. Assim, da mesma forma que uma abelha é atraída pela beleza e pelo perfume da flor, nós, seres humanos, somos primeiramente fisgados pela beleza física do outro. TESE Entretanto, por trás de uma flor atraente, muitas vezes há uma planta carnívora. CONTRA-ARG Essa simples comparação ilustra um grande dilema da sociedade ocidental capitalista moderna: o jogo essência versus aparência. TESE NOVA

(2º) Durante o período de evolução da espécie humana, quando vivíamos a transição do nomadismo para o sedentarismo, não havia nenhum tipo de acúmulo ou propriedade, a beleza não existia num conceito. SE CI 1 A proximidade com a natureza nos torna mais instintivos, biológicos e, portanto, a aparência possuía finalidade meramente reprodutiva. ARG 1

(3º) Mais tarde, no auge do Império grego, através da arte, dos esportes e da mitologia, a beleza adquiriu conceito. Em seu bojo, estavam a simetria, a sustentação, e o equilíbrio, relacionando-a à escultura e à arquitetura; a força, a saúde do corpo e da mente, relacionando-a aos jogos olímpicos, que exploravam habilidades diversas, a sabedoria, a experiência, a elevação, a pureza e o pudor, relacionando-a à mitologia. SE CI 2

(4º) Com o advento do capitalismo, porém, cada vez mais, a beleza perde esses valores. O corpo vincula-se à mercadoria e o consumo controla as relações entre as pessoas. ARG 2 Como produtos, devemos chamar a atenção logo no primeiro instante, ter boa aparência, abominar qualquer falha ou defeito externo que possa comprometer a imagem positiva que o consumidor deve captar – não importa o que haja dentro da embalagem, atrás do rótulo ou sob o embrulho. SE CI 3

(5º) Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais.. SE CI 4 Talvez seja por isso que o mundo vive em decadência moral: egoísmos, falsidade, vícios, depressão, insegurança, superficialidade. Agora, a beleza induz doenças como a anorexia e a bulimia, provoca desvios psicológicos, retarda o processo natural de envelhecimento (trazendo consigo o desrespeito aos idosos) gera crianças precoces e fúteis e induz à pedofilia através do cultivo de um padrão infantil de corpo. ARG 3

(6º) Somos animais, sim, mas possuímos algo que os outros não têm – a inteligência que nos torna críticos e nos permite avaliar com profundidade o ambiente a nossa volta. Por intermédio dela podemos escolher o que queremos individualmente e fazer valer nossa condição de racionais, não automáticos, nem instintivos. CONCLUSÃO

Em relação à redação 4, o texto foi avaliado em 9,5 pela banca examinadora. Em se tratando das sequências, temos: A introdução à TESE vai de “A percepção” até “homem” em que o autor faz uma comparação existente entre os homens e os animais em relação à percepção do ambiente. A PREMISA/TESE 1 (PAR. 1º) ocorre no enunciado que começa em “Assim” até “do outro” em que o vestibulando apresenta a premissa que vai servir de parâmetro para a tese que ele acredita ser a melhor opção. O contra-argumento é constituído

pelo enunciado “Entretanto” até “carnívora”, sustentando que as aparências enganam. A partir dessa reflexão, poderíamos dizer que existe uma TESE nova, implícita no final do PAR. 1º: “Essa simples” até “aparência” a fim de defender a proposição do dilema da sociedade moderna: essência ou aparência.

No PAR. 2º, “Durante” até “reprodutiva” tem início SE CI 1, para explicar que na transição do nomadismo para o sedentarismo o conceito de beleza não existia. No entanto, poder-se-ia considerar que de “A proximidade” até “reprodutiva” há uma fase argumentativa que justifica a premissa de: instinto natural que nos faz priorizar o aspecto sensorial em detrimento a outros aspectos que formam a “essência” do ser humano. Podemos considerar que há um encaixamento na organização das sequências nesse PAR. 2º: ARG: “A proximidade” até “biológicos”, explicativa “Durante” até “reprodutiva”; e até a fase que vai de “Durante” até “conceito”. Por fim, no último período, temos a conclusão.

No PAR 3º, a segunda SE CI 2, de “Mais tarde” até “mitologia” o vestibulando descreve o surgimento do conceito de beleza, atribuída aos gregos que relacionavam a beleza à força física, saúde do corpo e da mente, associando esses elementos a modelos inspirados na mitologia. Aqui, da mesma forma que no parágrafo 2º, temos a macroposição da SE e SN (sequência narrativa).

No 4º PAR., de “Com o advento” até “pessoas”, o agente-produtor utiliza a fase argumentativa reforçando a premissa. O homem volta a ser dirigido pelos instintos naturais, seduzido pelo apelo comercial, acaba aderindo ao consumismo. A SE CI 3 serve para explicar o processo pelo qual passa o homem para ser aceito pela sociedade.

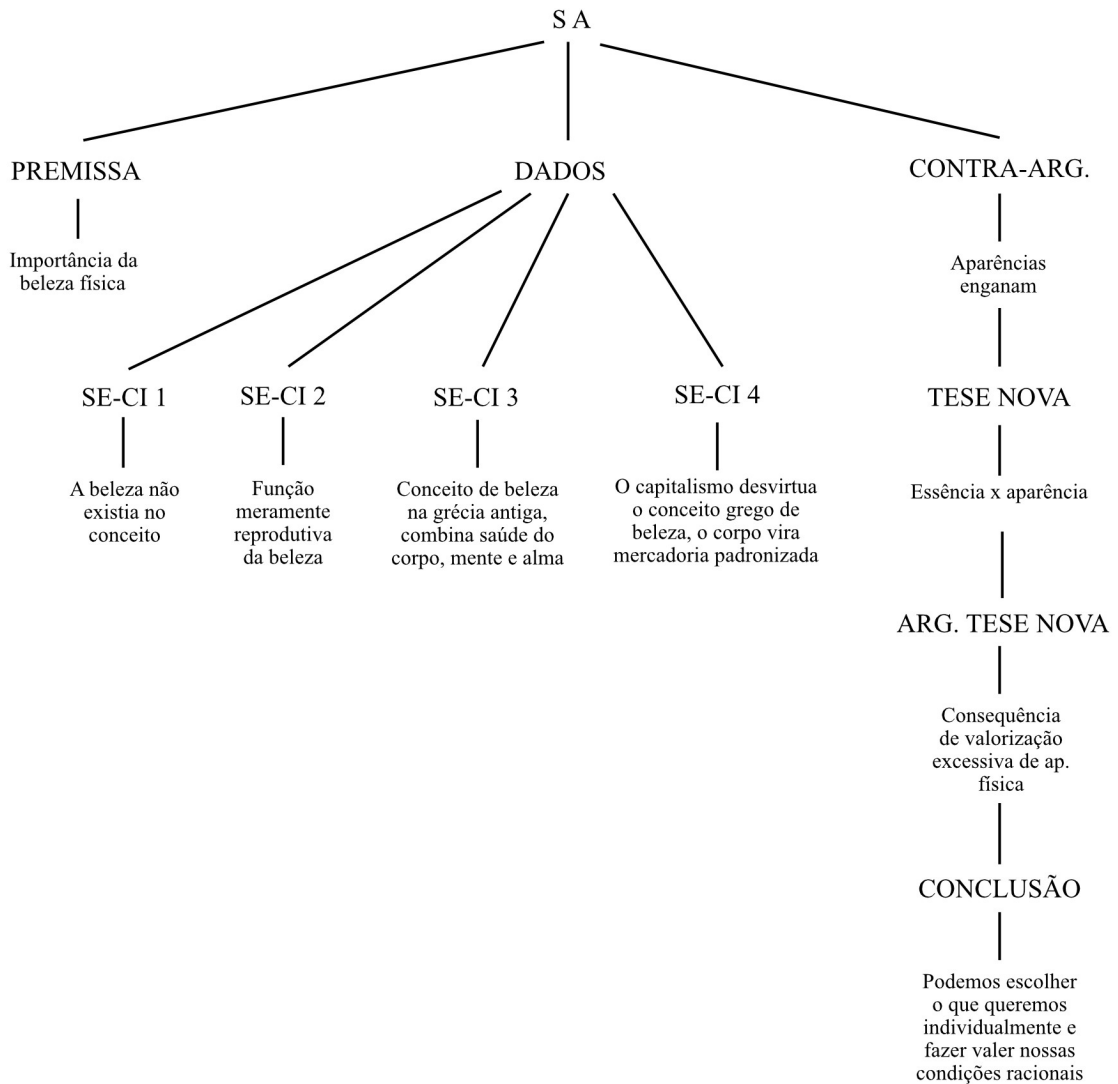
No início do PAR. 5º, de “Como mercadorias” até “todos iguais” continua a fase de SE CI 4, comparação da padronização da beleza a uma linha de montagem, como se fôssemos realmente uma peça fabricada em série.

No PAR. 5º, de “talvez” até “corpo”, entendemos que estão implícitos argumentos que defendem a TESE NOVA, quando optamos por dar prioridade à aparência, esquecendo-nos da essência, e, como consequência, o mundo enfrenta uma fase de decadência moral. A opção para conseguir alcançar o padrão de beleza imposto pelo sistema capitalista tem ocasionado sérios distúrbios alimentares, bem como a não aceitação do processo natural de envelhecimento e outros distúrbios psíquicos que oprimem o homem contemporâneo.

Na CONCLUSÃO, (PAR 6º), o autor-empírico, sutilmente, convida o leitor a refletir sobre o fato de que, se somos dotados de inteligência, precisamos saber discernir o que é

importante e fazer valer a nossa vontade, e não simplesmente aceitarmos o padrão imposto pela sociedade.

Redação 4



Quadro 08: Redação 04 - Hipótese sobre a organização da SA.

A nossa proposta para classificação das categorias das sequências, Categoria A, na organização deste texto é: na SA é SAC, apresentando as quatro fases prototípicas desde pressuposto teórico, enquanto na SE, consideramos aplicação de apenas uma fase, sendo classificada como SEP3.

Na categoria B, modalização, localizamos duas modalidades APRECIATIVAS, concretizadas pelos advérbios meramente (PAR. 2º) e talvez (PAR. 5º), ocorrendo uma

avaliação subjetiva, de julgamento do agente-produtor. Há, ainda, duas modalizações DEÔNTICAS (PAR. 4º) devemos chamar a atenção, possa comprometer, três modalizações PRAGMÁTICAS: (PAR 4º) **deve captar**, (PAR.. 5º) devemos fazer e devemos ser e uma LÓGICA (PAR. 6º) **podemos escolher**. Em relação à lógica, o agente-produtor avalia o conteúdo temático (defeito comprometedor da imagem), apoia-se no mundo objetivo, apresentando os elementos do tema como fato possível, provável. Ele não tem certeza de que a imagem comprometa a imagem. Trata-se de uma possibilidade. Quanto às deônticas, aqui representadas pelos verbos auxiliares *dever* e *poder*, elas avaliam o que está posto pelos conceitos da sociedade vigente, de que a primeira impressão é que causa mais efeito. Em relação às pragmáticas, manifestadas linguisticamente pelas locuções *deve captar*, *devemos fazer* e *devemos ser*, a nosso ver, dizem respeito à atribuição de responsabilidade a algum elemento do conteúdo temático. Ou seja, ele atribui a si mesmo e a outrem a “necessidade” de fazermos partes de amontoado de pessoas idênticas, etc. Tais expressões linguísticas nos orientam na interpretação/na leitura do conteúdo temático desta produção.

Redação 7

(1º) Para mim, a definição de beleza está em constante mutação, porém, atualmente nos encontramos na fase onde o belo significa literalmente um corpo perfeito, cabelos perfeitos, pele perfeita e que a busca por esse ideal **deve ser alcançada** a qualquer preço; i.e., a “luta” para atingir esse estereótipo que torna homens e mulheres cada vez mais desfigurados. PREMISSA-TESE 1

(2º) **As mulheres, em sua maioria, permitem-se ser vítimas do paradigma da beleza sujeitando-se a grandes riscos e graves consequências.** SE CI 1 A individualidade desaparece a cada instante; revistas estampam em suas capas “vista-se como...”, “copie o cabelo...” e quase sem perceber, passamos a ser nada mais que bonecas em cama de hospital. ARG1

(3º) Vemos diariamente, principalmente na televisão, pseudo-celebridades que alcançam a fama somente por seus atributos físicos. ARG 2 A mídia que ora defende a individualidade em um piscar de olhos é o carrasco, nos expondo ao paradigma de que as mulheres precisam somente da beleza – mesmo que artificial – como o único artifício para total realização.

(4º) Com essas influências externas passamos a confundir a boa aparência com ideal de beleza. Aprendemos a deixar a essência pessoal em segundo plano, quase intocada, esquecida. CONTRA-ARG Costumava pensar que a “gordinha bem resolvida” era uma máscara para fugir dos julgamentos da sociedade, após certa dose de discernimento, pude ver, de fato que a gordinha bem resolvida é muito mais feliz que a magra que se acha gorda. ARG DA TESE 2

(5º) Estamos ensinando aos pequenos que a aparência física substitui o caráter, que a saúde só **deve** ir ao encontro da busca pelo corpo perfeito. A quebra de paradigmas começa em pensamentos e atitudes CONCLUSÃO e Vinícius de Moraes que me desculpe, mas beleza não é fundamental TESE 2

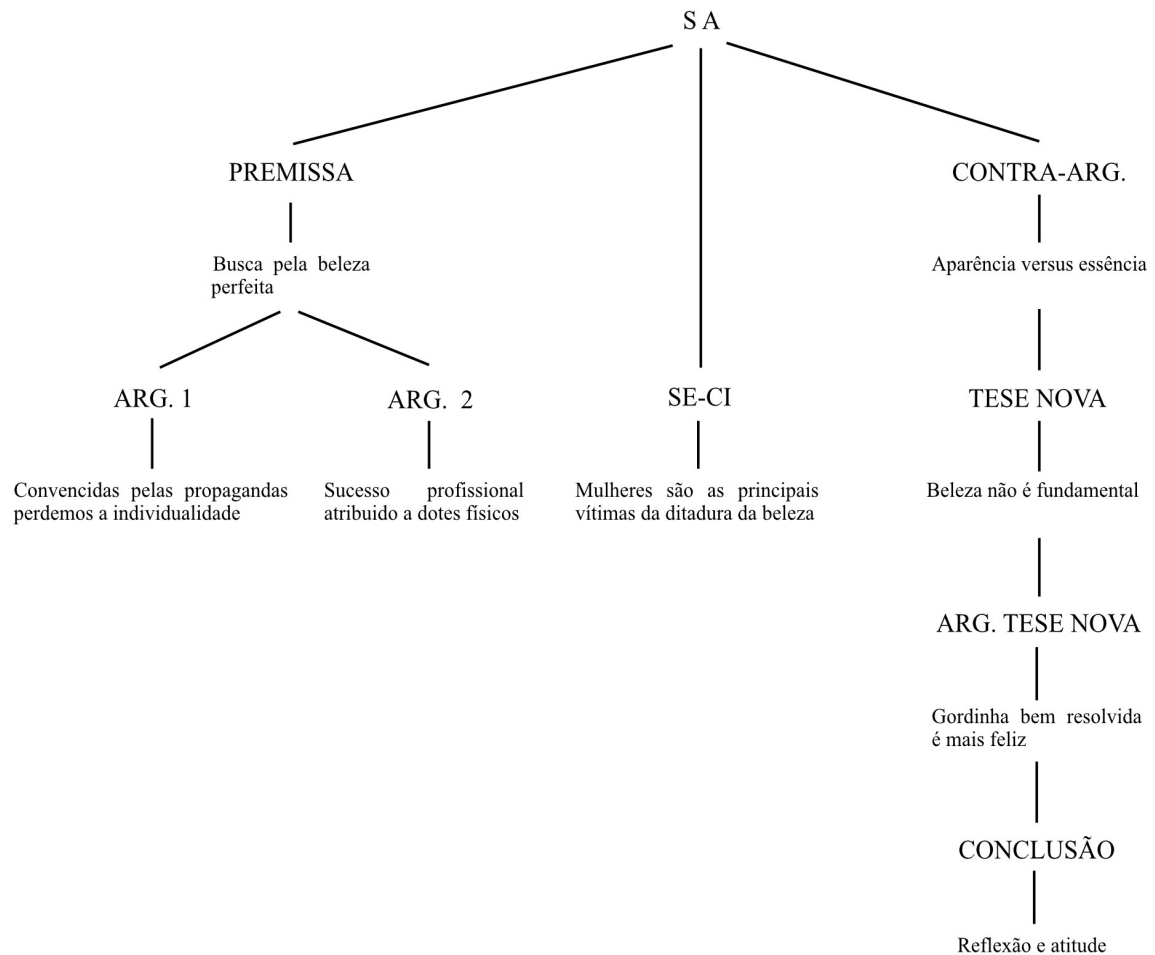
A redação 7 recebeu nota 7,0 e as SA e SE estão distribuídas em: TESE /PREMISSA

(PAR. 1º) em que o agente-produtor apregoa que a beleza física perfeita deverá ser alcançada a qualquer preço. O autor introduz, com a CI SE, que o preço a ser pago pela falta de discernimento na busca pela beleza perfeita acaba por desfigurar homens e mulheres por não entenderem o absurdo dessa busca radical pela beleza padrão. O agente-empírico deduz que as mulheres são as maiores vítimas da busca pela beleza perfeita, arriscando a vida. Em seguida, há dois argumentos para subsidiar a premissa: busca pelo corpo perfeito. No trecho do ARG 1 (PAR. 2º), de “A individualidade” até “hospital” há o apelo da propaganda das revistas que ditam a moda do vestir-se e do corte de cabelo. O ARG2 (PAR. 3º) que vai de: “Vemos diariamente” até “atributos físicos” mostra a exploração de personagens televisivos que são convidados apenas pelos seus atributos físicos, pois atendem ao padrão de beleza imposto pela sociedade. A partir desse segmento, o agente-produtor introduz um contra-argumento, destacando um ponto de vista que defende algo diferente da tese inicial. No (PAR. 3º) de “A mídia” até “esquecida”, o agente-produtor afirma que a mídia é colocada como responsável pela confusão de valores que as mulheres da atualidade enfrentam, porque, ao mesmo tempo em se que valoriza a individualidade, vende-se a ideia de que a aparência física é suficiente para que a mulher se realize, fazendo-a esquecer-se da importância de outros atributos mais importantes como o valor do ser humano por si mesmo.

A TESE 2, no final do PAR. 5º, (a beleza não é fundamental) é defendida no ARG DA TESE 2 (PAR. 4º) que vai de “Costumava” até “gorda”, em que o autor reconhece seu erro ao dizer que houve tempo em que se pensava que não era possível uma pessoa ser gorda e dizer-se feliz, “bem resolvida”. No entanto, afirma que chegou à conclusão de que a felicidade está em aceitar-se como é: valorização da “essência pessoal”. Há uma nova SE (PAR. 5º: “Estamos ensinando... corpo perfeito”) em que se constata existência de equívoco nos valores educacionais em vigor, ao valorizar a aparência física em detrimento do caráter e que o corpo só será considerado saudável quando o corpo estiver perfeito. A conclusão (PAR. 5º: A quebra... atitudes) aparece após um argumento de que a consciência de uma nova forma de pensar consiste em tomar atitude, em defender esse novo modo de pensar.

Propomos a classificação da categorização das Sequências em: SAC (presença de todas as fases da SA) e SEP3 (presença de duas SE, cada uma com apenas uma fase: CI).

Redação 7



Quadro 09: Redação 07 - Hipótese sobre a organização da SA.

O raciocínio argumentativo desse candidato coincide com o protótipo de SA adotado pelo ISD, isto é, introdução de uma premissa (busca do corpo perfeito a qualquer preço), argumentos dessa premissa (só consegue espaço em capas de revista e programas de televisão aqueles (as) que alcançam o padrão de beleza dominante); contra-argumento (a mídia, ao mesmo tempo em que defende a individualidade induz o leitor/telespectador a buscar o padrão de beleza idealizado mesmo correndo o risco de ficar deformado, fazendo com que todos (as mulheres principalmente) só se sintam realizados quando conseguem atingir esse ideal de beleza). Nova tese (beleza não é fundamental) que é precedida pelo argumento de que a

felicidade está em aceitar-se fisicamente.

Quando o autor reflete, como se estivesse confidenciando, que, “após certa dose de discernimento, pude ver, de fato, que a gordinha bem resolvida é muito mais feliz que a magra que se acha gorda”, podemos entender que não se podem colocar as coisas passageiras no topo da hierarquia de valores, uma vez que a partir do momento em que a beleza física, por exemplo, que é efêmera e inconstante (depende de idade, biotipo, condições econômicas, padrão de beleza vigente na época e tempo em que se vive, entre outras variáveis), não é mais o requisito mais importante. A energia e interesse do indivíduo são canalizados para outras áreas da vida.

Quanto à utilização de apenas uma fase da SE nas recorrências, podemos interpretar que não houve necessidade, principalmente pelo contexto (interlocutor composto por professores pós-graduados), de justificar e avaliar as constatações iniciais da sequência. Por hipótese, entendemos que existe limitação de espaço (30 linhas no máximo) no contexto de vestibular o que obriga o vestibulando a ser sucinto ao produzir o texto.

Quanto às modalizações, detectamos apenas três ocorrências: uma APRECIATIVA em literalmente (PAR. 1º), uma PRAGMÁTICA em deve ser (PAR. 1º) e mais uma PRAGMÁTICA em deve ir (PAR. 5º). Na opinião do agente-produtor, só quem tem corpo perfeito é considerado belo. O autor inclui uma opinião pessoal ao usar o modalizador apreciativo com “literalmente”, já que o significado de belo pode ter muitas definições, diferente daquelas defendidas por ele. Quanto à modalização pragmática, o uso do verbo auxiliar “deve” direciona a responsabilidade do conteúdo temático a toda mulher ou homem que queira alcançar o ideal de corpo perfeito.

Redação 17

(1º) Nos dias de hoje sabemos que a beleza é um dos fatores que mais se destacam perante a sociedade. INTRODUÇÃO À TESE

(2º) E que para sermos aceitos pela sociedade, temos que ser perfeitos, Sociedade essa que dita um padrão de beleza, a pessoa tem que ser magra para ser aceita. PREMISSA-TESE

(3º) O que vemos hoje em dia são capas de revistas, TV, jornais mulheres com corpos esculturais, lindas formosas. ARG.

(4º) Mas será realmente que essas mulheres são felizes, realizadas ou só é uma jogada de marketing. SE CI 1

(5º) Diante desses fatos vimos muitas vezes pessoas se afastando dos seus ideais, dos seus princípios atrás de um corpo perfeito, passam anos de suas vidas, vivendo de regras, dietas absurda, preza a um padrão que nem sempre vale a pena. CONTRA-ARG

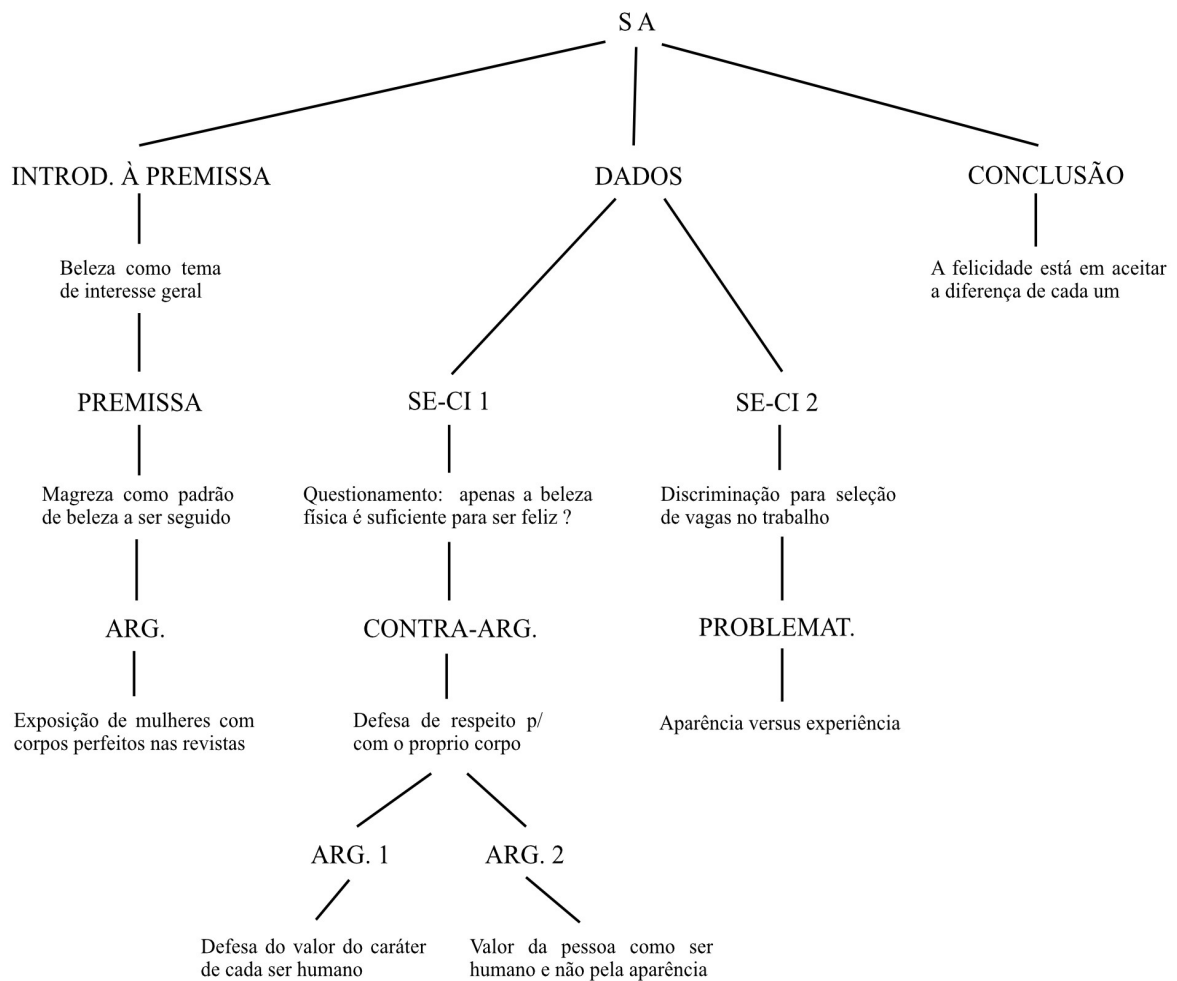
- (6º) Antes de um corpo perfeito, sarado temos que ter conteúdo, dignidade e respeito para nós mesmos. TESE 2 A sociedade muitas vezes é cruel, pois a concorrência é demais, até para arrumar um emprego, fazem esse tipo de discriminação. SE CI 2 Se você está acima do peso ou é mais feio do que aquela ou outra, você perde a vaga, mesmo que tenha anos de experiência. PROBLEMATIZAÇÃO
- (7º) Temos que enxergar as pessoas como elas realmente são, independente de raça, cor ou peso. Todos somos iguais, o que vale é o caráter da pessoa em si. ARG 1
- (8º) De que adianta ter um corpo perfeito e nada na cabeça e se alguém tiver que gostar de você, vai gostar pelo que você é não pelo seu corpo. ARG 2
- (9º) Viver e ser feliz, aceitando as diferenças e a diversidade, só assim veremos nosso mundo melhor e mais completo. Igual pra todo mundo. CONCLUSÃO; 2ª

A redação 17 foi avaliada com a nota 4,5. O agente-produtor iniciou o texto com a Introdução à premissa (PAR. 1º): fazendo referência à importância dada à beleza exterior pela sociedade contemporânea. No PAR., 2º há a PREMISA de que aqueles que não se enquadram no padrão de beleza considerado perfeito (corpo magro), não serão aceitos no mundo idealizado por essa sociedade. O argumento (PAR. 3º) para a tese inicial é de que só se vê modelos magros e “perfeitos” nas capas de revista e que isso é um indício de que a beleza exterior é um dos requisitos mais importantes na visão da sociedade atual. Nesse momento da SA, o autor lança o questionamento, no PAR. 4º, de “Mas será realmente” até “marketing” que poderíamos classificar como SE CI 1. O autor introduz no PAR. 5º de “Diante desses fatos” até PAR. 6º “nós mesmos” um contra-argumento como resposta ao PAR. 4º, ao afirmar que o mais importante é o respeito que todo ser humano precisa ter com o seu corpo e apresenta dois argumentos contrários à tese inicial, defendendo a ideia lançada no contra-argumento: a importância da valorização da essência da pessoa, do seu caráter.

Há também uma SE CI 2 no PAR. 6º de “A sociedade” até “discriminação (sic)” em que o autor reflete que a valorização excessiva da beleza física pode acarretar injustiça quando se transporta esse juízo de valor para o trabalho, discriminando aqueles candidatos que não têm o perfil adotado como padrão pela sociedade. A PROBLEMATIZAÇÃO (PAR. 6º) vai de “se você” até “experiência”, em que os problemas enfrentados pelos profissionais que não se enquadram no padrão considerado “boa aparência” são discutidos. A CONCLUSÃO, no 9º PAR., defende o respeito à diversidade e a aceitação de sua individualidade. Quanto à Categoria A, a estrutura da sequência tipológica argumentativa do enunciado foi contemplada pela presença das quatro fases do protótipo do ISD podendo ser enquadrada então na sequência argumentativa completa SAC, (constituída de tese, argumentos, contra-argumentos e

conclusão); de outro diferente, a SE 1 apresenta apenas a fase de constatação inicial, e SE2 com apenas uma fase, sendo classificada em SEP2.

Redação 17



Quadro 10: Redação 17 - Hipótese sobre a organização da SA.

Em relação à modalização, Categoria B, para lançar a responsabilidade da valorização excessiva da beleza física às instituições (editores de revistas, jornais e produtores de programas de TV) o autor utilizou o recurso da modalização DEÔNTICA com: temos que ser perfeitos (PAR. 2º), tem que ser magra (par. 2º), temos que ter conteúdo (PAR. 6º), temos que enxergar (PAR. 7º). Ao fazer a opção por utilizar os verbos auxiliares “ter que”, sinônimo de “deve”, o autor leva o interlocutor a inferir que a instituição (sociedade) é quem dita as normas de conduta social. Ao utilizar o verbo na primeira pessoa do plural, o autor-empírico se inclui nessa modalização, isto é, mesmo que pessoalmente não concorde com essas condu-

tas, ele se vê na obrigação de também seguir o padrão vigente.

A modalização APRECIATIVA ocorre com a locução adverbial: nem sempre (PAR. 5º) assinalando a voz subjetiva, que, ao modalizar, coloca de forma implícita sua posição contrária à busca radical pela beleza perfeita. Não podemos deixar de mencionar que a utilização da modalização apreciativa neste parágrafo veio reforçar a escolha lexical “dietas absurdas” revelando, de forma explícita, a posição defendida pelo autor.

Pudemos constatar que, apesar de o autor ter “lançado mão” dos recursos da SAC, de uma das fases da SE em duas situações, de mais cinco modalizações, o texto 18 recebeu a pontuação 4,5 na nota aferida pela banca examinadora. É certo que um texto eficaz não pode ser aferido apenas pelo uso de determinados modalizadores ou o respeito às fases de sequência tipológicas do pressuposto teórico do ISD. A nossa hipótese é a de que a utilização dessas ferramentas pode auxiliar na produção de um texto argumentativo coerente, capaz de convencer o leitor a concordar com a tese defendida pelo agente produtor.

Redação 19

(1º) “E aí, beleza?” Este coloquial cumprimento hoje em dia está em desuso, porém a chamada “ditadura da beleza” persiste e agrava-se cada vez mais – agora disfarçado de culto à saúde e bem-estar. **PREMISSA-TESE Explico...**

(2º) Desde o final dos anos 1960, com a globalização da mídia, se estabeleceram alguns padrões de beleza: as mulheres “deveriam” ser altas e magras; os homens altos e musculosos - ambos com a famigerada “barriga tanquinho”. **SE CI 1**

(3º) No entanto, também por causa da globalização, a indústria alimentícia se desenvolveu e a oferta de itens industrializados aumentou causando mudanças nos hábitos da população e alargamento de suas circunferências corporais. **PROBLEMATIZAÇÃO 1**

(4º) Isto deu origem ao paradoxo: embora se “exija” um determinado padrão, a realidade é diferente. Por exemplo, é difícil para pessoas acima do peso encontrar roupas que lhe sirvam, uma vez que os moldes básicos das confecções são menores. **PROBLEMATIZAÇÃO 2**

(5º) A chamada indústria da beleza (cosméticos, academias, cirurgias plásticas, etc.) é uma das que mais faturam em todo o mundo. “Vende-se” a ideia de que ser belo “abre portas” e é “meio caminho andado rumo ao sucesso”, tanto pessoal quanto profissional! **ARGUMENTO 1** A canção Beleza Fácil, de Zélia Duncan, assinala isso muito bem. O mundo é mesmo gentil com a beleza e cruel com a “feiura”. Tanto que em classificados de oferta de emprego um dos pré-requisitos é a boa aparência. **ARGUMENTO 2**

(6º) Esta exigência, por sinal, é um dos fatores que fez com que “ditadura da beleza” fosse declarada “politicamente incorreta” no final da década de 1990. **SE, CI 2** Então, para sobreviver, a indústria da beleza disfarçou sua ditadura atrás de um culto à saúde e ao bem-estar. **RESOLUÇÃO**

(7º) Portanto, nesse início de século XXI diz-se que magreza, músculos e barriga tanquinho é questão de saúde, não só de beleza. Logo mudarão o velho ditado “acha que é bonito ser feio?” para: “pensa que é saudável ser feio?” **CONCLUSÃO**

Texto avaliado com nota: 7,0. A organização deste texto segue os padrões

estabelecidos para produção de dissertação escolar tradicional: Introdução/desenvolvimento/conclusão. Entendemos que houve poucas oportunidades de uso dos modalizadores.

Quanto às sequências, podemos classificar em: TESE (PAR. 1º) defende que tudo gira em torno da beleza, mesmo que de forma disfarçada em culto à saúde e bem-estar. O autor justifica a tese com a SE, CI (PAR. 2) definindo o padrão de beleza da mulher e do homem: padronização materializada pelo poder da mídia. Segue-se a explanação de duas PROBLEMATIZAÇÕES: a primeira (PAR. 3) culpa a mudança nos hábitos alimentares que fez engordar grande parcela da população; a segunda problematização, consequência da primeira, defende que a população engordou, mas a indústria da moda continuou confeccionando as roupas pelos moldes antigos. Nos PAR. 5º e 6º, a defesa da tese da ditadura da beleza: ARG 1, de “A chamada” até “profissional”, basta ter boa aparência para conseguir sucesso profissional. No ARG 2, de “A canção” até “boa aparência” há a repetição do ARG 1, dessa vez, fundamentado em autoridade do mundo da música, materializado na canção: A beleza fácil de Zélia Duncan.

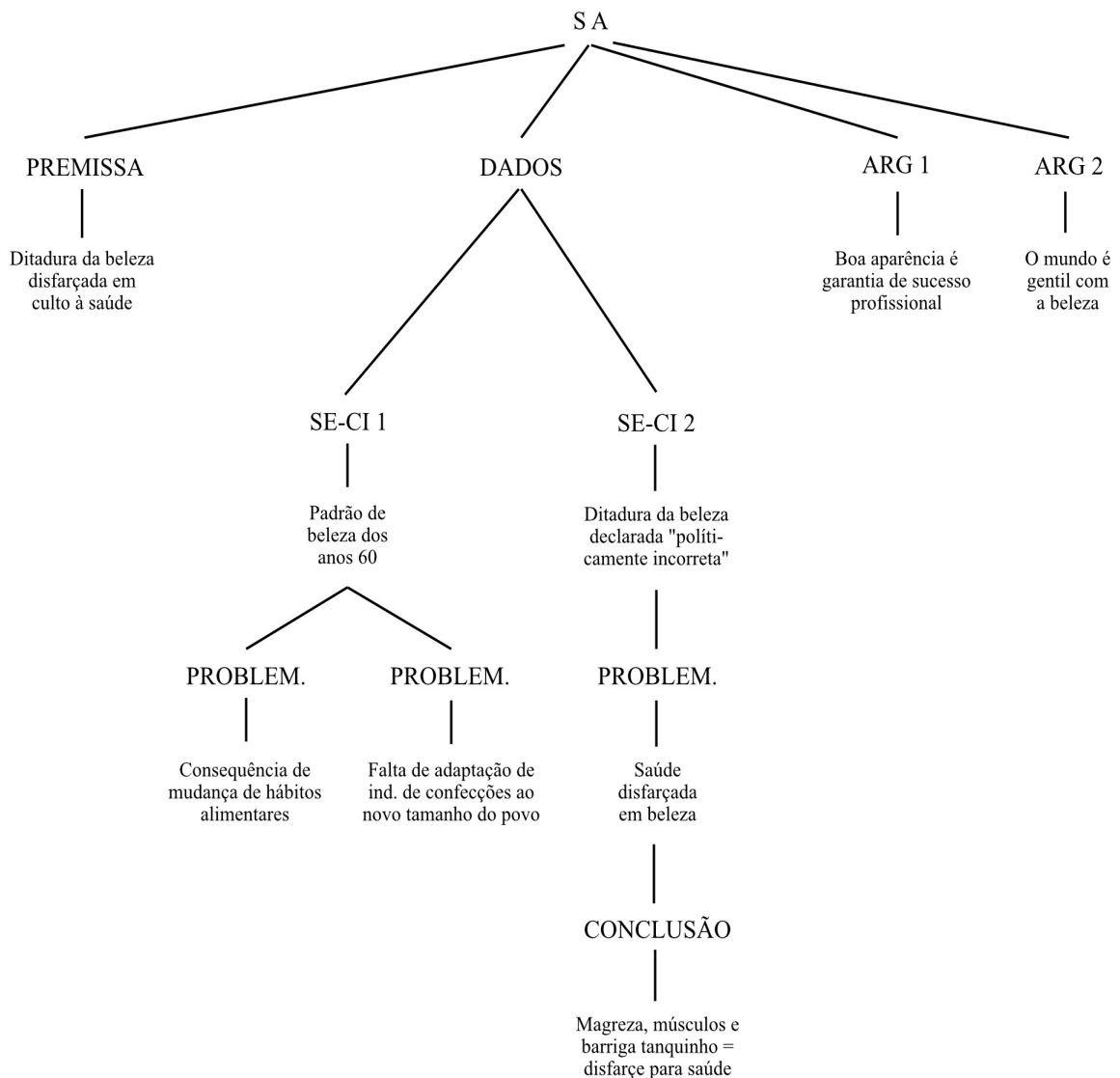
Gostaríamos de aventar a hipótese de classificar os PAR. 5º e 6º como SE, tendo como CI 1 o primeiro período e SE CI 2, de “A canção” até “feiura”. PROBLEMATIZAÇÃO em “Tanto que” até “boa aparência”. Reconhecemos a extrema complexidade que encontramos nas classificações das sequências, principalmente na classificação de argumentos (SA).

No PAR. 6º, de “Esta exigência” até “1990”, há uma SE, CI 2, em que o autor declara que iniciou-se em 1990 uma mudança nos valores promovidos pela filosofia do politicamente incorreto e na PROBLEMATIZAÇÃO indo de “Então” até “bem-estar”, a transformação do foco da indústria da beleza, na indústria da saúde. O agente-produtor, ao afirmar que “a indústria da beleza disfarçou sua ditadura atrás de um culto à saúde e ao bem-estar”, quer dizer que essa atitude foi apenas uma estratégia para mascarar o objetivo real do sistema, que continua sendo comercial.

No PAR 7º, CONCLUSÃO, o autor recorre à voz impessoal, “diz-se”, que representa aqueles que aceitaram o conceito de que ter um corpo musculoso, “malhado” é questão de saúde e não apenas de beleza. A categoria A da estrutura da SA do enunciado foi contemplada pela presença de três fases do protótipo do ISD podendo ser enquadrada então na sequência argumentativa completa SAP1, (constituída de tese, argumentos e conclusão), enquanto que a SE1 tem apenas a fase de constatação inicial e a SE2 com duas fases, constatação inicial e resolução, sendo classificada em SEP2.

Quanto à modalização, houve presença de duas modalizações DEÔNTICAS, marcadas por verbos distintos: a 1ª em deveriam (PAR. 2º) que interpretamos como encaminhamento da responsabilidade pelo tema (padrão de beleza das mulheres) à sociedade dos anos 60; a segunda em diz-se (PAR. 7º) que traduz a opinião geral da sociedade do século XXI.

Redação 19



Quadro 11: Redação 19 - Hipótese sobre a organização da SA.

Redação 27

(1º) Dizer que beleza é algo supérfluo é mentira, muito pelo contrário, beleza é uma das coisas mais importantes da sociedade contemporânea. **PREMISSA-TESE Desde a antiguidade fala-se em beleza de uma forma diversificada, tendo como**

exemplo o quadro de Monalisa de Da Vinci, que retrata a beleza da mulher natural totalmente sem maquiagem ou plástica. SE CI 1

(2º) Antigamente, as mulheres que usavam ou não maquiagem, chamavam a atenção porque tudo o que é natural é mais belo. SE CI 2

(3º) Atualmente, falar de beleza é falar de muitos gostos. SE CI 3 A maior parte das pessoas estão (sic) cada vez mais procurando por meios de retardar o envelhecimento da pele, sem falar que essas pessoas levam o fato de que retardar o envelhecimento seja ele precoce ou não é como uma forma de esconder o que é natural e belo. ARG 1 Como é o caso do cantor Michael Jackson que em busca da juventude acabou desfigurando-se por inteiro, seu rosto e seu organismo por ter sido transformado por plásticas e medicações que o levou (sic) a morte. PROBLEMATIZAÇÃO DA SE 4

(4º) Muitos não estão contentes com a aparência de suas estéticas e procuram tratamentos perigosos à saúde, provocando deformações físicas e até mesmo psicológicas. ARG 2 Toda pessoa quer estar acima dos padrões de inferioridade da estética, em outras palavras uns querem ser mais belos e bonitos que os outros, por isso esses belos voluntários da beleza exterior gastam mais em tratamentos estéticos do que em comida. ARG 3

(5º) Não se deve esquecer de pessoas que com o peso abaixo da média, como é o caso de pessoas que morrem todos os anos por anorexia. ARG 4.

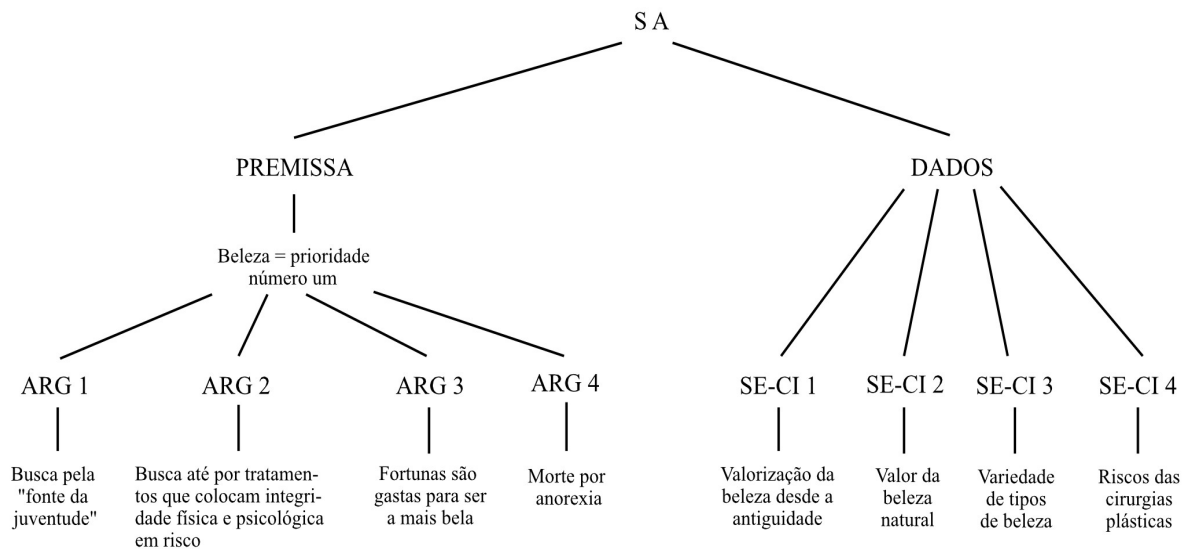
Na redação 27, que recebeu a nota 7,0, identificamos apenas duas fases de SA. A TESE (PAR. 1º) vai de “Dizer que” até “contemporânea”, em que o autor-empírico defende que a beleza é uma das coisas mais importantes do mundo atual. Apresenta 4 argumentos que atestam a veracidade de sua afirmação na tese: ARG1 (PAR. 3º) de “A maior parte” até “belo”: verificação de que cada vez mais pessoas procuram meios para retardar os efeitos do envelhecimento. Percebe-se uma voz de crítica no final do período, ao autor afirma que recorrer a métodos para retardar o envelhecimento é uma forma de esconder o que é natural no processo de vida do ser humano, considerado belo; ARG 2 (PAR. 4º) de “Muitos” até “psicológicas”, referência a riscos de deformações físicas e psicológicas ocasionadas por tratamentos estéticos; ARG 3 (PAR. 4º), de “Toda pessoa” até “comida”, alusão a espírito de competitividade de pessoas que buscam a beleza física acima de tudo; ARG 4 (PAR. 5º), menção a casos de mortes causadas por distúrbio alimentar.

Quanto às SE, há três CI: A primeira (PAR. 1º) de “Desde a antiguidade” até “plástica”, esclarecimento sobre a importância dada à beleza, informando que no tempo de Da Vinci, o padrão de beleza era mais natural, sem artificios. Na SE 2 (PAR. 2º), o autor “deduz” que o fato de a mulher não usar maquiagem a tornava mais bela; na SE 3 (PAR. 3º) de “Atualmente” até “gostos”, a diversidade de padrão de beleza no mundo atual.

Propomos a classificação da categorização das Sequências em: SAP2 (falta de duas fases da SA) e SEP 2 (igualmente, falta de duas fases da SE).

Com referência a modalizações, destacamos uma DEÔNTICA, fala-se, no PAR. 1º, elemento linguístico marcado pelo verbo impessoal que faz referência à mentalidade do tempo relatado (antiguidade); PRAGMÁTICA, não se deve esquecer, marcado linguisticamente pelo verbo auxiliar “deve” que introduz uma razão para o “não esquecer” das pessoas que morrem por anorexia. No entanto, há a hipótese de o modalizador ter sido empregado de forma indevida já que a expressão poderia ser substituída por “Há pessoas que...”.

Redação 27



Quadro 12: Redação 27 - Hipótese sobre a organização da SA.

Redação 30

(1º) Observamos na história, desde o surgimento das antigas civilizações, padrões idealizados de beleza que mudam de acordo com o tempo, com a evolução histórica, mas mesmo assim não deixam de produzir suas marcas, boas ou ruins, na sociedade.

SE CI 1

(2º) Desde a clássica beleza helenística, criada pelos gregos e que até hoje serve de parâmetro para expressar o que é perfeito, até a banal imagem da última atriz ou modelo famosa com suas medidas mínimas, possuem um padrão em particular.

SE CI 2

(3º) Esse padrão leva algumas pessoas à busca da perfeição: TESE 1 antigamente pelos valores clássicos, atualmente pelos padrões impostos pela mídia. SE CI 3 Essa busca **pode tornar-se** potencialmente perigosa quando chega ao limite de uma linha tênue que separa o que é normal do que é exagerado, muitas vezes beirando a loucura. PROBLEMATIZAÇÃO

(4º) Cada vez mais indivíduos procuram o corpo perfeito, frequentam academias e a visita ao cirurgião plástico torna-se regular. Veem-se desfiles de corpos esculturais e “siliconados”, tanto homens quanto mulheres. ARG 1

(5º) Alguns desenvolvem distúrbios psíquicos e físicos, a busca torna-se patológica, numa corrida incessante pela beleza. ARG 2

(6º) O padrão de beleza ideal é o que respeita a individualidade os pontos fortes e fracos de cada um, valorizando suas capacidades e auto estima e é atemporal: atravessa séculos, passa por evoluções e revoluções. CONTRA-ARG Trata-se da essência de cada um, valoriza realmente o que é ser belo. CONCLUSÃO.

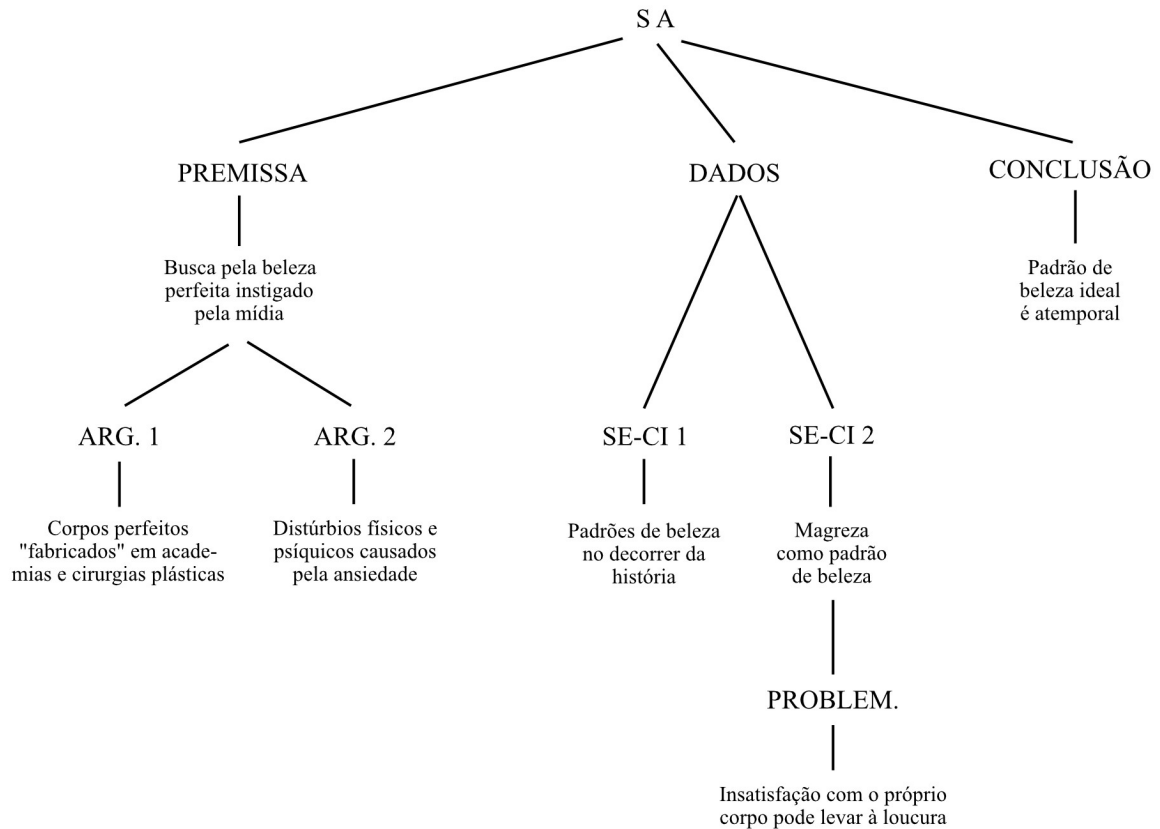
Avaliação da redação 30 foi de 8,5. A SA na redação 30 pode ser classificada em: TESE (PAR. 3º), de “Esse padrão” até “perfeição” que descreve a premissa da busca pela beleza perfeita; ARG 1 no PAR. 4º, demonstrando que tanto homens como mulheres estão frequentando academias e submetendo-se a cirurgias para modelar seus corpos e atingir o padrão de magreza idealizado pela mídia; ARG 2 no PAR. 5º, há a constatação de que alguns desses sujeitos acabam se desequilibrando física e psiquicamente ao tentar atingir o padrão de beleza estabelecido. No contra-argumento (PAR. 6º), o autor defende que o importante é valorizar as diferenças, pois a beleza é atemporal (referência à degeneração normal pela qual todo ser humano passa e que muitos não aceitam o envelhecimento natural pela qual todo ser vivo passa. CONCLUSÃO (PAR. 6º): o autor exalta o valor da essência de cada ser humano.

Classificamos as SE em: SE CI 1 e 2, nos dois parágrafos iniciais: (PAR. 1º): Verificação de mudança nos padrões de beleza no decorrer da história e no (PAR. 2º) o agente-produtor constata que a beleza padronizada pelos gregos ainda serve de modelo, ao mesmo tempo em que se valoriza também a extrema magreza “medidas mínimas” das atrizes e modelos (subentendem-se modelos fotográficos ou de passarela); PROBLEMATIZAÇÃO no PAR. 3º, de “Essa busca” até “loucura”: o vestibulando reflete que a ansiedade para atingir o padrão de beleza idealizado e veiculado pela mídia está afetando o equilíbrio do telespectador.

Em relação à categoria A, SA desta produção, classificamo-la como SAC, contemplada com as quatro fases. A SE2 apresentou duas fases, a constatação inicial e a fase de avaliação, podendo então ser classificada como SEP2.

Houve a utilização de duas modalizações APRECIATIVAS marcadas pelos advérbios de modo, potencialmente (PAR. 3º) e realmente (PAR. 6º) assinalando um ponto de vista da entidade avaliadora; neste caso, o agente-produtor; uma modalização lógica: **pode tornar-se** (PAR. 3º) que é uma análise apoiada em conhecimento do mundo objetivo, sob o ponto de vista de ato atestado como possível (a ansiedade e o desejo de atingir um objetivo: ficar tão bela como determinado modelo ou atriz pode romper o fio de lucidez e discernimento e fazer uma pessoa cometer loucuras).

Redação 30



Quadro 13: Redação 30 - Hipótese sobre a organização da SA.

Redação 48

(1º) Formas definidas e linhas perfeitas como que desenhadas pela mão de um Rafael ou de um Picasso, são o sonho de beleza de no mínimo oito entre dez pessoas. **PREMISSA-TESE**

(2º) Mas há um problema, um grave problema: a beleza está sendo monopolizada, estereotipada, banalizada. **PROBLEMATIZAÇÃO** Todos os dias a televisão, e também outros meios, mas principalmente a televisão nos mostra aquilo que diz ser a beleza: mulheres de seios fartos e nádegas grandes, uma barriga lisa e é claro, tudo isso sem celulite, isso é o que diz ser a beleza em seus comerciais e novelas, onde no mundo só existe gente bonita e sorridente. **SE CI 1** E infelizmente é isso que as pessoas aceitam inconscientemente. **AVALIAÇÃO 1**

(3º) O efeito aparece bem cedo, principalmente na vida das meninas, Garotas passam a fazer regimes extraordinários, desesperadas em busca dessa "beleza. Algumas até grande maioria, tornam-se anoréxicas ou bulímicas. **PROBLEMATIZAÇÃO 2** E tudo isso por que? Por um padrão de beleza que não existe e nem nunca existirá, que foi criado para vender e somente vender. **AVALIAÇÃO 2**

(4º) Um dia, talvez, o mundo perceba que quando se fala em beleza não existe um padrão, talvez todas as pessoas, realmente todas comecem a pensar que a beleza não está só em seus corpos, mas por aí, em todo lugar. **CONTRA-ARG** E talvez, os homens deixem de ser tão gananciosos a ponto de entregar milhares de

vidas que correm atrás de uma beleza criada por eles unicamente para vender... mas isso já é utopia. CONCLUSÃO.

Na redação 48, pontuada com nota 6,0, as SA estão distribuídas em: **PREMISSA** (PAR. 1º) em que é apresentada a tese de que quase todos (oito entre dez pessoas) almejam possuir um corpo perfeito. Há um contra-argumento no (PAR. 4º) “Um dia” até “padrão”: Aqui, o autor passa para a fase de refutação. Ele espera que o mundo perceba que não se pode padronizar a beleza. Na **CONCLUSÃO** (PAR. 4º), o candidato “espera” que mudanças ocorram no sentido de encontrar o valor real da vida não só na beleza física mas em todas as coisas; No contra-argumento (PAR. 5º), de “Um dia” até “todo lugar” é feita a refutação à tese inicial, articulada como uma esperança de que haja uma mudança nos valores em vigor. **CONCLUSÃO** (PAR. 4º), “E talvez” até “utopia”: O autor reflete sobre a possibilidade do interesse financeiro que move a humanidade dê lugar a outros valores, mas finaliza reconhecendo que isso é utopia.

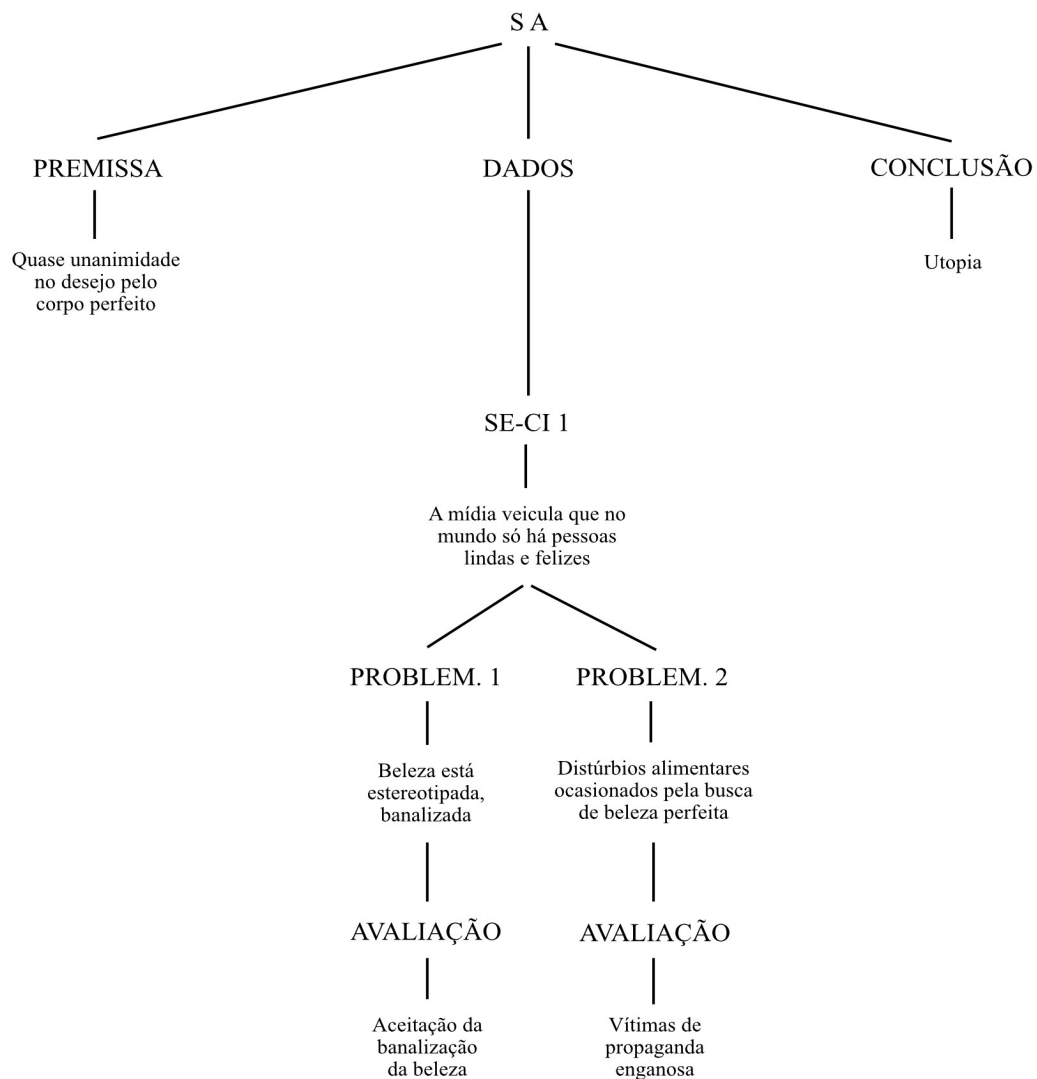
Quanto à SE, identificamos CI 1 (PAR. 2º) “Todos os dias” até “sorridente”: os meios de comunicação, principalmente a televisão, exploram e vendem imagem de mulheres “aparentemente perfeitas” passando a ilusão de que o mundo é constituído apenas por pessoas bonitas e sorridentes; a constatação de que a vida de superficialidade não é requisito para ser feliz pode ser constatada na enumeração de pelo menos dois problemas: **PROBLEMATIZAÇÃO 1** (PAR. 2º) “Mas” até “banalizada”: padronização e banalização da beleza. Na **AVALIAÇÃO** (PAR. 3º) de “E infelizmente” até “inconscientemente”: a aceitação dos padrões de beleza propagados como belos impostos pela mídia; **PROBLEMATIZAÇÃO 2** (PAR. 4º), “O efeito” até “bulímicas” consequências da falta de limites em busca da beleza perfeita, causando problemas de saúde como anorexia ou bulimia; **AVALIAÇÃO** (PAR. 3º) “E tudo isso” até “vender”, o autor raciocina que o objetivo maior em apresentar as mulheres com o corpo perfeito tem um propósito comercial: no caso de propagandas comerciais, vender os produtos anunciados; no caso de novelas, aumentar o índice de audiência e consequentemente conseguir patrocinadores mais fortes para produzir os seus programas. Ele conclui que o conceito de beleza não existe, é produto fabricado por interesses comerciais.

Propomos a classificação da categorização das Sequências em: **SAP1** (falta de uma das fases da SA) e **SEP1** (falta de uma das fases da SE).

Quanto à Categoria B, destacamos cinco modalizadores **APRECIATIVOS** em: talvez (duas vezes) (PAR. 4º): assinala um desejo pessoal do candidato de que um dia todos se conscientizem de que não existe apenas um padrão de beleza; talvez (PAR. 4º) novamente a

repetição do mesmo advérbio de dúvida expressando um desejo de que a mudança ocorra no futuro; realmente (PAR. 4º), pela terceira vez o agente-produtor utiliza um advérbio para reforçar o seu desejo de que todos entendam que a beleza está em todos os lugares; E, por fim, unicamente (PAR. 4º) em que o advérbio mais uma vez reforça a ideia de que os homens têm apenas um objetivo ao expor a beleza como mercadoria de consumo: vender o seu produto.

Redação 48



Quadro 14: Redação 48 - Hipótese sobre a organização da SA.

3.2. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Concluídas as análises da organização sequencial do conteúdo temático e também das modalizações, esta última, ferramenta que contribui para a coerência pragmática do conteúdo temáticos dos enunciados, apresentamos os dados gerados do *corpus* em forma de gráficos para posterior interpretação.

No gráfico de percentual de ocorrências de SA, obtivemos os seguintes números na classificação da Categoria A: do total de 50 redações, 27 textos possuem todas as fases da SA e, por isso, são denominados de SAC (sequência argumentativa completa), 17 textos na classe SAP1 (falta de uma das fases da SA); 05 textos como SAP2 (falta de duas das fases da SA) e SAP3 (falta de três das fases da SA).

Na transposição do percentual das ocorrências das SA, visualizamos o gráfico a seguir:

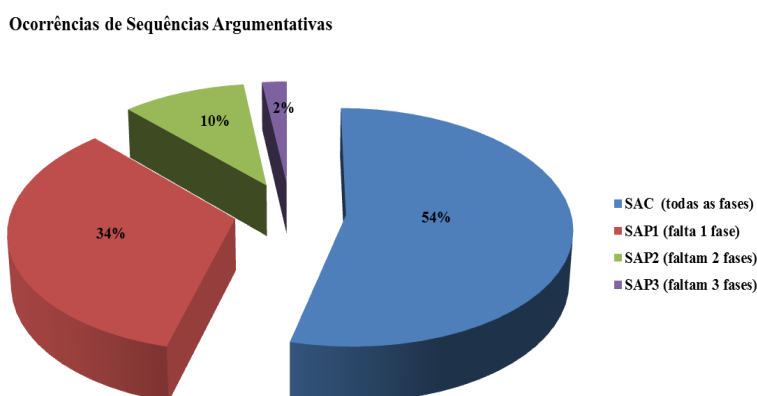


Gráfico 01: Ocorrências das Sequências Argumentativas

Uma das funções de pesquisas como esta é a de refletir sobre a prática de formação; neste caso, no curso de Letras. Diante do gráfico acima, os formadores de professores, principalmente os da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Facale/UFGD têm dupla responsabilidade: a) rever o currículo do curso de Letras, uma vez que os agrupamentos de gêneros do argumentar precisam aparecer com mais frequência²⁶, considerando-se a perspectiva do ISD; b) refletir sobre os mecanismos enunciativos (modalizações, vozes, dentre outros) para que os futuros docentes sejam egressos de um curso de formação

²⁶ No curso de Letras, os estudantes têm apenas duas disciplinas de Leitura e produção de textos, em que a ementa privilegia os gêneros da esfera acadêmica.

enunciativa.

Será que o trabalho com as 4 fases das SA, tal como proposto por Adam/Bronckart, vai contribuir para uma organização mais coerente, interessante e eficiente do ponto de vista argumentativo? De nossa parte, acreditamos que a estrutura completa persuade sim, com mais eficácia o destinatário, por lançar mão das estratégias de argumentação e contra-argumentação. Lembramos que, dentre as estratégias retóricas do gênero artigo de opinião, temos a sustentação, refutação e negociação. Xavier (2006) também aponta que a Sequência Completa é o padrão de textualização que oferece mais elementos esclarecedores e pontuais de um texto mais eficiente e interessante para um aluno ingressante no Curso Superior. Afinal, o estudante que ingressa num curso superior já foi submetido a, no mínimo, onze anos de escolaridade.

É importante esclarecer que existem outras formas de analisar as sequências tipológicas como, por exemplo, analisar as fases das SA/SE dentro de um mesmo parágrafo. A nossa opção foi buscar uma tese geral, explícita ou não, à qual podem estar entrelaçados argumentos e contra-argumentos (diluídos/espalhados do texto) para refutar a premissa. Essa forma de análise, acreditamos nós, contribuiu para que encontrássemos um grande número de SAC, o que certamente não ocorreria na hipótese de tentar encontrar as sequências completas nos limites de um parágrafo.

Machado (1998, p. 83) faz uma observação interessante em relação à dificuldade de identificar com segurança as fases das sequências: “podemos encontrar textos que podem estar organizados por sequências descritivas, mas que, ao mesmo tempo, se caracterizam por uma orientação argumentativa que o leitor ou pesquisador deve depreender”. Acreditamos que esse fenômeno pode servir para justificar a existência de fases sequenciais que se entrelaçam com o argumento da SA ou com a própria tese ou contra-argumento, tornando bastante complexa a tarefa do analista.

Citamos como exemplo desse entrelaçamento de fases da sequência a redação 4. No trecho do parágrafo 1º “Essa simples comparação ilustra um grande dilema da sociedade ocidental capitalista moderna: o jogo essência *versus* aparência.” consideramos que a TESE 1 poderia ser um argumento da PREMISSA. No parágrafo 5º, classificado como argumento, de a partir de “Agora, a beleza induz doenças como a anorexia e a bulimia, provoca desvios psicológicos, retarda o processo natural de envelhecimento (trazendo consigo o desrespeito aos idosos) gera crianças precoces e fúteis e induz à pedofilia através do cultivo de um padrão

infantil de corpo.” poderia ser justificativa do argumento materializada por uma sequência explicativa, intercalada com sequência descritiva.

Redação 4

(1º) A percepção do ambiente através dos sentidos é inerente aos animais, inclusive ao homem. Assim, da mesma forma que uma abelha é atraída pela beleza e pelo perfume da flor, nós, seres humanos, somos primeiramente fisgados pela beleza física do outro. Entretanto, por trás de uma flor atraente, muitas vezes há uma planta carnívora. Essa simples comparação ilustra um grande dilema da sociedade ocidental capitalista moderna: o jogo essência versus aparência.

(2º) Durante o período de evolução da espécie humana, quando vivíamos a transição do nomadismo para o sedentarismo, não havia nenhum tipo de acúmulo ou propriedade, a beleza não existia num conceito. A proximidade com a natureza nos torna mais instintivos, biológicos e, portanto, a aparência possuía finalidade meramente reprodutiva.

(3º) Mais tarde, no auge do Império grego, através da arte, dos esportes e da mitologia, a beleza adquiriu conceito. Em seu bojo, estavam a simetria, a sustentação, e o equilíbrio, relacionando-a à escultura e à arquitetura; a força, a saúde do corpo e da mente, relacionando-a aos jogos olímpicos, que exploravam habilidades diversas, a sabedoria, a experiência, a elevação, a pureza e o pudor, relacionando-a à mitologia.

(4º) Com o advento do capitalismo, porém, cada vez mais, a beleza perde esses valores. O corpo vincula-se à mercadoria e o consumo controla as relações entre as pessoas. Como produtos, devemos chamar a atenção logo no primeiro instante, ter boa aparência, abominar qualquer falha ou defeito externo que possa comprometer a imagem positiva que o consumidor deve captar – não importa o que haja dentro da embalagem, atrás do rótulo ou sob o embrulho.

(5º) Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais. Talvez seja por isso que o mundo vive em decadência moral: egoísmos, falsidade, vícios, depressão, insegurança, superficialidade. Agora, a beleza induz doenças como a anorexia e a bulimia, provoca desvios psicológicos, retarda o processo natural de envelhecimento (trazendo consigo o desrespeito aos idosos) gera crianças precoces e fúteis e induz à pedofilia através do cultivo de um padrão infantil de corpo.

(6º) Somos animais, sim, mas possuímos algo que os outros não têm – a inteligência que nos torna críticos e nos permite avaliar com profundidade o ambiente a nossa volta. Por intermédio dela podemos escolher o que queremos individualmente e fazer valer nossa condição de racionais, não automáticos, nem instintivos.

Bronckart (2007 [1999]) defende o estatuto dialógico das sequências tipológicas. O autor afirma ainda que o agente-produtor toma emprestado um protótipo que está disponível no intertexto, isto é, nos artigos de opinião que nos vieram antes, de acordo com as representações que o produtor tem de seu destinatário. Além disso, a dialogicidade das sequências prototípicas ocorre porque o conteúdo temático estocado na memória do produtor,

na forma de macroestruturas, precisa ser desdobrado sintaticamente, isto é, é necessário desenvolver as fases dentro de uma língua natural, no nosso caso, o português. É evidente que a dialogicidade ocorre mesmo nos casos de sequências incompletas, com a ausência de uma ou de duas fases. Por outro lado, quando isso ocorre (ausência de algumas fases), creditamos tal fato a duas hipóteses: i) ausência de atividades orais e escritas referentes ao desenvolvimento de capacidades de ação, isto é, o estudante apresenta dificuldade em fazer a representação do seu contexto físico e sociossubjetivo (Cf. Niéri, 2011); ii) dificuldades relativas à argumentação propriamente dita (Pécora, 1992 [1983]).

Ainda na mesma Categoria A, SE, obtivemos os seguintes dados: 1 texto foi considerado contemplado com todas as fases e denominado de SEC, 08 textos estão na classe SEP1 (falta de uma das fases da SA); 20 textos como SEP2 (falta de duas das fases da SE) e 18 textos classificados como SEP3 (falta de três das fases da SE) e 3 das redações não apresentaram nenhuma das fases da SE.

Refletindo sobre a causa da ocorrência de apenas uma produção com a SEC, lançamos a hipótese de que o agente-produtor do texto levou em consideração o contexto de vestibular, em que o interlocutor em potencial é um professor com formação em Letras, e que, pela sua bagagem cultural, não haveria necessidade esmiuçar o tema em desenvolvimento. Pode-se também conjecturar que o autor-empírico não soubesse ou não quisesse entrar em detalhes sobre a sequência explicativa. Por isso, não problematizou, não justificou, tampouco avaliou a proposta de escrita. Sobretudo, o agente-empírico pode não ter empreendido a ação de escrever sequências explicativas, uma vez que não viu nenhuma *constatação* ou *fenômeno incontestável* que precisasse de explicações. (BRONCKART, 2003). De fato, a proposta de produção de texto (o valor da beleza ao longo dos séculos) pode ter não se constituído num fenômeno que necessitasse de desdobramentos. Entretanto, o autor-empírico poderia ter explicado as *causas* ou as *razões* de uma constatação inicial ou ainda *enriquecê-la* e ainda estaria circunscrito nos limites de uma SE.

Quanto às ocorrências de modalizadores, obtivemos os seguintes números: 36 lógicas; 80 apreciativas, 47 deônticas e 29 pragmáticas.

Conforme explicitado no capítulo 2, os mecanismos enunciativos são ferramentas importantes para imprimir nuances de subjetividades, além de estabelecer uma função pragmática, “guiando, facilitando” a leitura.

Apresentamos a seguir o gráfico demonstrativo das ocorrências das SE:

Ocorrências de Sequências Explicativas

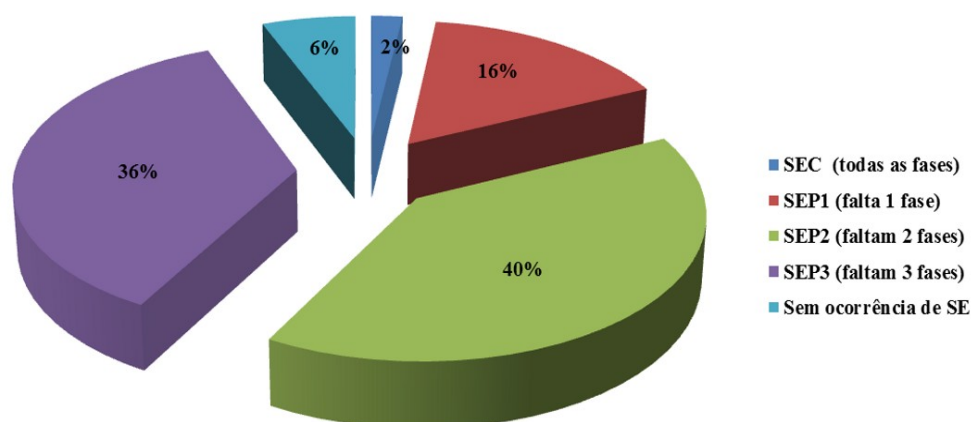


Gráfico 02 – Ocorrências de sequências explicativas

Conforme definição de Rodrigues (2011), os indicadores modais funcionam como sinalizadores linguísticos do enunciador perante o seu enunciado. Da mesma forma, por meio das modalizações e vozes as ideologias dos grupos sociais e instituições podem ser reveladas e responsabilizadas perante o indivíduo e a sociedade. Quando detectadas 80 ocorrências de modalizações apreciativas no *corpus* coletado que se apresentaram sob a materialidade linguística de advérbios, podemos inferir que houve predomínio de escolhas lexicais em nível de experiência pessoal e/ou, conforme análise feita por Xavier (2006), reflexos de um comportamento regulado por valores e preceitos morais enraizados no convívio social. Os advérbios mais representativos foram: “talvez” com 12 ocorrências; “sempre” com 10 ocorrências, “realmente” com 6 ocorrências; “infelizmente” com 5 ocorrências; “bem” e “infelizmente” com 4 ocorrências.

Uma vez que os advérbios de modo traduzem um aspecto do conteúdo temático procedente do mundo subjetivo, podemos interpretar que houve grande número de avaliação do tema beleza, que apareceu implícita na voz de instituições, grupos representativos ou na própria opinião do enunciador. Já as modalizações deônticas surgiram 47 vezes, atrás apenas das apreciativas, indicativo de que houve também um número grande de juízo de valores, determinados por grupos sociais, em relação aos personagens ou aspectos do conteúdo do tema “beleza”.

Retomando a definição de modalizadores lógicos, vimos que tais marcadores conduzem a avaliações ou comentários feitos com sentido de descrever ou expor algum

conceito ou ponto de vista considerado como fatos possíveis, prováveis, eventuais e necessários. Esse *corpus* apresentou 36 ocorrências desse marcador linguístico, fazendo-nos inferir que o intuito do agente-empírico naquele momento, era o de expor um conceito ou algo considerado como verdadeiro. Com o menor número de ocorrências, os modalizadores pragmáticos, apareceram 29 vezes, o que significa que houve pouca atribuição de responsabilidade de uma “entidade constitutiva do conteúdo temático” (BRONCKART, 332), ocasionada, provavelmente, pela proposta de produção. Ao contrário de propostas temáticas relacionadas à corrupção, à miséria, entre outros, que, em geral, apelam para a conscientização dos leitores ou de um leitor abstrato, a consigna de escrita não favorecia tal empreendimento linguístico.

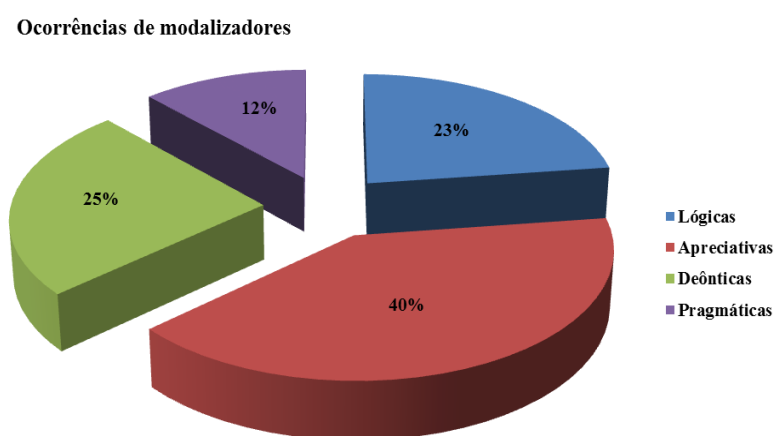


Gráfico 03 – Ocorrências de modalizadores

Por fim, não podemos deixar de mencionar, a despeito da “baixa” ocorrência das modalizações pragmáticas, a pesquisa reitera os dados de Gonçalves (2007), quando, em sua tese de doutoramento, ao elaborar o modelo didático do gênero dissertação escolar (esta àquela época compreendida como gênero) constatou alta produtividade de modalizadores.

Quanto à variável frequência dos marcadores linguísticos, houve predomínio dos advérbios ou locuções adverbiais, com 86 ocorrências, já que a ocorrência maior foi de marcadores apreciativos. Os advérbios mais recorrentes foram: talvez, sempre, realmente, principalmente e infelizmente. Quase na mesma proporção, apareceram os verbos auxiliares de modalização (dever, poder, querer, etc.) com 83 ocorrências com locuções como: pode levar a, pode esconder, temos que ser, deve-se entender, tinha que ser, etc. Em seguida, as orações impessoais com 27 ocorrências, com verbos ser + predicativo: é certo, é possível, é comum, é importante lembrar; considera-se, fala-se, basta apenas, diz-se que, etc. Os

marcadores que menos apareceram foram os verbos no modo condicional, marcados linguisticamente pelo tempo verbal futuro do pretérito: deveria ser, seria perfeito, faria, deveria buscar, tornássemos, etc.

Frequência das modalizações no corpus

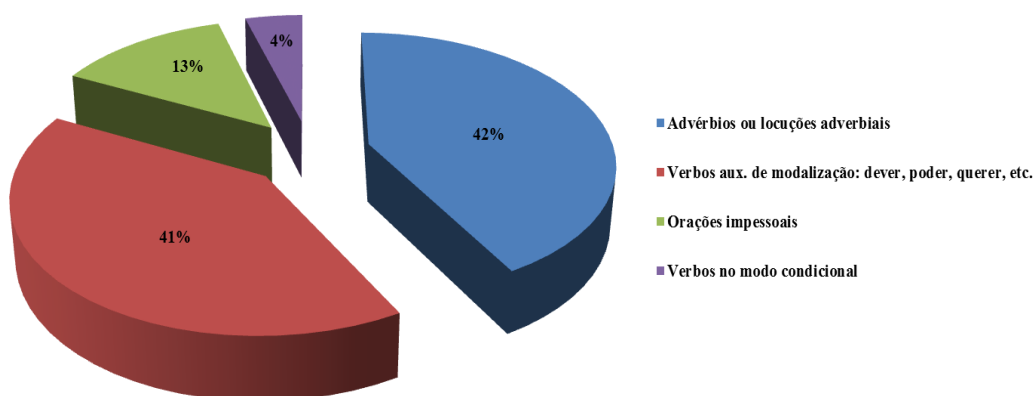


Gráfico 04 – Frequência de modalizações

O modalizadores lógicos foram concretizados principalmente pelos verbos auxiliares modais (não deve ser, pode esconder, pode tornar-se, é certo que, é importante, etc.) consideram os fatos atestados como necessário com 21 ocorrências, indicador de que os autores-empíricos sentiram-se na autoridade para julgar que, em função da padronização da beleza imposta pela sociedade, os cidadãos sentiam-se pressionados a adquirir o padrão de magreza exibido pelos modelos, manequins e personalidades do mundo artístico. Ex.: “Então para que o sonho de manter-se belo não se torne pesadelo, é necessário que se tome muito cuidado antes de encarar qualquer procedimento [...]”. Os fatos considerados como certos apresentaram 14 ocorrências, o mesmo número dos fatos considerados como prováveis, com 14 ocorrências. Ainda apareceram 4 ocorrências de verbos no modo condicional, 3 advérbios e 1 (uma) locução adverbial. Vale lembrar ainda que, na definição de Neves (2001, p. 244), o modalizador epistêmico (lógico, na definição utilizada pelo ISD), “expressa uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante, marcando uma adesão do falante ao que ele diz, mediada pelo seu saber sobre as coisas.”

Segundo Bakhtin, todo texto adota e adapta modelos de textos/gêneros já existentes. Ao utilizar determinados verbos auxiliares modais, o autor-empírico está materializando o julgamento de valor de alguns elementos do conteúdo temático utilizados em situações semelhante para obter o mesmo efeito de sentido. Conseqüentemente, fazemos escolhas de

modelos de enunciados e podemos dizer que os marcadores linguísticos são elementos estáveis que foram utilizados no passado e que pela sua eficácia continuam sendo eleitos para produzir sentidos semelhantes.

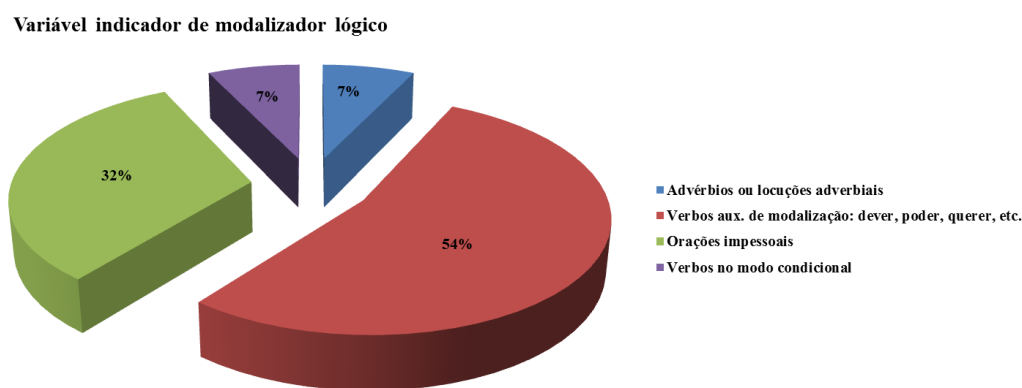


Gráfico 05 – Variável indicador de modalizador lógico

Os marcadores deônticos em nosso *corpus* materializaram os julgamentos feitos por vozes sociais representativas das instituições, personagens citadas ou pelo próprio autor-empírico sobre a padronização da beleza. Os marcadores linguísticos que representaram essa modalidade foram os verbos modais com 32 ocorrências, sendo que o auxiliar “ter que” apareceu 8 vezes, o verbo auxiliar “poder” apareceu também 8 vezes, o verbo auxiliar “deve” apareceu 6 vezes, dentre outros como “tentar” e “procurar estar” com 2 e 1 (uma) vez, respectivamente. Fizeram se representar também os verbos impessoais como “basta apenas”, “considera-se”, “procura conseguir”, “diz-se que” e “fala-se” com 1 ocorrência cada; 8 ocorrências com verbos no condicional e 2 advérbios de modo. Fazendo referência ao “ter que”, item que mais vezes apareceu no *corpus*, o enunciado é apresentado pelo falante como algo que deve ocorrer, que é obrigado a fazer como em: “E a tendência é essa, quanto mais passar o tempo, mais as mulheres terão que ser magérrimas para serem consideradas bonitas e atraentes [...]”.

Os identificadores dos modalizadores pragmáticos foram representados principalmente pelos verbos modais, concretizados pelo verbo auxiliar “dever” com 15 recorrências. Ex. Na redação 26: “E para termos uma boa qualidade de vida, devemos estar primeiramente em paz como o nosso corpo, seja ele magro ou até mesmo um pouco mais “cheinho”[...]” ; pelo verbo auxiliar “precisar” com 4 recorrências, pelo locução verbal “ter que” com 2 ocorrências, pelo “verbo “deixar” com 2 ocorrências e pelo verbo poder com 1 ocorrência.

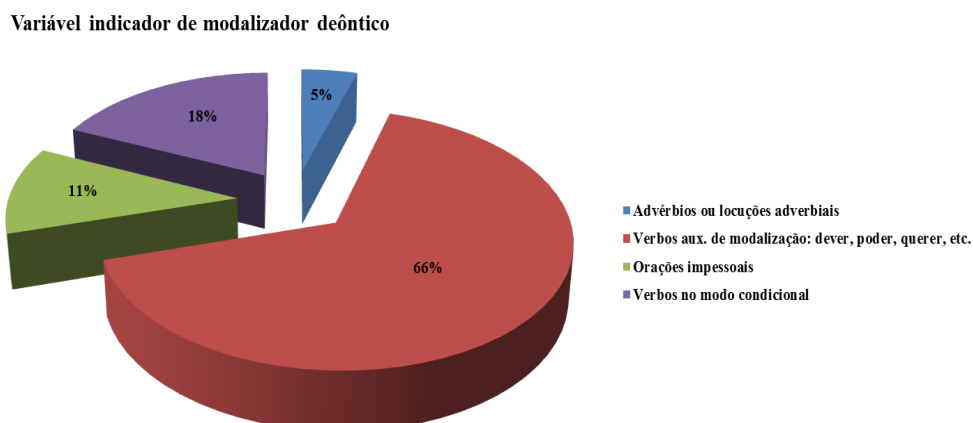


Gráfico 06 – Variável indicador de modalizador deôntico

As orações impessoais se fizeram presentes com 5 recorrências sendo que a locução predicativa “é preciso” teve 3 recorrências, “é melhor”, “é necessário” com 1 ocorrência cada.

Variável indicador de modalizador pragmático

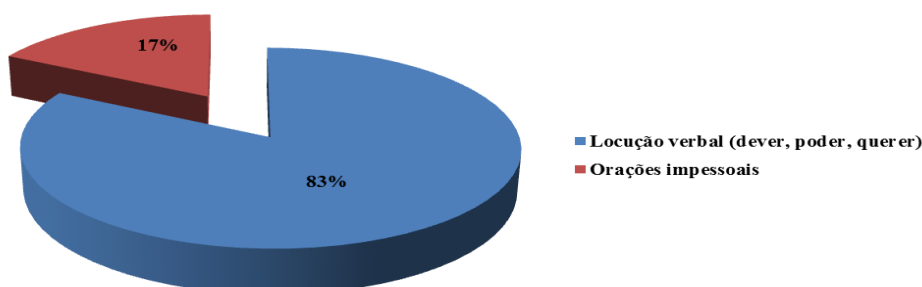


Gráfico 07 – Variável indicador de modalizador pragmático

Esclarecemos que não houve necessidade de apresentarmos um gráfico indicador linguístico do modalizador apreciativo, uma vez que 100% das ocorrências ocorreram com advérbios de modo, indicativos de estado de espírito do enunciador em relação ao conteúdo de asserção (felizmente, talvez, com certeza, exatamente, inquestionavelmente, meramente, nem sempre, potencialmente, sinceramente, etc.). Nossos dados comprovam as hipóteses dos tradutores de Bronckart (2003) de que as marcações de modalizadores em francês são semelhantes às do português.

CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atingir mudança no quadro atual de fraco desempenho na produção escrita por parte dos nossos jovens, Pécora, em 1992, revelou ser necessário reconhecer a natureza dos problemas a serem enfrentados para renovar o papel crítico que cabia ao ensino. Para o pesquisador, o conhecimento do que a escrita tem de mais específico exige menos cuidados técnicos e/ou pedagógicos, do que os de atualizar uma concepção ética de linguagem.

Esse estudo pretendeu levar em consideração o uso dos elementos relativamente estáveis na construção argumentativa, explicativa e uso de modalizadores que explicitassem o ponto de vista dos candidatos em torno do tema "beleza", com ênfase na forma convincente de conduzir o enunciado.

A análise das produções textuais revelou que os candidatos estão usando as fases da SA. Surpreendentemente, 54% do *corpus* apresentaram a organização sequencial desejável, do ponto de vista do pressuposto teórico do ISD. Já quanto à SE, a pesquisa revelou que a grande maioria dos autores-empíricos utilizou apenas 2 fases (40%) ou 1 fase (36%). Os 16% que utilizaram 3 das fases da SE se aproximaram do modelo ideal dessa sequência, juntamente com o único que conseguiu apresentar as 4 fases completas da SEC.

Em relação às sequências tipológicas, Machado afirma que, apesar da importância da teoria desenvolvida por Adam (e endossada por Bronckart) para o estudo das sequências, a autora verificou que “grande parte dos textos são construídos sob a forma de fragmentos de sequências”. (MACHADO 1998, p. 241). Isso quer dizer que as fases das sequências não têm a regularidade que se espera na comprovação de uma teoria científica. Tal fato foi comprovado em nossa pesquisa

Outra dificuldade observada por Machado(1998, p. 242) refere-se “à extrema fluidez dos critérios de identificação das sequências, o que torna difícil a concordância entre diferentes pesquisadores sobre sua delimitação e até mesmo de um mesmo pesquisador em épocas diferentes”. Da nossa parte, legitimamos a constatação da autora, já que, a cada leitura, surgiram novas possibilidades. É verdade que o próprio preconizador da teoria, diz Machado (1998, p. 242), “admite a variabilidade da análise, considerando-a explicável – e legítima – a partir de diferentes esquemas de conhecimentos, o que determinaria diferentes leituras de um mesmo texto”. Seria o caso de teoria “capenga” e que necessita reformulações em sua tese?

Ou seria o estatuto dialógico das sequências o fator que possibilitaria tamanha fluidez?

Quanto às modalizações, Leite (2009) reconhece que, embora o estudo de textos através de mecanismos enunciativos seja viável e possa acrescentar muito ao trabalho com produção textual, o levantamento desses mecanismos não é fácil. Contrariando os dados de Gonçalves (2007), quando gerou dados de pesquisa (dissertações de uma instituição particular de ensino da cidade de Birigui, SP), no *corpus da UFGD*, prevaleceram os modalizadores apreciativos em detrimento das lógicas apontadas por aquele autor em contextos de ensino privado. Isso pode nos levar à hipótese de que os enunciadores exprimiram reações emotivas, que são manifestações subjetivas. Eles podem ter se sentido incomodados, já que não concordam com a falta de limites para se conseguir alcançar o padrão imposto pelo grupo formador de opinião.

Dentre as várias formas de se efetuar a análise de enunciados para detectar se os vestibulandos produziram artigo de opinião sobre a padronização da beleza, conforme explanado no Capítulo 2, nosso viés recaiu sobre a análise da utilização das sequências tipológicas e mecanismos enunciativos, principalmente as modalizações. Os dados nos dizem que é grande o número de recorrência de utilização de modalizações e de sequência argumentativas completas, isto é, contemplando as quatro fases que compõem o protótipo da sequência argumentativa. Isso nos leva a concluir que um razoável número de candidatos conseguiu defender uma opinião e produzir um texto argumentativo. Entretanto, conforme o próprio Bronckart (2003) afirma, o ISD, como qualquer outra proposta teórico-metodológica, tem caráter artificial e as análises podem não corresponder às múltiplas interações existentes entre os três níveis do folhado textual.

Seria ingênuo esperar que um trabalho de análise de textos, mais precisamente, produções escritas em um contexto de vestibular, neste caso, o PSV/2010 da UFGD pudesse trazer uma resposta para questionamentos que vêm sendo feitos desde 1992 por pesquisadores incomodados com o fraco desempenho na leitura e na produção de textos por parte da maioria de candidatos a vestibular, alunos do ensino médio e até de muitos que já frequentam o Curso Superior.

No entanto, entendemos que as pesquisas precisam ser feitas de forma a atingir também as regiões mais distantes dos grandes centros culturais, e consideramos a pertinência de um trabalho que focalizasse a produção textual, na região Centro-oeste. Com base nas conclusões de estudos sobre redações citados na introdução desse trabalho, a nossa hipótese

de partida era de que muito pouco havia mudado desde que o Ministério da Educação interveio no processo seletivo para preencher as vagas nas universidades, tornando a prova de redação obrigatória. Analisando os dados que coletamos, tivemos a surpresa de verificar que não foram tão poucos aqueles que produziram texto de boa qualidade.

Quanto à metodologia e o pressupostos teóricos, podemos dizer que muito ainda se tem por pesquisar. No entanto, podemos com segurança afirmar que o grande mérito do trabalho com gêneros textuais é a abertura para ferramentas semióticas complexas como a ZDP de Vygotsky, os modelos didáticos de gêneros, as Sequências Didáticas, Avaliação interativa, dentre tantas outras.

A dificuldade maior de se programar as orientações postas na OCEM ²⁷acreditamos encontra-se na transposição didática da teoria à prática de sala de aula. Conforme o relatório da coordenadora do curso de formação continuada de professores da rede pública do município, Prof^a Mariolinda Rosa Ferraz, (no anexo III), um curso de 40 h realizado no segundo semestre de 2010, em Dourados, MS, que tinha como propósito promover a reflexão sobre o ensino da leitura e da escrita na perspectiva de ISD, articulando teoria e prática, mostrou-se desanimador do ponto de vista de aceitação e interesse das professores em fazer um trabalho efetivo e sistemático com os gêneros textuais junto aos seus alunos. Segundo o depoimento da coordenadora, as(os) professoras(es) participam de cursos de aperfeiçoamento, mas a maioria continua com a mesma prática. Elas (es) alegam que o trabalho com gêneros textuais é complicado, demanda tempo de preparação, necessidade de pesquisa e leitura para dominar a teoria, etc., enfim, não estão motivadas (os) para realizar a mudança.

Apesar das dificuldades, é necessário continuar o processo de formação, alerta a coordenadora, há que se trabalhar sob o prisma interacionista de linguagem. Ferraz (2010) alerta sobre um problema que pode ter decorrido na formação: a escolha do gênero com que os alunos iriam trabalhar foi feita conforme a necessidade determinada pela ementa da professora formadora. Segundo a coordenadora, os gêneros nascem de uma situação real de comunicação. Enfim, o processo de formação continua, e no momento a equipe está desenvolvendo novo projeto de 560 h sobre o mesmo tema: Gêneros textuais. Novos

27 [...] “o olhar do aluno, sem perder de vista a complexidade da atividade de linguagem em estudo, deverá ser orientado para compreender o funcionamento sociopragmático do texto – seu contexto de emergência, produção, circulação e recepção; as esferas de atividade humana (ou seja, os domínios de produção discursiva); **as manifestações de vozes e pontos de vista; a emergência e a atuação dos seres da enunciação no arranjo da teia discursiva do texto;** a configuração formal (macro e microestrutural); **os arranjos possíveis para materializar o que se quer dizer;** os processos e as estratégias de produção de sentido” (BRASIL, 2006, p. 32) (grifo nosso)

resultados advirão.

Salvo exceções, o quadro atual na nossa região é este. Acreditamos que as universidades têm também grande parte da responsabilidade em formar professores não só de Letras, mas também os profissionais do curso de Pedagogia, na perspectiva do ISD, trabalhando com gêneros textuais desde os anos iniciais do ensino fundamental I. Aliás, existem trabalhos interessantes realizados com gêneros orais com os pequeninos, ainda semialfabetizados.

Para Machado (2009), a transposição didática implica necessariamente deslocamentos, rupturas e transformações em um determinado corpo de conhecimentos científicos. Para que essa ação se concretize torna-se necessário ativar um sistema de assessoria composto por: agentes formadores (assessores), professores e determinados objetos de conhecimento.

É importante ressaltar que reconhecemos que foi muito complexa a tarefa de definir cada fase das sequências, bem como as modalizações, já que cada pesquisador pode entender as teorias e aplicá-las conforme a sua concepção. Por essa razão, muitas das classificações podem ter outras interpretações e gostaríamos de registrar que o nosso objetivo não foi o de simplesmente realizar um trabalho de classificação das teorias (infraestrutura geral do texto e mecanismos enunciativos).

O nosso objetivo foi o de tentar interpretar e avaliar a eficácia das utilizações dos objetos de estudo: sequência argumentativa, sequência explicativa e modalização para aplicação das teorias nas produções textuais dos alunos de Curso de Letras para, então, consecutivamente, favorecer o diálogo e a reflexão sobre o currículos das instituições formadoras.

O que pudemos constatar é que o *corpus* estudado apresentou dados de números relevantes de utilização de modalizadores e sequências argumentativas completas e poderíamos considerar que, na média das avaliações, representaram ações de linguagem regulares.

Entretanto, se a teoria for bem orientada, isto é, a transposição didática do ISD (por meio da metodologia das sequência didática, modelos didáticos, listas de constatações, reescritas e correção interativa (autocorreção, correção aluno X aluno, correção aluno X professor), aliadas a teorias suplementares, como a utilização dos aportes teórico-práticos Semiótica para análise de textos multimodais, por exemplo, em um trabalho que leve em consideração o contexto e principalmente as necessidades linguísticas de cada realidade

formadora, acreditamos que as produções textuais podem ser melhoradas consideravelmente. Assim, o movimento seria também descendente: instituição formadora/professor em formação e, quem sabe, mudanças de posturas na sala de aula do ensino básico.

Nós entendemos que o trabalho com gêneros textuais oferece ferramentas didáticas que exigem planejamento e conhecimento de conteúdo e dedicação por parte dos professores. Essa prática de ensino prepara o aprendiz para as situações reais da vida em sociedade, pois o aluno será colocado em contato com verdadeiras práticas sociais de linguagem, enquanto a gramática, a ortografia, organizadores textuais e conectores serão ensinados de forma contextualizada e não em frases isoladas, conforme foi constatado nos trabalhos de pesquisadores (as) apresentados nas referências.

Conforme se pode verificar em trabalhos de dissertação, teses, artigos científicos publicados em livros, anais e revistas especializadas, muito se tem feito para encontrar a metodologia ideal para o aluno ideal. A resposta para melhorar o desempenho de comunicação oral e escrita de nossos alunos precisa ser construída em conjunto, desde o planejamento anual, a preparação do currículo a curto, médio e longo prazo, a interação do professor com os alunos, a motivação financeira dos profissionais envolvidos, vontade política dos governantes em priorizar a educação, envolvimento dos pais, da comunidade e principalmente, o respeito ao direito a uma educação de qualidade que cada cidadão merece ter são alguns dos requisitos que ainda precisam ser alcançados.

A presente pesquisa, pode ser ampliada por outros pesquisadores, com possibilidades reais de obtenção de resultados semelhantes, desde que o viés seja a concepção de linguagem interacionista, apoiada nos aportes do Interacionismo sóciodiscursivo de Bronckart e do grupo de didática de línguas da Universidade de Genebra, é uma proposta que pode trazer respostas positivas. Por isso, um fator relevante para futuras pesquisas é o de ter sempre em mente, na transposição didática de qualquer gênero textual, as três capacidades de linguagem: capacidades de ação (contexto de produção), capacidades discursivas (tipos de discurso, tipos de sequência, mobilização do conteúdo temático) e capacidades linguístico-discursivas (mecanismos de textualização, conexão, vozes e modalizações). No contexto desta pesquisa, centramo-nos nas capacidades discursivas (tipos de sequência) e no linguístico-discursivo (modalizações). Mas, em contexto de ensino, é necessário desenvolver sequências de atividades que contemplem todas as capacidades supramencionadas.

Por fim, reafirmamos, tal como Dolz & Schneuwly (2004), a urgência da

necessidade de levar à escola diferentes propostas de produção de gêneros textuais apoiados numa específica situação de comunicação, o que acarreta a escolha de um gênero textual para um determinado contexto de produção e a consequente utilização de capacidades discursivas e linguístico-discursivas pertinentes ao gênero escolhido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso. A construção do Ethos. Da noção retórica de ethos à análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. "Os gêneros do discurso" in *Estética da Criação Verbal*. Tradução e introdução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, (2003 [1992]), pp. 261-335.

_____. *O freudismo*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, (2006 [1979]).

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. *A apropriação do gênero crítica de cinema no processo de letramento*. Dissertação de mestrado. UEL. Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem. Londrina, 2008. 222 pp.

BAUER-UBER, Terezinha de Jesus. *Artigo de Opinião: estudos sobre um gênero discursivo*. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/255-4.pdf> PHPSESSID=2009050608420196 Acesso em: 08 Jan.2011

BRASIL, Decreto Federal nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977. *Inclusão obrigatória de prova ou questão de redação em língua portuguesa em concurso vestibular*. Diário Oficial da União - Seção 1, 25/02/1977, p. 2228.

BRASIL. Portaria nº 2.941, de 17 de dezembro de 2001. *Obrigatoriedade de redação em vestibulares*. Diário Oficial da União, Seção 1, 21/12/2001, p. 43.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. 1998. Brasília/DF: MEC/SEF.

BRASIL, MEC, PNLEM 2007. *Avaliação do Livro Didático do Componente Curricular de Matemática e Língua Portuguesa*, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/port_1818.pdf Acesso em: 11 out. 2010.

BRASIL, MEC, OCEM 2006. *Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ministério da Educação*. Orientações curriculares para o ensino médio. Vol 1. Brasília. 2006. 239 pp.

BRAIT, Beth. *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. In: Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. 2ª ed. rev. Campinas: Unicamp, 2005.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical*. Tese de doutorado IEL, UNICAMP. CAMPINAS, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Trad. Anna Rachel Machado. 2. ed. São Paulo: EDUC, (2007[1999]).

BUNZEN, Clécio. "Da era da composição à era dos gêneros: o ensino da produção de texto no ensino médio". In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. *Português no ensino médio*

e formação do professor. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *Escola de Genebra: interacionismo sócio-discursivo. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna*. Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/o_ensino_de_generos_ClecioBunze_n.pdf Acesso em: 11 out. 2010.

CASTELLI, Marco Antonio de Mello. Literatura, leitura, escrita. In: Ferraro, Maria Luiza (et al.) *Experiência e prática de redação*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 186 pp.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. <http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/71>. Acesso em: 20 Nov. 2010.

Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FERRARO, M.L. Et al. *Experiência de Prática de redação*. Florianópolis: UFSC, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FRANCO, Kátia Regina. Redação de vestibular: Gênero Textual em Foco. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/64.pdf>. Acesso em: 28 Dez. 2010.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas: Papirus, 5. ed. [1994] (2003).

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, [1997] (2003). 252 p.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. *A questão do Gênero no Brasil: teorização acadêmico-científica e normatização oficial*. 2004. 261 p. Tese de doutorado. UNICAMP, IEL. Campinas, SP. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000316826&fd=y> Acesso em: 01 jul. 2010.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; RESE, Mara Cristina Fischer. Avaliação de Redações no Vestibular da UFSC: os critérios e sua aplicação. In: Ferraro, Maria Luiza (et al.) *Experiência e prática de redação*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 186p.

GONÇALVES, A.V. *O interacionismo na Produção de Textos Dissertativos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis, 2002, 165 pp.

_____. Gêneros textuais e reescrita: uma proposta de intervenção interativa. Tese de Doutorado - Programa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2007, 344 pp.

HILA, Cláudia Valéria Doná. *As representações do contexto de produção da redação do*

vestibular. 2007. Disponível em: unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/37.pdf
Acesso em: 03 out. 2010.

KOCK, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
LEITE, Angela Villas Boas. *Os mecanismos enunciativos no estudo de contos brasileiros em livros didáticos para o ensino médio*. Tese de doutorado. UFMG. 2009. Faculdade de Letras. Belo Horizonte. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-7R5Q3A/1/754d.pdf>
Acesso em: 10 set. 2010.

MACHADO, Anna Rachel. *Entrevista com Jean-Paul Bronckart*. DELTA vol.20 no.2 São Paulo Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502004000200006&script=sci_arttext; Acesso em: 04 jun. 2010.

_____. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____; Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. PUCSP. In: *O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Abreu-Tardelli, Lília Santos; Cristovão, Vera Lúcia Lopes. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

_____; Guimarães, Ana Maria de Mattos. O interacionismo sociodiscursivo no Brasil. In: *O Ensino e a aprendizagem de Gêneros Textuais*. Abreu Tardelli, Lílian Santos; Cristovão, Vera Lúcia Lopes. (Orgs) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. UNESP. 2001.

NIÉRI, Juliana Sanches. *A transposição didática do gênero dissertação escolar*. Dissertação. UFGD. Programa de Pós-graduação em Letras. Dourados, MS. 2011. 184 pp.

PADRÃO, Andréa Lúcia Paiva; FERRARO, Maria Luiza. A redação na história dos vestibulares. In: Ferraro, Maria Luiza (et al.) *Experiência e prática de redação*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 186 pp.

REVISTA ELETRÔNICA ESTUDOS HEGELIANOS, Revista Semestral da Sociedade Hegel Brasileira - SHB, Ano 3º - N.º 05 Dezembro de 2006. Disponível em:
<http://www.hegelbrasil.org/rev05e.htm>, Acesso em 20 jun. 2010.

PÉCORA, Alcyr. *Problemas de redação*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, (1992 [1983]).

ROCCO, Maria Tereza Fraga. *Crise na Linguagem*. A redação no vestibular. Tese de doutorado Faculdade de Educação, USP, 1981.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. MEURER, J.L; BONINI, Adair. MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *A teoria de gêneros do discurso de Bakhtin no horizonte de estudos da linguística*. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/115.pdf>, Acesso em: 10 Fev, 2011.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipo de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard;; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Elizabeth Maria da. Práticas Letradas na Redação de Vestibular. In: LINO, Denise; Silva, Elizabeth (orgs). *Redação de vestibular em Questão*. Campina Grande: Bagagem, 2010. 158 p.

VIANA, Priscila Lopes. *Análise de estratégias linguístico-discursivas constitutivas do gênero textual "Santinho Político"*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/DAJR-8B2N5U/1/1279m.pdf> Acesso em 02 ago, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, (1991 [1987]).

XAVIER, Joelma Resende. *O ISD em produção de texto no processo seletivo de vestibular*. 2006. 184 p. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras. UFMG. Belo Horizonte. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?selectaction=&co_obra=82953 Acesso em 01 jul. 2010.

ANEXO I

Proposta de redação do vestibular 2009/2010 - UFGD

Os textos e as imagens a seguir ilustram padrões de beleza distintos no tempo e no espaço. Redija um artigo de opinião debatendo os valores da beleza ao longo da história e sua relação com os valores vigentes na sociedade neste início de século XXI.



A Vênus de Milo é uma famosa estátua grega. Ela representa a deusa grega Afrodite, do amor sexual e da beleza física.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%Aanus_de_Milo.

Acesso em: 10/11/2009.



Disponível em: <http://www.opinado.com.br/post/159701/cleo-pires-na-capa-da-revista-boa-forma.html>. Acesso em: 10/11/2009.

Em suma, numa sociedade que tem horror ao diferente, que submete a diversidade do real à uniformidade da ordem racional-científica, que funciona pelo princípio da equivalência abstrata entre seres que não têm denominador comum, a loucura é uma ameaça sempre presente.

FRAYSE-PEREIRA, João. *O que é loucura*. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.102-104.

Letra da música *Beleza Fácil*

O mundo
 É gentil com a beleza
 Põe a mesa, arruma a sala
 Exala a compreensão
 Tudo se faz possível
 A beleza pode esconder
 O mau, o sujo, o desprezível
 E ainda assim só por ser belo
 Faz parecer incrível
 Que o mundo gosta da beleza fácil

Do que é superprático
 Banalidade rara
 Superfície clara
 Do que se vê logo de cara
 E nunca se enxerga
 (Zélia Duncan - Beleza fácil)

Letra da música *Salão de Beleza* - fragmento

Vem você me dizer que vai a um salão de beleza
 Fazer permanente massagem rinsagem
 Reflexo e outras coisas más
 Baby você não precisa de um salão de beleza
 Há menos beleza num salão de beleza
 A sua beleza é bem maior do que qualquer beleza de qualquer salão de beleza
 Mundo velho e decadente mundo ainda não aprendeu a admirar a beleza
 A verdadeira beleza a beleza que põe mesa
 E que deita na cama
 A beleza de quem come e que deita na cama (...)
 (Zeca Baleiro, Salão de Beleza – Fragmento)

Observações:

- Obedeça às normas da língua-padrão;
- Defenda um ponto de vista e escreva, no máximo, 30 linhas.

Casos de atribuição de nota ZERO à Prova de Redação

1. afastar-se no todo do tema proposto;
2. for escrita a lápis;
3. for apresentada sobre forma de verso;
4. não estiver articulada verbalmente (apenas com números, desenhos, palavras soltas, etc);
5. estiver assinada ou com qualquer tipo de identificação

texto escrito com menos de 20 linhas.

ANEXO II

50 redações de alunos de Letras

Vestibular 2009-2010 – UFGD

Redação 1

(1º) Tornou-se visivelmente ascendente a valorização e a contemplação da beleza na sociedade contemporânea. **PREMISSA-TESE 1** Essa prática é vista desde a antiguidade clássica, na qual os atributos físicos eram imprescindíveis mediante a população. Um exemplo que justifica essa opinião pode ser visto na civilização grega, principalmente em Esparta SE CI 1, na qual as crianças imperfeitas eram banidas socialmente. **PROBLEMATIZAÇÃO 1**

(2º) Um típico exemplo também a ser mencionado são as clássicas histórias infantis, que desde cedo influenciam as crianças a se preocuparem com a aparência física. Quem nunca ouviu a famosa frase da bruxa na história da Branca de Neve: “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” SE C2

(3º) Todavia, essa valorização da beleza está se tornando mais intensa a cada dia. SE CI 3 Em consequência, nota-se uma elevação nas questões prejudiciais ao ser humano, como o surgimento de muitas doenças, tais como a bulimia. **PROBLEMATIZAÇÃO 2** A mídia também possui uma rigorosa influência na população. Dessa maneira, os corpos atléticos e aparentemente perfeitos aos olhos dos telespectadores passam a ser inquestionavelmente cobiçados e desejados. **PROBLEMATIZAÇÃO 3**

(4º) É possível possuir um corpo saudável e viver harmonicamente em seu refúgio feliz com a balança. **TESE 2** Para tanto, é de extrema importância a prática de exercícios físicos, e uma adequada e balanceada alimentação. **ARG 1-TESE 2** Há também a necessidade da compreensão de que muitas atitudes e escolhas indevidas podem acabar por desestabilizar a harmonia dessa conflitante relação. **ARG 2 da TESE 2.**

(5º) Dessa maneira, os cidadãos devem controlar sua “parte” narcisista e aprender a avaliar suas ações. **AVALIAÇÃO 1 CI 3** Entender que os meios de comunicação em massa usam a ambição corporal do ser humano como marketing também é essencial, **AVALIAÇÃO 2 CI 4** Assim, com atitudes reavaliadas e tomadas com consciência, tornar-se-á mais fácil a tentativa de nos livrarmos da escravidão a qual somos impostos pelas aparências corporais. **CONCLUSÃO DA TESE 2.**

Redação 2

Rumo à padronização

(1º) Assim como a economia e a política sofrem mudanças, os valores socioculturais também mudam. Como em toda época da história, existiram padrões vigentes até para a beleza, na atualidade também surgem valores diferentes que, muitas vezes nos assustam. INTRODUÇÃO À PREMISSA Nas últimas décadas nasceu o culto à magreza PREMISSA OU TESE 1 e, deixou de ser estranho ou novidade ouvir que um jovem morreu com doença anorexia.[ARG] Em uma sociedade onde a boneca “Barbie” faz parte da infância da maioria das meninas é difícil explicar a elas que não é saudável ser tão magra. SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1

(2º) Logo, nos perguntamos como é que chegamos a tal ponto e, a resposta não é sempre agradável. CONTRA-ARG. Machado de Assis, no seu “Teoria do medalhão” mostra uma conversa entre pai e filho, que teve uma função ensinar ao filho como manter uma vida de aparências, decorando palavras difíceis para convencer as pessoas de que é inteligente quando essa não é a verdade. SE CONSTATAÇÃO INICIAL 2 Fica claro que o papel da família é muito importante na formação dos valores dos jovens. CONCLUSÃO DA SE

(3º) Dessa forma, notamos que a aparência influencia e muito na vida das pessoas, o que não é um fato novo. ARG TESE 2 O autor Vitor Hugo nos faz ver com seu personagem Corcunda a reação da pessoas com algo que lhes aparenta diferente do normal estabelecido, evidenciando o preconceito em pessoas de todas as classes sociais e como é errado agir dessa maneira.SE CONSTATAÇÃO INICIAL 3 (4º) Portanto, vimos que os valores da beleza estão intimamente relacionados com os valores da sociedade e como vivemos na era da globalização cada vez mais nos “padronizamos”. Abandonamos aos poucos nossa cultura para viver ainda o “American way of life” e continuamos a temer o diferente. SE CONSTATAÇÃO INICIAL 4 Esquecemos que a originalidade é o que nos torna seres humanos, cada qual com sua personalidade TESE 2 e que devemos respeitar sempre as diferenças, pode ser uma religião ou a cor de um cabelo, todos tem o direito de escolher seu modo de vida. CONCLUSÃO

Redação 3

Diversidade de belezas

(1º) A beleza é admirável e relativa, devida a diversidade de raças, cores e inúmeras etnias que o ser humano possui, o conceito de “belo” para um não é necessariamente equivalente ao do outro. Cada povo tem o seu conceito de belo. **PREMISSA-TESE 1** Contudo, padrões de beleza e moda foram estabelecidos com o intuito de priorizar características físicas que são mais admiradas pela maioria. **CONTRA-ARG** Assim acaba por surgir o preconceito, a exclusão e a futilidade na sociedade. **CONCLUSÃO**

(2º) Cada região determina uma tendência, que se modifica à medida de gerações. O modelo do corpo, a cor do cabelo é lançado e divulgado nos meios de comunicação mais acessíveis: televisão, jornais, revistas, e internet. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1** Pessoas tornam-se compulsivas e buscam através de dietas e cirurgias plásticas adequar-se ao modelo atual. Muitas vezes ignoram a própria saúde para satisfazer o ego e a vaidade, perdendo a essência do que a beleza realmente é. Logo, o desequilíbrio gera doenças como anorexia e depressão. **PROBLEMATIZAÇÃO**

(3º) **Um fato notável é** que na antiguidade as mulheres mais salientes, de quadril bastante largo, pele pálida e suave, esculpidas e pintadas semi-nuas eram a beleza pura da época, esbanjando fragilidade e um certo erotismo disfarçado. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 2** Atualmente, a preferência é de mulheres bem magras, altas, pele bronzeada e maquiagem forte a fim de incorporar muita sensualidade. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 3**

(4º) Enfim, permanece a população seguindo a moda não saudável do corpo que lhe é imposto ter, até que outra tendência seja redefinida. **PROBLEMATIZAÇÃO** Padrões de beleza existirão até que a diversidade do real finalmente deixe claro **CONCLUSÃO** que não há apenas um tipo de beleza, mas sim várias deles (sic). **TESE 2** Caso contrário, o homem continuará por discriminar ele mesmo. **ARG**

Redação 4

(1º) A percepção do ambiente através dos sentidos é inerente aos animais, inclusive ao homem. Assim, da mesma forma que uma abelha é atraída pela beleza e pelo perfume da flor, nós, seres humanos, somos primeiramente fisgados pela beleza física do outro. **PREMISSA-TESE 1** Entretanto, por trás de uma flor atraente, muitas vezes há uma planta carnívora. **CONTRA-ARG** Essa simples comparação ilustra um grande dilema da sociedade ocidental capitalista moderna: o jogo essência versus aparência. **TESE 2**

(2º) Durante o período de evolução da espécie humana, quando vivíamos a transição do nomadismo para o sedentarismo, não havia nenhum tipo de acúmulo ou propriedade, a beleza não existia num conceito. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1** A proximidade com a natureza nos torna mais instintivos, biológicos e, portanto, a aparência possuía finalidade meramente reprodutiva. **ARG 1**

(3º) Mais tarde, no auge do Império grego, através da arte, dos esportes e da mitologia, a beleza adquiriu conceito. Em seu bojo, estavam a simetria, a sustentação, e o equilíbrio, relacionando-a à escultura e à arquitetura; a força, a saúde do corpo e da mente, relacionando-a aos jogos olímpicos, que exploravam habilidades diversas, a sabedoria, a experiência, a elevação, a pureza e o pudor, relacionando-a à mitologia.. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 2**

(4º) Com o advento do capitalismo, porém, cada vez mais, a beleza perde esses valores. O corpo vincula-se à mercadoria e o consumo controla as relações entre as pessoas. **ARG 2** Como produtos, devemos chamar a atenção logo no primeiro instante, ter boa aparência, abominar qualquer falha ou defeito externo que possa comprometer a imagem positiva que o consumidor deve captar – não importa o que haja dentro da embalagem, atrás do rótulo ou sob o embrulho. **SE - CONSTATAÇÃO INICIAL 3**

(5º) Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais.. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 4** Talvez seja por isso que o mundo vive em decadência moral: egoísmos, falsidade, vícios, depressão, insegurança, superficialidade. Agora, a beleza induz doenças como a anorexia e a bulimia, provoca desvios psicológicos, retarda o processo natural de envelhecimento (trazendo consigo o desrespeito aos idosos) gera crianças precoces e fúteis e induz à pedofilia através do cultivo de um padrão infantil de corpo. **ARG 3**

(6º) Somos animais, sim, mas possuímos algo que os outros não têm – a inteligência que nos torna críticos e nos permite avaliar com profundidade o ambiente a nossa volta. Por

intermédio dela **podemos escolher** o que queremos individualmente e fazer valer nossa condição de racionais, não automáticos, nem instintivos. CONCLUSÃO

Redação 5

Beleza, algo relativo, o que é belo para uma pessoa pode não ser belo para a outra. **PREMISSA-TESE 1** Esse seria o pensamento correto, quando questionado o que é beleza, porém hoje no século XXI a história infelizmente não é essa. **CONTRA-ARG**

No No século XIX, ocorreu a famosa Revolução Industrial que trouxe com ela o maior sistema econômico existente no mundo, o capitalismo **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1** . Essa obsessão (sic) pelo poder, pela busca excessiva pelo dinheiro, afeta diretamente os valores da beleza, que passaram a serem(sic) considerados bens materiais, que grande parte da população mundial não possui(sic) condições de ter, ou melhor, de comprar. **TESE 2**

A mídia exerce grande influência na sociedade atual, ela dita o que as pessoas vão vestir, como elas deverão se comportar, até mesmo o que vão comer. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 2** Aliás, antigamente, sem o grande poder das redes de comunicações, era valorizado a beleza natural, hoje o que vimos nas ruas são mulheres magras, com silicone, homens sarados e os que não são assim te garanto que gostariam de ser. **SE CONSTATAÇÃO INICIAL 3** Isso mostra **perfeitamente** a influência das novelas, revistas e todos os meios de manipulação em massa existente. **AVALIAÇÃO**

A busca pela perfeição imposta de acordo com o padrão de beleza atual, tem ocasionado sérias consequências na saúde emocional e física em grande parte da população, como o aumento em doenças antigamente desconhecidas como a anorexia e bulimia, todas relacionadas ao peso do indivíduo. **PROBLEMATIZAÇÃO**

Acreditar que a roupa que você está usando, ou que a sua dieta, ou até mesmo o seu novo corte de cabelo é escolha **plenamente** sua, é ilusão na sociedade atual. E como dizia Vinícius de Moraes "me desculpem as feias, mas beleza é fundamental", agora basta saber o que é belo na sua mídia. **CONCLUSÃO**

Redação 6

Padrão de beleza

Antigamente, para as mulheres serem bonitas bastava ser educada, simpática e um pouco acima do peso. INTRODUÇÃO À PREMISSE Já nos dias de hoje, **bastar ter** um corpo definido que é considerada linda, PREMISSE-TESE 1 não precisa ser inteligente, educada e muito menos simpática para isso acontecer. ARG Mas por que o estereótipo de beleza feminino mudou tanto nas últimas décadas?. SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1

Conforme o tempo foi passando, as mulheres conseguiam seu espaço no trabalho e na vida social, com isso suas vontades foram sendo expostas, assim como seu corpo, afinal quem inventou a mini-saia e o biquíni foram as mulheres E cada vez mais as roupas pesadas, os chapéus, as luvas eram deixadas de lado, e as mulheres começaram a se cuidar mais, cuidar dos cabelos, do corpo, da pele, do jeito que elas queriam, SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1 e com isso a sociedade foi ficando mais exigente em relação a beleza feminina. PROBLEMATIZAÇÃO Portanto, o padrão de beleza feminino de hoje, são mulheres bem definidas, com bumbum e seios grandes, pernas firmes e cabelos sedosos. Se a mulher passa de cinquenta e oito quilos já é gorda sendo que antes esse era o peso das magras. AVALIAÇÃO/CONCLUSÃO E a tendência é essa, quanto mais passar o tempo, mais as mulheres terão que ser magérrimas para serem consideradas bonitas e atraentes, TESE 2 ao invés de possuir dotes culinários, saber a tabuada do seis, entre outras coisas que não faz muita diferença aos olhos masculinos ultimamente. CONCLUSÃO

Redação 7

(1º) Para mim, a definição de beleza está em constante mutação, porém, atualmente nos encontramos na fase onde o belo significa literalmente um corpo perfeito, cabelos perfeitos, pele perfeita e que a busca por esse ideal deve ser alcançada a qualquer preço; i.e., a “luta” para atingir esse estereótipo que torna homens e mulheres cada vez mais desfigurados. PREMISSA-TESE 1

(2º) As mulheres, em sua maioria, permitem-se ser vítimas do paradigma da beleza sujeitando-se a grandes riscos e graves consequências. SE CONSTATAÇÃO INICIAL 1 A individualidade desaparece a cada instante; revistas estampam em suas capas “vista-se como...”, “copie o cabelo...” e quase sem perceber, passamos a ser nada mais que bonecas em cama de hospital. ARG1

(3º) Vemos diariamente, principalmente na televisão, pseudo-celebridades que alcançam a fama somente por seus atributos físicos. ARG 2 A mídia que ora defende a individualidade em um piscar de olhos é o carrasco, nos expondo ao paradigma de que as mulheres precisam somente da beleza – mesmo que artificial – como o único artifício para total realização.

(4º) Com essas influências externas passamos a confundir a boa aparência com ideal de beleza. Aprendemos a deixar a essência pessoal em segundo plano, quase intocada, esquecida. CONTRA-ARG Costumava pensar que a “gordinha bem resolvida” era uma máscara para fugir dos julgamentos da sociedade, após certa dose de discernimento, pude ver, de fato que a gordinha bem resolvida é muito mais feliz que a magra que se acha gorda. ARG DA TESE 2

(5º) Estamos ensinando aos pequenos que a aparência física substitui o caráter, que a saúde só deve ir ao encontro da busca pelo corpo perfeito. A quebra de paradigmas começa em pensamentos e atitudes. CONCLUSÃO e Vinícius de Moraes que me desculpe, mas beleza não é fundamental TESE 2

Redação 8

As discussões sobre o que condiciona o belo datam desde antes da nossa era. Desde sofistas e pré-socráticos até filósofos contemporâneos. Não estou falando somente de músculos e curvas humanas, também toco no que diz respeito às artes e aos objetos. **PREMISSA-TESE 1** Pois, atualmente, algo que é elaborado intelectualmente e que portanto possui conteúdo contrasta com ideologias e propaganda escondendo seus interesses lucrativos atrás de peças de roupa e outros artigos. **ARG 1** Platão há muito elaborou teorias que abordam o belo, como em “O mundo das idéias” por exemplo. **SE CI 1** Buscar entender de onde e como se criam os valores estéticos que estão no corpo de uma modelo, nas pinturas de Pablo Picasso ou em um livro de Dostoiévski **pode até não ser** tarefa de um cabeleireiro, mas não é desculpa para a liquidificação que se tem dos ideais. **SE CI 2**

O que ocorre com a mulher que se diz objeto, também dá-se com as artes. As produções, muitas delas, têm somente o ideal de vender sem se preocupar em transferir conhecimento. **SE CI 3**

Infelizmente, creio que o público brasileiro acostumou-se com o vazio e é em razão disto que os livros são pouco lidos e tidos como difíceis, às vezes. **ARG 2** O que vende normalmente é bem objetivo no prazer da facilidade. O ator que atua não conhece o teatro: basta ter rosto bonito. **SE CI 4**

Redação 9

Ilusão de ótica

O culto ao belo não é algo que se pode atribuir somente a modernidade. **PREMISSA**
TESE 1 Relatos mostram sociedade antigas dentre elas a mais famosa é a grega que praticava o culto a beleza, adorando diversos deuses, fazendo oferendas, esculturas e sempre tentando se parecer ao máximo com os mesmos. **SE CI 1**

Bonitas na Grécia eram as que tinham corpos cheios e arredondados pois significavam fartura. **Acreditava-se** que a mulheres com essas características estavam mais próximas das deusas **SE CI 2** No antigo regime da China o que caracterizava as mulheres por sua beleza era o tamanho dos pés, quanto menor mais belas eram. **SE CI 3**

Hoje o que resta deste período são senhoras de idade sem equilíbrio suficiente para locomoção pois não possuem sustentação devido ao pequeno tamanho dos pés.
PROBLEMATIZAÇÃO 1

Ao passar de décadas, o conceito foi se inovando e tornando-se mais rígido, as roupas encurtaram então o que é bonito **tem que ser visto**. **SE CI 4** Este conceito impõe automaticamente a ditadura do corpo, meninas que ainda nem alcançaram a maturidade frequentam academia. **PROBLEMATIZAÇÃO 2**

A(sic) aquelas que assumem o risco de fazer por conta própria as dietas do século XXI ou até mesmo a dieta da lua, sol e derivados. Submetendo-se ao risco de desenvolver as doenças modernas, bulimia e anorexia. **PROBLEMATIZAÇÃO 3**

A

questão em cheque é o que é ser belo? Imitar o ídolo da televisão, ir de acordo com a ditadura da moda? **PROBLEMATIZAÇÃO** (Beleza é apenas o que a moda impõe?) **As vezes é preciso ser si mesmo e não ligar para a frase de Vinícius de Moraes. As feias que me desculpem, mais(sic) beleza é sim exencial(sic).** **ARG** Todos são belos não importa a óptica mais(sic) **é certo que** a beleza está em algum lugar só esperando a hora exata de se rebelar. **CONCLUSÃO E TESE 2**

Redação 10

Beleza rara

A beleza física está fácil de ser alcançada, **PREMISSA OU TESE 1** é um lipo aqui, um remédio enibidor(sic) de apetite acolá ou talvez um pouco de silicone ali, para ficar mais atraente. ARG A procura do corpo perfeito está prejudicando principalmente jovens que não enxergam limites para qualquer perfeição, ARG 2 então quem ditou a regra que precisamos ser magras ou musculosos para sermos aceitos na sociedade.

Será que realmente é preciso arriscar a própria saúde para sermos completamente felizes, SE CI 1 vários casos já vivenciados de dosagem de remédios inapropriados sendo aplicados em jovens insatisfeitos e que procuram músculos avantajados e estes acabam sendo uma história de fatalidade. **PROBLEMATIZAÇÃO**

A mídia e/ou mercado capitalista nos influencia (sic), aquele mulher magra possui manequim 34 e esta vestindo a melhor marca de jeans, então quem a copiar será mais bela e facilmente aceita por outros. **EXPLICAÇÃO OU JUSTIFICAÇÃO**

Precisamos abrir os olhos para a realidade, mostrar para aquela manipuladora que está na sala de estar, na cozinha, no quarto, enfim, a televisão que moda e um corpo escultural não valem mais que a vida. **CONCLUSÃO** E que padrão de beleza não existe, pois somos todos diferentes TESE 2 e a diversidade já é uma beleza rara. ARG

Redação 11

A sociedade atual estabelece inúmeros critérios que caracterizam os valores da beleza, entre eles, a uniformidade. PREMISSE-TESE 1 **Esses novos critérios foram se transformando e adequando as mudanças culturais impostas ao longo dos anos.** SE CI 1

As pessoas criam valores que com o passar dos anos vão se transformando, isso acontece com o padrão de beleza estabelecido, alguns anos atrás a mulher hoje dita como normal, ou seja, uma dessas sem artifícios, natural era vista como o símbolo da beleza e do amor sexual. ARG

Com o decorrer dos anos, essas características foram se adaptando as novas tendências sócio-culturais, hoje as pessoas tem como objetivo corpos perfeitos, isso passou a ser o padrão vigente em nosso meio. SE CI 2 **É importante ressaltar** que muitas pessoas por motivos profissionais e pessoais se sacrificam para diminuir e manter as mínimas medidas possíveis, fazem inúmeras cirurgias para modificar seu biotipo e investem recursos financeiros absurdos na indústria de cosméticos e serviços da área. PROBLEMATIZAÇÃO **Esse fascínio desordenado das pessoas em fazerem parte do mesmo padrão pode prejudicar a saúde e o bem estar.** SE CI 3

Em virtude dos fatos acima mencionados somos levados a crer que nos tornamos prisioneiros de nossas tendências, tomamos atitudes radicais relacionadas a beleza sem pensar nos malefícios que isso **poderá nos causar.** CONCLUSÃO **Enfim devemos nos conscientizar** da importância do nosso bem-estar físico e enfatizar sempre a importância de corpos saudáveis e não de corpos sarados, dentro do nosso limite. TESE 2

Redação 12

A beleza feminina

Uma sociedade integra ou exclui um de seus membros conforme padrões pré-estabelecidos pela maioria. INTRODUÇÃO À PREMISSA Esta exclusão aqui citada refere-se às pessoas que mesmo dentro de um meio social, se sintam sós e isoladas de todos por não terem os padrões impostos pela mesma. Estes padrões também sofrem variações de uma sociedade para outra, conforme respectivas épocas, regiões, costumes e culturas. SE CI 1

Mediante padrões de época, vê-se que antigamente, como nos tempos de sociedade Maia e Asteca, a beleza feminina retratava-se com a escultura do corpo de uma mulher obesa, indicativo de fartura e fertilidade. SE CI 2 Já na cultura grega, a beleza feminina não aponta estruturas exuberantes, mas ainda são proporções avantajadas, com mulheres de coxas grossas, quadris e leve barriguinha. SE CI 3

Atualmente, no século XXI, os padrões mudaram muito. SE CI 4 A beleza feminina tem o corpo delgado e malhado. Pessoas fora destes padrões não recebem mesma atenção e valor na sociedade. PREMISSA OU TESE 1

Mas como manter um país uniforme com tantas diferenças físicas e mentais. SE CI 5 Se todos forem iguais, correremos riscos de chegarmos à loucura, como João Pereira. Pereira, João. O que é loucura. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 102 – 104. ou como o comentário na música de Zélia Duncan: “A beleza **pode esconder** o mau, o sujo, o desprezível” (Zélia Duncan – Beleza Fácil) que segue enfática que “...o mundo gosta da beleza fácil”.PROBLEMATIZAÇÃO

Mas a beleza física não é tudo. TESE 2

Redação 13

O bom, o belo, o “bonito”

O conceito de beleza hoje não foi o mesmo de ontem, cada vez mais exigisse (sic) um padrão comum, corpo magro, cintura fina, barriga sarada, “tipo tanquinho” e porque não seios modelados por silicone. PREMISSA-TESE 1

Em um mundo onde já foi permitido ter aquele “pneuzinho” na barriga que passava despercebido pelo tamanho da roupa que usava, hoje com a moda do “inho” shortinho, vestidinho, biquininho, uma barriga pouco sarada, uma perna pouco malhada, correm o risco de não serem muito bem encaradas. SE CI 1

A mídia como um todo impõe tal imagem do corpo perfeito “doa a quem doer”, modelos esqueléticos, muito bem maquiadas com seus andares tortos, bem vestidas, bem calçadas e com muita fome. Sim, muita fome – O segredo do verão para você leitora que quer perder uns quilinhos e entrar naquele biquini, a dica da revista para você é? Pare de comer! Feche a boca e emagreça em 30 dias. SE CI 2

Exatamente assim que **deveria-se publicar**, pois por debaixo dos panos, no sentido figurado do assunto tratado é esse recado que se quer passar, ou mesmo as próprias leitoras ou leitores subentendem que essa **seria** a maneira mais eficaz de atingir o corpo tão almejado. CONTRA-ARG É triste ao mesmo tempo assustador o retrato do “belo” desse século, tantas famílias sofrendo pela falta de conhecimento de seus filhos e filhas SE CI3 que muitas vezes na busca desesperada pela Beleza acabam por adoecer, padecendo de doenças como Bulemia(sic), Anorexia. PROBLEMATIZAÇÃO

O conceito de beleza nada mais é que algo criado por você uma deficiência do próprio ser, que não encher(a) por si mesmo o que é o bom, o belo, o “bonito”. CONCLUSÃO E TESE 2

Redação 14

A(sic) algum tempo, a definição do que é ser belo tem mudado frequentemente. Observe as duas figuras na outra página. Uma é a da Vênus de Milo, o que seria um ícone da beleza a(sic) algum tempo, hoje para nós, ou pelo menos para a maioria de nós, ela **seria chamada** de gordinha. SE CI 1 Logo ao lado, temos a foto da atriz e modelo Cléo Pires, magérrima, ícone da beleza dos dias de hoje.

A mídia, a televisão, a moda em si foi quem impôs esse padrão de beleza, e nós, todos que somos, acatamos essa ideia SE CI 2 levamos para a nossa vida uma coisa que **pode levar** a consequências muito sérias e até mesmo a morte, como foi o caso da modelo Ana Carolina Reston, morta a(sic) alguns anos atrás por consequências decorrentes da anorexia, uma doença que a cada dia está ficando mais comum, principalmente entre as jovens de 12 a 24 anos. PROBLEMATIZAÇÃO

Nós temos que analisar em primeiro lugar que a beleza não existe, ela está nos olhos quem vê¹ Não tem aquela frase "Quem o feio ama, bonito lhe parece?" É essa ideia que eu estou tentar passar para o leitor! PREMISSA OU TESE 1 Nisso, temos que estar bem conosco, é que é realmente importante. ARG 1 Tentar passar para as pessoas uma imagem distorcida do que nós somos só para agradar alguém ou porque a moda ou a TV impôs isso é burrice! ARG 2 Deus nos fez ímpares, a sua imagem e semelhança e não há beleza no mundo maior que essa. Fiquem atentos a isso e verão que até o mundo a sua volta ficará mais belo. CONCLUSÃO

Redação 15

Em qual embalagem você quer me ver

A valorização do eu no passado é sintetizado nos tempos modernos como um ser diferente e contraditório ao seu ego social marcado pelo exibicionismo egoísta e banal.

Vemos que a pureza intelectual e individual antes conceituada natural e privilegiada, elogiada nos pensamentos e nas arte hoje é **explicitamente** voltada para uma valorização comercial. INTRODUÇÃO À PREMISSA **Percebemos na propaganda, por exemplo, necessitam divulgar o produto pela sua capa, muitas vezes superficial e até mesmo sem conteúdo.** SE CI 1

Nós nos tornamos vítimas por enxergarmos e querermos as curvas bem acentuadas e corpos fortificados e embalados pela malhação. PREMISSA OU TESE 1 **Corpos que nem sempre resultarão em satisfação pessoal.** SE CI 2

O que antes era admirado como fonte de inspiração é atualmente escandalizado e negligenciado em capas de revistas e suas respectivas representações. PROBLEMATIZAÇÃO

O mundo não soube ou teve preguiça de descobrir sua beleza interior que é mais essencial para viver feliz. JUSTIFICATIÇÃO E para isso acontecer é preciso encontrar de dentro para fora e não ser escravo da adequação comercial. AVALIAÇÃO

Só podemos oferecer o que realmente já temos. Não o que se **pode obter** através de um preenchimento de botões. CONCLUSÃO

Redação 16

A estética no decorrer do tempo

Um corpo bonito já foi significado de um corpo saudável. INTRODUÇÃO Á PREMISSA Hoje em dia as pessoas chegam ao extremo para atingir o padrão de beleza pondo em risco a própria vida por causa de uma ilusão. PREMISSA OU TESE

O ponto de vista da estética corporal vem sofrendo mudanças com o tempo, na Grecia antiga por exemplo, era a crença e a fé que motivava as pessoas a querer um corpo perfeito como o que supostamente teriam seus deuses. SE CI 1

Os gregos acreditavam que se um deus viesse para a terra ele seria perfeito, então eles exercitavam e se alimentavam de maneira saudável para ter um corpo parecido com o de um deus. RESOLUÇÃO

Hoje, o que motiva a sociedade é a mídia, as pessoas são facilmente manipuladas pelo que elas veem, porém a mídia criou um modelo de beleza, e é na tentativa de atingir essa “beleza” que as pessoas se prejudicam. ARG 1

Na maioria das vezes elas se submetem a cirurgias estéticas por oferecer resultados instantâneos, ou na tentativa extrema de ficar magros acabam se tornando pessoas anoréxicas ou bulêmicas (sic). ARG 2

O que as pessoas esquecem é que elas podem ter um corpo saudável porém não estético à saúde. Assim como na Grecia antiga. CONCLUSÃO

Redação 17

As regras do mundo atual

(1º) Nos dias de hoje sabemos que a beleza é um dos fatores que mais se destacam perante a sociedade. INTRODUÇÃO À TESE

(2º) E que para sermos aceitos pela sociedade, temos que ser perfeitos, Sociedade essa que dita um padrão de beleza, a pessoa tem que ser magra para ser aceita. PREMISSA-TESE

(3º) O que vemos hoje em dia são capas de revistas, TV, jornais mulheres com corpos esculturais, lindas formosas. ARG

(4º) Mas será realmente que essas mulheres são felizes, realizadas ou só é uma jogada de marketing. SE CI 1

(5º) Diante desses fatos vimos muitas vezes pessoas se afastando dos seus ideais, dos seus princípios atrás de um corpo perfeito, passam anos de suas vidas, vivendo de regras, dietas absurda, preza a um padrão que nem sempre vale a pena. CONTRA-ARG

(6º) Antes de um corpo perfeito, sarado temos que ter conteúdo, dignidade e respeito para nós mesmos. TESE 2 A sociedade muitas vezes é cruel, pois a concorrência é demais, até para arrumar um emprego, fazem esse tipo de discriminação. SE CI 2 Se você está acima do peso ou é mais feio do que aquela ou outra, você perde a vaga, mesmo que tenha anos de experiência. PROBLEMATIZAÇÃO

(7º) Temos que enxergar as pessoas como elas realmente são, independente de raça, cor ou peso. Todos somos iguais, o que vale é o caráter da pessoa em si. ARG 1

(8º) De que adianta ter um corpo perfeito e nada na cabeça e se alguém tiver que gostar de você, vai gostar pelo que você é não pelo seu corpo. ARG 2

(9º) Viver e ser feliz, aceitando as diferenças e a diversidade, só assim veremos nosso mundo melhor e mais completo. Igual pra todo mundo. CONCLUSÃO

Redação 18

A sociedade da beleza

Nos dias atuais escutamos frequentemente diferentes tipos de pessoas discutindo um tema que é considerado de grande importância na sociedade, que é a beleza, porém é algo que se tem muito valor não apenas nos dias atuais mas há muitos anos atrás que se tem um valor. **PREMISSA OU TESE**

Até mesmo as crianças já entendem do que se trata, mas quando se fala em beleza não se trata apenas de um público feminino e também do masculino e no decorrer do tempo, é encontrada várias novas formas para essa evolução. **SE CI 1**

É comum meninas ainda consideradas crianças deixando sua infância passar para se dedicar a beleza do corpo, para termos uma noção de como a beleza vem ganhando um maior espaço no longo da história, basta observarmos o grande aumento de salão de beleza que temos hoje em comparação à(sic) alguns tempos atrás. **ARG1 Até mesmo para o meio profissional pessoas buscam ter conhecimentos profissional voltado para a beleza pois se sabe que é algo que dará lucro pela grande procura, SE CI 2 também não se pode deixar de lado o cuidado com a saúde, pois pessoas sabem que dependendo o tratamento de beleza futuramente se pode causar danos à saúde. PROBLEMATIZAÇÃO**

O que podemos concluir é que hoje nossa sociedade se volta muito à beleza física, tentando fazer o que der para mostrar uma boa aparência. **CONCLUSÃO**

Redação 19

(1º) “E aí, beleza?” Este coloquial cumprimento hoje em dia está em desuso, porém a chamada “ditadura da beleza” persiste e agrava-se cada vez mais – agora disfarçado de culto à saúde e bem-estar. **PREMISSA-TESE Explico...**

(2º) Desde o final dos anos 1960, com a globalização da mídia, se estabeleceram alguns padrões de beleza: as mulheres “deveriam” ser altas e magras; os homens altos e musculosos - ambos com a famigerada “barriga tanquinho”. **SE CI 1**

(3º) No entanto, também por causa da globalização, a indústria alimentícia se desenvolveu e a oferta de itens industrializados aumentou causando mudanças nos hábitos da população e alargamento de suas circunferências corporais. **PROBLEMATIZAÇÃO**

(4º) Isto deu origem ao paradoxo: embora se “exija” um determinado padrão, a realidade é diferente. Por exemplo, é difícil para pessoas acima do peso encontrar roupas que lhe sirvam, uma vez que os moldes básicos das confecções são menores. **PROBLEMATIZAÇÃO 2**

(5º) A chamada indústria da beleza (cosméticos, academias, cirurgias plásticas, etc.) é uma das que mais faturam em todo o mundo. “Vende-se” a idéia de que ser belo “abre portas” e é “meio caminho andado rumo ao sucesso”, tanto pessoal quanto profissional **ARG 1** A canção Beleza Fácil, de Zélia Duncan, assinala isso muito bem. O mundo é mesmo gentil com a beleza e cruel com a “feiura”. Tanto que em classificados de oferta de emprego um dos pré-requisitos é a boaaparência. **ARG 2**

(6º) Esta exigência, por sinal, é um dos fatores que fez com que “ditadura da beleza” fosse declarada “politicamente incorreta” no final da década de 1990. **SE CI 2** Então, para sobreviver, a indústria da beleza disfarçou sua ditadura atrás de um culto à saúde e ao bem-estar. **RESOLUÇÃO**

(7º) Portanto, nesse início de século XXI diz-se que magreza, músculos e barriga tanquinho é questão de saúde, não só de beleza. Logo mudarão o velho ditado “acha que é bonito ser feio?” para: “pensa que é saudável ser feio?” **CONCLUSÃO**

Redação 20

Tempo de utopias

Estabelecer regras escritas ou dissimuladas é princípio adotado há séculos por nossa sociedade, pois assim podemos conviver mais adequadamente, regidos pelo que é legítimo e conveniente. INTRODUÇÃO À PREMISSA Isto significa que na tentativa de consolidar um comportamento homogêneo, criamos um código que não admite o diferente, pois tem faces diversas (internas e externas), e sendo assim o trata como desigual.

PREMISSA OU TESE 1

Nos moldes atuais, o diferente é elegantemente conceituado como o exótico, o que causa estranhamento SE CI 1. É desta forma que a sociedade enxerga a diversidade, como algo que pode ser apreciado ou comentado, mas não sobre seus olhos.

CONCLUSÃO/AVALIAÇÃO

Assim, articulam-se as normas do bem viver, em que a transgressão é comum porque a reciprocidade entre as pessoas limitam-se a suas casas, e não temos o bom senso de olharmos ao nosso lado. SE CI 2 Não podemos subverter o real e fingirmos que a diversidade é sinônimo de igualdade. CONTRA-ARG. Igualdade sim, no tratamento, em relação aos direitos e deveres, porque intrinsecamente (sic) somos indivíduos que partilhamos das mesmas questões, sejam elas metafísicas ou não. ARG Deixemos de ser demagogos, não nos alienemos aos lugares comuns, ao trágico que não provoca a tudo que generaliza, como se fôssemos uma coisa. Sejam paradoxais e utópicos coletivamente. Que os padrões existam, mas não nos corrompa. CONCLUSÃO

Redação 21

O ser humano **como nunca** vem sendo alvo direto de todo comércio, moda, propaganda, entretenimento e consumismo que existe no mundo capitalista e como um todo na sociedade, por sua vez, o homem busca o padrão mais elevado para ser feliz.

INTRODUÇÃO À PREMISSA

Sua ótica está centrada no belo a felicidade é a beleza. **PREMISSA OU TESE O monumental, ser bonito é bem vindo em todo âmbito da sociedade, no trabalho, nas vitrines, revistas onde exibem charme, saúde, alegria ao ambiente.** SE CI 1

Muitas vezes a beleza é uma consequência de cuidado à saúde, higiene, SE CI 2 **afinal é digno, para cada ser,** **AVALIAÇÃO** por outro lado está relacionado ao culto do corpo, SE CI 3 onde a pessoa se entrega a dietas horríveis e adquirem doenças viciosas como bulimia.

PROBLEMATIZAÇÃO 1

Com todo este sistema de cuidado com o físico, indivíduos se abatem, tornam-se diminuídos à outras, perdem o prazer de viver, a essência que é ser feliz, se isolam em um mundo de complexo e inferioridade, colidem com “eu” que ela mesma criou.

REFORMULAÇÃO DA PROBLEMATIZAÇÃO 1

Tanta correria e desespero, atitudes precipitadas para estarem bem fisicamente, mas com um emocional destruído, uma saúde psíquica debilitada, seus olhos focados para a matéria, o seu interior clamando por amor e alegria. **AVALIAÇÃO**

A falta de compreensão, de amor é uma fenda que atravessa a humanidade, o romance (sic) com a vida está perdendo o sentido, a contemplação do verdadeiro belo está sumindo de nossos dias. SE CI 4

Afinal, a beleza mesmo está nos olhos de que vê, daquele que **consegue enxergar** as qualidades, os valores, o conteúdo, esta essência irriga não só a alma mas a existência. **CONCLUSÃO**

Redação 22

A beleza vendida

Formas definidas e linhas perfeitas como que desenhadas pela mão de um Rafael ou de um Picasso, são o sonho de beleza de no mínimo oito entre dez pessoas. INTRODUÇÃO À PREMISSA

Mas há um problema, um grave problema: a beleza está sendo monopolizada, estereotipada, banalizada. PREMISSA OU TESE Todos os dias a televisão, e também outros meios, mas principalmente a televisão nos mostra aquilo que diz ser a beleza: mulheres de seios fartos e nádegas grandes, uma barriga lisa e é claro, tudo isso sem celulite, isso é o que diz ser a beleza em seus comerciais e novelas, onde no mundo só existe gente bonita e sorridente. ARG. E infelizmente é isso que as pessoas aceitam inconscientemente.

O efeito aparece bem cedo, principalmente na vida das meninas. Garotas **passam a fazer** regimes extraordinários, desesperadas em busca dessa “beleza”. SE CI 1 Algumas até grande maioria, tornam-se anoréxicas ou bulímicas. PROBLEMATIZAÇÃO E tudo isso por que? Por um padrão de beleza que não existe e nem nunca existirá, que foi criado para vender e somente vender. JUSTIFICAÇÃO(RESOLUÇÃO)

Um dia, talvez, o mundo perceba que quando se fala em beleza não existe um padrão, talvez todas as pessoas, realmente todas comecem a pensar que a beleza não está só em seus corpos, mas por aí, em todo lugar. CONTRA-ARG E talvez, os homens deixem de ser tão gananciosos a ponto de entregar milhares de vidas que correm atrás de uma beleza criada por eles unicamente para vender... mas isso já é utopia. CONCLUSÃO

Redação 23

O espelho popular

Troçamos ontem, por acaso, nas escadarias do saguão de entrada da segunda década do século XXI. Respiramos o bug do milênio, vimos cair as torres que sustentavam os Estados Unidos e sentimos o mundo se tornar cada vez menor e mais próximo de cada pelos olhos instantâneos da internet. INTRODUÇÃO À PREMISSA Começamos os próximos dez anos com a promessa de uma década das tecnologias, quando quase tudo **poderá ser feito**. SE CI 1 “Quase” porque ainda não encontramos o elixir da vida, ainda. PROBLEMATIZAÇÃO Mas temos um estoque, o da juventude e, hoje, com as diversas possibilidades de parcelamento, **é possível** ficar dez anos mais jovem seguindo o padrão de beleza das manequins. SE CI 2 Pisamos, então, nessa segunda década carregando uma mala preta recheada de sonhos e com um objetivo: Ficarmos todos iguais. PREMISSA OU TESE O escritor brasileiro Nelson Rodrigues enfatizou que “beleza é fundamental”, enquanto que o compositor Vinícius de Moraes grifou o bonito, e apenas ele, como cansativo. SE CI 3 O padrão “Victoria Secret” de beleza saiu das passarelas americanas para os palcos cirúrgicos das clínicas de estética e a cada dia fica mais difícil encontrar mulheres que não se renderam aos implantes de silicone ou botox. É o mundo girando em torno de uma beleza padrão. ARG.

Seria o início dessa segunda década o fim da era da diversidade? Talvez sim, e se sim, talvez não. CONTRA-ARG. Em dezembro de 2009 uma revista masculina norte-americana chamou a atenção do mundo ao exibir ensaios fotográficos com mulheres consideradas fora do padrão, ou acima do peso pena. A edição foi um sucesso. Já está sendo comentada a popularização do padrão das passarelas, ele está se tornando senso comum. ARG. DO CONTRA-ARG. Portanto, quando se tornar, o que antes era natural e simples será considerado raro. Um dia, os adeptos da beleza atual vão perceber que quando todos **puderem ser** igualmente belos, com o que hoje é considerado diferente, ninguém mais vai ser. CONCLUSÃO

Redação 24

Em busca pela beleza eterna

A beleza em pleno século 21, tornou-se uma corrida contra o tempo. O padrão de beleza das mulheres dos séculos passados eram muito diferente das mulheres de hoje.

INTRODUÇÃO À PREMISSE

A mulher moderna busca por uma fonte inesgotável de beleza recorrendo a todos os recursos que sua situação econômica pode pagar. A vaidade tem sido um marco para o padrão das mulheres brasileiras e também as de outros países. PREMISSE OU TESE

Os profissionais da saúde também se aperfeiçoam através (sic) da ciência e desenvolvimento de cirurgias de última geração, que estão no mercado para atender as necessidades femininas e também masculinas. A busca pelo bumbum perfeito, rosto, cabelos e muitas outras partes do corpo feminino. ARG 1

O lado negativo da procura desenfreada pela beleza SE CI 1 é quando ela se torna doença como anorexia, ou quando faz uma lipo com reações alérgicas ou mal sucedida, porque nos dias de hoje as mulheres tem umas polegadas à menos. PROBLEMATIZAÇÃO

Os padrões de beleza estão sendo avaliados em relação a beleza das gordinhas que também estão participando de concursos e fotografando para muitas revistas, as mulheres também conquistaram o direito da melhor idade participar de concursos. SE CI 2 A mulher vaidosa que cuida de seu bem estar está sempre com a estima elevada, pratica exercícios onde a beleza e o bem-estar caminham juntos. ARG 2 A beleza não tem idade, nem cor, nem classe social está em todo lugar umas com sucesso (sic) outras no anômato (sic). CONCLUSÃO

Redação 25

A busca pela beleza

A cada dia que passa, a ciência com suas tecnologias nos mostra que estamos cada vez mais perto de chegar a tão sonhada “fonte da juventude” através de diferentes métodos que ajudam a alcançar resultados impressionantes. INTRODUÇÃO À TESE

Desde o final do século XX **nota-se** que a sociedade vem prezando muito os altos padrões de beleza, TESE pois o que antigamente era visto apenas como vaidade de pessoas com alto poder aquisitivo, em sua maioria pessoas do sexo feminino hoje vem se desmistificando contando pontos no diferencial de cada pessoal. SE CI 1 Em pleno século XXI é comum que homens e mulheres sejam vistos frequentemente em locais onde o que se vende é a estética. ARG 1 Pesquisas divulgadas em vários meios de comunicação mostram que o número de profissionais na área de estética é um dos que mais crescem no mercado em todo o mundo. ARG 3

É importante lembrar que todo esse esforço tem um preço que nem sempre é monetário SE CI 1 pois a falta de limites as vezes acarretam danos irreversíveis, como o abuso de certos métodos ou procedimentos feitos por pessoas não capacitadas **podem trazer** doenças levando as vezes até a morte. PROBLEMATIZAÇÃO

Então para que o sonho de manter-se belo não se torne pesadelo, **é necessário** que se tome muito cuidado antes de encarar qualquer procedimento e que, se tome conhecimento do método e quem é o profissional que a está colocando em prática, garantindo assim que nenhum transtorno seja gerado. CONCLUSÃO

Redação 26

A beleza nos dias atuais

O tempo passa, o mundo evolui, as pessoas mudam. Mudam os conceitos, os paradigmas e como não **poderia deixar de ser**, os padrões de beleza. Até mesmo nos tempos atuais, **podemos identificar** diferentes conceitos da dita beleza, em diferentes regiões do nosso planeta. INTRODUÇÃO À PREMISSA

Mas de uma forma generalizada, temos como padrão no mundo ocidental, a mulher magra, esbelta, cabelos lisos, muitas vezes, as (sic) custas de horas de tratamento em salões de beleza. PREMISSA OU TESE 1

Em outros tempos, tinha-se como beleza a mulher um pouco mais gordinha. Sabemos que é só uma questão de conceito. SE CI 1 É sabido também que, aquele padrão da beleza magra está mudando, até mesmo no mundo da moda, no universo das passarelas. CONTRA-ARG. Estão querendo desfazer o mito de que a mulher magra é a mulher perfeita. TESE 2 Pois muitas vezes, ser magra não quer dizer ser saudável. ARG 1 E hoje, mais que beleza as pessoas de um modo geral, buscam uma boa qualidade de vida. Não esquecendo a beleza, claro. ARG 2

E para termos uma boa qualidade de vida, devemos estar primeiramente em paz como o nosso corpo, seja ele magro ou até mesmo um pouco mais “cheinho”. CONCLUSÃO

Redação 27

(1º) Dizer que beleza é algo supérfluo é mentira, muito pelo contrário, beleza é uma das coisas mais importantes da sociedade contemporânea. **PREMISSA Desde a antiguidade fala-se em beleza de uma forma diversificada, tendo como exemplo o quadro de Monalisa de Da Vinci, que retrata a beleza da mulher natural totalmente sem maquiagem ou plástica.** SE

CI 1

(2º) **Antigamente, as mulheres que usavam ou não maquiagem, chamavam a atenção porque tudo o que é natural é mais belo.** SE CI 2

(3º) **Atualmente, falar de beleza é falar de muitos gostos.** SE CI 3 **A maior parte das pessoas estão (sic) cada vez mais procurando por meios de retardar o envelhecimento da pele, sem falar que essas pessoas levam o fato de que retardar o envelhecimento seja ele precoce ou não é como uma forma de esconder o que é natural e belo.** ARG 1 **Como é o caso do cantor Michael Jackson que em busca da juventude acabou desfigurando-se por inteiro, seu rosto e seu organismo por ter sido transformado por plásticas e medicações que o levou (sic) a morte.** **PROBLEMATIZAÇÃO DA CONSTATAÇÃO 4**

(4º) **Muitos não estão contentes com a aparência de suas estéticas e procuram tratamentos perigosos à saúde, provocando deformações físicas e até mesmo psicológicas.** ARG 2 **Toda pessoa quer estar acima dos padrões de inferioridade da estética, em outras palavras uns querem ser mais belos e bonitos que os outros, por isso esses belos voluntários da beleza exterior gastam mais em tratamentos estéticos do que em comida.** ARG 3

(5º) **Não se deve esquecer de pessoas que com o peso abaixo da média, como é o caso de pessoas que morrem todos os anos por anorexia.** ARG 4

Redação 28

Beleza põe mesa?

Através dos anos, muitas técnicas de beleza foram desenvolvidas para facilitar a vida daqueles que sentem-se insatisfeitos com a própria aparência ou com certas imperfeições.

INTRODUÇÃO À PREMISSA

Desde os tempos antigos, homens e mulheres preocupam-se com a dita “estética” e fazem o possível para estar dentro dos padrões de beleza da atualidade. PREMISSA

Se compararmos esses padrões aos de antigamente, será notável a evolução tanto das técnicas de beleza quanto da vaidade em si. SE CI 1

Vaidade era apenas por uma roupa elegante, pintar as unhas, arrumar o cabelo; hoje, faz-se cirurgia plástica, redução de estômago, clareamento de pele, alisamento e até mesmo depilação a laser. Tudo para ficar mais bonito(a). SE CI 2

Os concursos de beleza estão cada dia mais frequentes em todos os lugares do mundo e, especialmente em nosso país que por vezes teve beldades como Juliana Paes e Maria Fernanda Cândido eleitas como as mulheres mais belas do milênio! ARG 2

Mas afinal, beleza põe ou não põe mesa? É preciso ser bonito(a) para ser feliz?

CONTRA-ARG

Algumas pessoas dependem dela para se sustentar, outras apenas para sentirem-se melhor. ARG DO CONTRA-ARG

Cada um tem uma opinião, mas é melhor tomar cuidado para não se deixar levar por um dos sete pecados capitais! CONCLUSÃO

Redação 29

O que é a beleza?

A beleza sempre foi muito admirada entre os seres humanos, desde muito antigamente as pessoas já admiravam a beleza umas das outras, as mulheres se arrumavam para sair com seus pretendentes e vice-versa INTRODUÇÃO À PREMISSE e até hoje é assim, as pessoas procuram estar sempre arrumadas e bonitas, porque além de a beleza ser admirada hoje em dia ela é muito usada por aqueles que precisam dela para exercer sua profissão, como por exemplo, os modelos. PREMISSE TESE

Os “modelos”, é como são chamados aqueles considerados lindos, belíssimos, os quais devem ser seguidos pelas demais pessoas que querem ficar bonitas. SE CI 1

Algumas pessoas procuram imitar seus ídolos que são considerados lindos, fazendo regime, penteado parecido só para ver se ficam bonitas. ARG

O certo é que tudo o que é bonito e belo atrai mais a atenção de todos, por isso as pessoas procuram estar sempre bonitas para atrair a atenção das outras ou para conseguir algo desejado SE CI 1 Mas a beleza é uma coisa de opinião; por exemplo, eu posso achar um indivíduo belo, já outra pessoa pode não achá-lo tão bonito. CONTRA-ARG

A opinião de cada pessoa é diferente mas a minha é uma só, todas as pessoas são belas de alguma forma, uma são belas pela educação, simpatia, respeito, outras são bonitas pelo corpo mesmo, . mas se elas não tiverem uma boa educação acabam se tornando feias socialmente. ARG DO CONTRA-ARG

Portanto, as qualidade que uma pessoa têm é o que a torna bonita ou feia perante a sociedade, por isso a educação e o respeito são qualidades essenciais para que uma pessoa seja considerada bela pelas demais. CONCLUSÃO

Redação 30

Beleza rara SAC

(1º) Observamos na história, desde o surgimento das antigas civilizações, padrões idealizados de beleza que mudam de acordo com o tempo, com a evolução histórica, mas mesmo assim não deixam de produzir suas marcas, boas ou ruins, na sociedade.

INTRODUÇÃO À PREMISSA

(2º) Desde a clássica beleza helenística, criada pelos gregos e que até hoje serve de parâmetro para expressar o que é perfeito, até a banal imagem da última atriz ou modelo famosa com suas medidas mínimas, possuem um padrão em particular. SE CI 1

(3º) Esse padrão leva algumas pessoas à busca da perfeição:PREMISSA OU TESE antigamente pelos valores clássicos, atualmente pelos padrões impostos pela mídia. SE CI 2

Essa busca **pode tornar-se** potencialmente perigosa quando chega ao limite de uma linha tênue que separa o que é normal do que é exagerado, muitas vezes beirando a loucura.

PROBLEMATIZAÇÃO

(4º) Cada vez mais indivíduos procuram o corpo perfeito, frequentam academias e a visita ao cirurgião plástico torna-se regular. Veem-se desfiles de corpos esculturais e “siliconados”, tanto homens quanto mulheres. ARG 1

(5º) Alguns desenvolvem distúrbios psíquicos e físicos, a busca torna-se patológica, numa corrida incessante pela beleza. ARG 2

(6º) O padrão de beleza ideal é o que respeita a individualidade os pontos fortes e fracos de cada um, valorizando suas capacidades e auto estima e é atemporal: atravessa séculos, passa por evoluções e revoluções. CONTRA-ARG E NOVA TESE Trata-se da essência de cada um, valoriza realmente o que é ser belo. CONCLUSÃO

Redação 31

A forma de ver beleza

No século XXI a beleza é vista como forma de aparência (por fora) como pessoas magras, fortes, malhadas, mulheres ou homens de televisão e algumas vezes até por sua cor de pele. **PREMISSA OU TESE 1** pois **infelizmente existem pessoas racistas com negros, índios e etc.** SE CI 1

O que vale **realmente** é como a pessoa por dentro (beleza interior) sua forma de pensar, agir, seus sentimentos e a maneira de se comunicar, etc. **CONTRA-ARG E TESE 2.** Mas as pessoas de hoje não buscam isso, nos séculos passados a beleza não era vista como uma forma de aparência (sic) SE CI 2 pois as pessoas que são consideradas “feias” **podem ser** mais belas do que aquelas que são consideradas “bonitas”. ARG 1 DO CONTRA-ARG

As mulheres e os homens usam seu corpo (sexualidade) como forma de beleza ARG 1 DA **PREMISSA** **antigamente (sic) pintores retrataram quadros e artistas esculturas com pessoas nuas mas não tinham essa forma de pensar pois para eles sexualidade não era forma de beleza.** SE CI 3 ARG 3 DA **PREMISSA** Quando vamos sair por exemplo mesmo sem notarmos ao nos arrumarmos buscamos a beleza exterior para chamarmos a atenção de todas as pessoas ao nosso redor pois cada um quer se sentir “belo”.

Outro exemplo é que quando vamos comprar alguma coisa só queremos as coisas mais belas da loja muitas vezes não se (sic) importamos com o preço e com a qualidade do objeto pois o nosso cérebro busca a beleza mesmo sem querer. ARG 4 DA **PREMISSA** As coisas “feias” muitas vezes **podem ser** melhor (sic) do que as “belas” antes qualquer coisa simples para aquelas pessoas estavam (sic) ótimas. ARG. 2 DO CONTRA-ARG.

As pessoas vão ao salão para se sentir bonitas e não percebem que não precisam disso pois Deus vê as pessoas por dentro e não por fora pelas suas atitudes e para Ele é o que basta e virem que a visão de Deus é mais importante que a visão de qualquer ser humano. **CONCLUSÃO**

Redação 32

A falsa beleza

Vários padrões de beleza foram estabelecidos ao longo dos anos, a mulher com seus longos vestidos do século XVII, a calça jeans e blusas estampadas dos anos 70, até chegar nos dias de hoje, cuja roupa é um simples acessório. INTRODUÇÃO À PREMISSA

Para a sociedade, pouco importa a roupa ou o acessório que está se usando, o que realmente importa são os corpos esculturais, cabelos como os de comerciais de TV, nariz fino, boca pequena, etc., isso se falando de mulheres. Homens, para estarem dentro dos padrões de beleza, basta apenas um corpo sarado, exibindo músculos adquiridos com anos de malhação e treinamento. PREMISSA OU TESE 1

Porém, na busca incansável por esta beleza, muitos acabam se prejudicando, tomando medicamentos prejudiciais à saúde, colocando muitas vezes, a vida em risco indo para uma mesa de cirurgia. CONTRA-ARG. E nessa jornada se esquecem de tomarem alguns cuidados, que uma vez esquecidos, podem ser fatais, como por exemplo, uso de anabolizantes sem consulta profissional e sem limites. ARG DO CONTRA-ARG.

Antes de mais nada, deve se dar valor à beleza já existente em cada um, seja ela qual for, independente de qualquer padrão estético, e ir sim em busca de um corpo perfeito, porém de uma forma saudável, e que não invista toda uma vida apenas em função disso. Porque beleza, todos nós temos uma. CONCLUSÃO E TESE 1

Redação 33

A busca da beleza

A busca pela beleza sempre fez parte na vida do ser humano, mesmo nas antigas civilizações. E para isso temos a civilização grega que nos seus primórdios já tinha interesse pela arte, pelo belo e pela imagem a ser transmitida. INTRODUÇÃO À PREMISSE

Mas devemos ressaltar algo: os gregos para expor a beleza de sua terra faziam estátuas, vários elementos que para eles representassem o belo, pois sempre escolhiam os soldados mais fortes, musculosos para serem esculpidos fazendo uma seleção, mas naquela época, predominava a opressão, portanto os artistas não poderiam manifestar a sua opinião, então eles esculpiam obras monumentos. SE CI 1

Hoje a busca da estética, está mais acirrada, os padrões determinam a mulher: a mulher deve ser alta, magra e bonita, o homem alto e musculoso, PREMISSE OU TESE 1 estas são as exigências determinadas pela mídia (televisão, internet, revistas) fazem para você se adequar. SE CI 2 Se você não se adequar em nenhum requisito você é feio e certa será sujeito a rejeição. AVALIAÇÃO

E são os padrões de beleza exigidos desse século que fazem aumentar os casos de anorexia, bulimia entre adolescentes, SE CI 1 pois a televisão, as revistas “manipulam” os jovens para que eles sejam iguais aos atores de novelas e as modelos famosas, de uma forma tão drástica que a juventude deixa de comer, beber, respirar em prol da “beleza assassina”. PROBLEMATIZAÇÃO

A televisão, as revistas de moda, e nós mesmos, deveríamos fazer mais campanhas de conscientização aos nossos jovens e mostrar a eles que CONTRA-ARG. o importante não é a estética, mas sim aquilo que a pessoa traz dentro de si, os seus valores morais, a sua dignidade, estas deveriam ser as qualidades que os jovens e a mídia deveriam buscar.

TESE 2

Pois esta é a verdadeira e mais preciosa Beleza (sic) que existe! CONCLUSÃO

Redação 34

A beleza escondida

O que entendemos por beleza? A beleza que para mim não é a perfeição para alguns pode ser! Desde a história da Grécia, os valores de belo eram o de uma mulher gorda ou gordinha, pele clara, rosto e nariz grande, com o passar do tempo foi se restringindo os rostos perfeitos, corpo magro e altura INTRODUÇÃO À PREMISA, **mas devemos aprender e aceitarmos sermos diferentes uns dos outros para sermos felizes.** TESE

Em nossa sociedade a rivalidade toma conta pois até para conseguirmos um emprego precisamos ter boa aparência, se vestir bem, boa educação e a beleza fundamental. SE CI 1 Por outro lado, acho **que muito além da beleza está o “ser diferente” que para mim é o que mais importa,** REITERAÇÃO DA TESE **é longe das lojas e desfiles que podemos ser bonitos no mundo natural jogando fora os padrões ridículos (sic) de magreza.** ARG

São tantos os padrões que até para a arte antigamente, só eram belezas, arquiteturas perfeitas, já hoje temos diferentes estilos e criatividade. Nas artes plásticas existem o belo horrível(sic) de se ver mas bonito no conteúdo (sic) para estudar e temos também obras belas pela sua magnitude de detalhes, SE CI 2 **então fico com a beleza sempre inteligente.** REITERAÇÃO DA TESE

No Brasil, hoje a beleza está no viver bem com a cara que temos sempre inovando mas sendo verdadeiros dentro de nós mesmos e não sendo plásticos. ARG 2 **Só Deus é perfeito então admiro o diferente de cada um sem preconceito pois o muito bonito pode esconder imperfeições e talvez, aquilo que a gente achou ruim pode ser a melhor coisa já escolhida e admirada um ser humano perfeito aos olhos de Deus.** CONCLUSÃO

Redação 35

Ao longo do tempo houve uma mudança da apreciação do corpo humano. Costumes e culturas mudam, conseqüentemente conceitos, formas e estruturas também. INTRODUÇÃO À PREMISSA

No Humanismo e Renascimento, o auge da revolução de ideias e pensamentos, toma-se novamente o culto pela estética humana. As pinturas como as de Michelangelo e Da Vinci retratavam **bem** isso. SE CI 1

Tudo o que era tido como belo nos séculos XV e XVI agora não passa de Arte Moderna nos museus. Criou-se um padrão de beleza: mulheres magras, homens malhados, expressão de delicadeza e rusticidade. PREMISSA

O problema não está em ser lindo ou não, SE CI 2 mas nos procedimentos que levam para chegar a isso e as conseqüências que podem acarretar. Há toda uma igualdade, uma uniformidade. PROBLEMATIZAÇÃO 1 A beleza quanto mais diversificada é mais admirável. É a diferença que torna algo precioso. CONTRA-ARG.

Agora o corpo se torna mais do que instrumento de inspiração, torna-se elemento essencial na busca por status. Na busca de admiração: primeiro a beleza depois a capacidade, a dedicação e a inteligência. É a busca pela admiração e não prestígio de capacitação. ARG DA PREMISSA

Talvez **devêssemos parar** de fotografar pessoas e começar a pintá-las, para ver se em vez de maniquins (sic) uniformizados, nos **tornássemos** novamente obras primas, raras. CONCLUSÃO

Redação 36

Beleza na medida certa

O padrão de beleza atualmente é muito diferente dos que vem dos nossos ancestrais, que valorizavam não só a magreza , que é o que está acontecendo hoje. **PREMISSA OU TESE 1**

A concepção de beleza vem mudando a cada geração o corpo que era bonito antes, com curvas e “digamos cheinho” tornou-se gordo e vem sendo discriminado (sic) e na maioria das vezes é motivo para gozação, SE CI 1 o corpo ideal é aquele magérrimo, as pessoas agora acham que para serem bonitas e desejadas, ou até mesmo para ingressarem na carreira de top model **devem ser magras ARG** o que acaba causando uma compulsividade que gera as muitas doenças que vemos como a anorexia e a bulimia. **PROBLEMATIZAÇÃO**

Essas doenças geram o desejo exagerado pelo corpo escultural e atlético causam um atentado horrível para o próprio corpo, mas mulheres se vêm gordas mesmo estando magérrimas e provocam o vômito forçado depois de se alimentarem chegando sentir-se culpada e na maioria das vezes acabam tirando a própria vida, esse não é o padrão de beleza que queremos. **EXPLICAÇÃO**

Devemos valorizar a verdadeira beleza que não está no rosto ou no corpo e sim a **beleza do coração**, **CONTRA-ARG.** porque beleza não está no rosto onde muitos procuram e sim no coração onde poucos encontram. **ARG DO CONTRA-ARG.** **Claro que devemos nos cuidar, fazer exercício isso rejuvenesce, digo rejuvenece a alma e é muito bom para a saúde** SE CI 2 **Mas não exagere.** **PROBLEMATIZAÇÃO**

Vamos incentivar a todos e a nós mesmos a quebrar este tabu que só o corpo escultural tem beleza, vamos nos valorizar e sermos felizes como somos. **CONCLUSÃO**

Redação 37

O modelo de beleza

A sociedade estabelece certos padrões de beleza, uma pessoa para ser considerada bonita tem que estar dentro desses padrões. **PREMISSA OU TESE 1** Mas a beleza pode ser classificada diferente por pessoas de um mesmo grupo. Então, o que é beleza? **CONTRA-ARG.**

A beleza está nos olhos de quem vê por isso que a beleza vem de quem olha e não de quem as possui. **TESE 2** Alguém tem que dizer que uma pessoa é bonita, não basta ela olhar no espelho e saber disso. **ARG 1 TESE 2** Ser belo ou bela vem de dentro, por exemplo, no sorriso, nos olhos, no rosto simpático e tudo isso **não pode ser copiado**, SE. **CI 1** e nenhum padrão de beleza **poderá excluir** tais belezas. **AVALIAÇÃO**

Os padrões de beleza mudam, por exemplo, um dia ser bonito quer dizer ser magra, alta e logo depois vem outro padrão tem que ser loira, ter cabelos lisos e olhos claros e assim por diante. **SE CI 2**

Não pode fixar-se nesses padrões de beleza que a sociedade impõe, pois a beleza é muito mais do que normas estabelecidas por alguém. **ARG 2 DA TESE 1** E com o passar dos anos tudo muda o modo vestir-se, agir e ver os padrões de beleza, mas sempre estabelecendo um padrão. **ARG DA PREMISSA**

Há muitos anos tinha-se uma visão de perfeição como as deusas gregas perfeitas em suas sinuosas formas, hoje tem-se uma mistura de gerações e conceitos diversificados de beleza, **SE CI 3** ser bonito é bem mais que estar dentro de padrões pré-estabelecidos. **AVALIAÇÃO** Mas todos ainda verão a verdadeira beleza de cada indivíduo. **CONCLUSÃO**

Redação 38

A beleza escultural

Desde o início da humanidade já se preocupava com a beleza exterior, buscavam a perfeição na aparência dos (sic) e das mulheres. TESE

Ao longo dos tempos a beleza sofreu inúmeras modificações, transformações. O padrão de beleza de hoje está a (sic) séculos evoluído em comparação com o início dos primórdios, com certeza a deusa da beleza da época, faria essa afirmação, **sem sombra de dúvida** os recursos tecnológicos disponível destinada a confecção da beleza dos humanos são incontáveis. SE CI 1 Tem a cirurgia plástica, para a correção das imperfeições, cremes dos mais variados, para alisar ou encaracolar os cabelos, cremes ante envelhecimento, para proteger do sol, proteção de ruga, pe de galinha, além disso tem um número bastante expressivo de médicos e clínicas de estéticas fazendo verdadeiro milagres principalmente nas mulheres. ARG 1 Os homens também de uma forma mais tímida, não estão medindo consequências para entrar nessa forma, de padrão internacional. ARG. 2

Os humanos exageram no quesito beleza exterior, se preocupando apenas com isso, avaliando os semelhante por esse critério, ignorando o interior das pessoas, CONTRA-ARG. com isso tenta padronizar a beleza, quem não se enquadrar, como símbolo sexual, será descartada, ficará à margem dos acontecimentos. CONCLUSÃO

Redação 39

Beleza vem de dentro

Com o passar dos tempos, os padrões de beleza vão mudando e para pior.
INTRODUÇÃO À PREMISSE Hoje, para que uma mulher seja perfeita ela precisa usar
manequim trinta e seis e ter seios fartos. PREMISSE OU TESE 1 Já a (sic) tempos atrás
mulheres consideradas musas, geralmente eram gordinhas. SE CI 1

Hoje as pessoas fazem do corpo um “comércio”, muitas mulheres passam a maior
parte do tempo em academias esculpindo seus corpos, e às vezes, cuidam mais de si do que de
seus próprios filhos. ARG. DA PREMISSE

A mídia tem uma grande parcela de culpa, pois tenta convencer o telespectador de
que beleza externa é fundamental, e com isso obtém cada vez mais lucros com a venda de
produtos, que segundo dizem, terá um corpo perfeito. SE CI 2

O que adianta ter um corpo perfeito e uma cabeça “vazia”. CONTRA-ARG. A primeira
coisa a ser observada é o conhecimento que a pessoa tem adquirido, pois isso sim é
fundamental. TESE 2

Beleza nada mais é do que conhecimento e amor próprio, o ser humano precisa ter
mais auto confiança. ARG. TESE 2 E quando isso acontecer **certamente** as pessoas irão
observar que o que realmente importa é a beleza interior, e que beleza exterior é apenas um
detalhe bobo. CONCLUSÃO

Redação 40

Os valores da beleza ao longo da história

No mundo atual, a beleza vem influenciando (sic) as pessoas a cuidarem apenas da estética e as fazem se esquecer dos principais conceitos que às vezes se submetem, para obter o resultado desejado. PREMISSA OU TESE

Toda sociedade, vem se iludindo através de propagandas e anúncios, e se tornam verdadeiros alvos de indústrias de cosméticos e alimentação, que afirmam trazer boa forma física, para seus consumidores, e acabam por colocar em risco. ARG.

Atualmente a busca pela valorização do corpo não vem só das mulheres, mas também por homens que querem fazer parte desse grupo, principalmente pela seleção de trabalho, um dos requisitos mais importantes, avaliado pelas agências fotográficas, que traz como prioridade maior, divulgar esse tipo de assunto. SE CI 1

No entanto, na grande trajetória, ao longo da história, podemos observar as diferenças a respeito da mulher perfeita de antes, para a mulher perfeita de agora, que tem por finalidade mostrar, as contrariedades (contradições?) que se desenvolveu ao passar dos anos. SE CI 2

Portanto, considera-se que algumas mulheres, que embora vivem e se sentem bem com seu próprio corpo, buscam alguma forma, para se tornarem ainda mais belas, através de lipo, ou cirurgias corretivas. AVALIAÇÃO

Porém, algum dia, se darão conta, de que ser bonita, e estar de alma limpa, e a beleza que mais conta, é aquela que enxergamos, dentro do coração das pessoas, que desprezam o mal, e adotam o bem como principal meio de vida. CONTRA-ARG. E TESE 2

Redação 41

Beleza suja

A beleza sempre teve o poder de dominar as pessoas que com o passar dos tempos estão cada vez mais convencidas de que o padrão de beleza que definiram como certo é mais importante que o caráter humano. PREMISSE OU TESE 1

Constantemente vemos em jornais, revistas anúncios que mostram um padrão de beleza já definido por esses meios de comunicação como certo, mostrando uma beleza fácil, porque o que eles querem é vender seus produtos. ARG. 1

Ao longo da história, o belo físico esteve em evidência como na bíblia quando Salomé seduz seu padrasto a mando de sua mãe para conseguir a cabeça de João Batista numa bandeja. SE CI 1

Mesmo depois de muitos anos a adoração a beleza física só tem aumentado. ARG Porém o problema não está em fazer regime para ficar bonita e sim no valor que isso significa. CONTRA-ARG. Há pessoas que fazem regime porque alguém a chamou de gorda e logo se sentem triste mas ela se acha bonita do jeito que é. SE CI 2

Assim os valores como caráter, simplicidade e honestidade acabam ficando para trás (sic) e muitas vezes até o conhecimento acadêmico também é ultrapassado e o que foi levado em conta foi o rosto bonito não o bom currículo e dignidade a ser considerado. SE CI 3

A beleza sempre será contagiante mais (sic) é preciso ter cuidado para definir o que é beleza, deve-se entender que valores como a honestidade são mais importantes e valem bem mais que um corpo bonito. TESE 2

Redação 42

Raridade

A beleza artificial hoje em dia é mais valorizada do que a beleza natural que temos dentro de nós. TESE Ela nada mais é que uma coisa supérflua. SE CI 1

Quando se está a procura de alguém para ter um relacionamento sério, duradouro, alguém para você fazer planos de uma vida a dois, a maioria das pessoas procura a beleza que está por fora, não tenta nem conhecer o que está dentro, os sentimentos, os pensamentos, isso também faz parte da beleza, ARG 1 é por causa disso que muitos quebram a cara com aquela pessoa que está ao lado, acabam se separando depois de alguns meses de casados, assim como a maioria dos artistas. SE CI 2

A mídia só enxerga essa beleza artificial, para ser famoso tem que ser lindo (a) porque senão você nem faz teste na televisão, nem muito menos participa de um desfile de moda, pois para ser modelo precisa ser bonito (a) e muito magro(a). ARG 2

Esse é um problema muito sério que estamos tentando mudar, porque é uma raridade achar alguém que se interesse pelo que você é e não pelo que você tem, ou por sua beleza, . SE CONSTATAÇÃO INICIAL devemos e vamos todos um dia conseguir enxergar somente a beleza que o ser humano tem dentro de si. CONTRA-ARG

Pois as pessoas muitas vezes, não são bonitas por fora mas são lindas por dentro, de uma maneira tão simples que acabam nos conquistando, a sociedade tem que enxergar isso também e mudar os seus conceitos sobre beleza e o que ela representa para nós. ARG 1 DO CONTRA-ARG

Não são também as coisas supérfluas que vão dizer a você como aquela pessoa é, como ela pensa, o que ela sente, o que ela faz e sim o seu caráter, ou seja, a sua beleza interior. ARG 2 DO CONTRA-ARG.

Pense nisso! CONCLUSÃO

Redação 43

O mundo e a beleza

A busca pelo corpo perfeito se tornou obsessão entre os seres humanos. **PREMISSA** e **pode trazer** vários riscos a saúde, , um deles é a anorexia (distúrbio alimentar). **SE CI 1**

Homens e mulheres encontram-se **praticamente** “dopados” pela beleza e **acabam perdendo** a vida por ela, fazendo certos regimes sem a acompanhamento (sic) de um nutricionista. **ARG 1**

Em décadas passadas a mulher para ser linda **tinha que ser gorda**, e hoje, quanto **mais magra mais linda é**, deixando no ar uma espécie de preconceito, **SE CI 2** **mais (sic)** se esquecem que beleza não é tudo, pois o que convence é o conteúdo, ou seja como as pessoas **agem ao lado da outra**. **CONTRA-ARG**

Pessoas pagam caro pela vaidade e quando estão em seu leito de morte se arrepende pelo que faz consigo mesmo. **ARG DO CONTRA-ARG** Portanto, **é necessário** criar mais palestras na sociedade, com objetivos de diminuir os pensamentos da população mostrando-as(sic) que a beleza que existe dentro de cada um é mais linda, pois a beleza é um assunto que merece mais atenção e se cada ser humano agir de forma correta o mundo se transformará em um lugar mais harmonioso. **CONCLUSÃO**

Redação 44

Beleza: artificial ou natural ?

Nos dias de hoje não é fácil se falar sobre beleza, pois não sabemos o que é bonito e o que é feio, pois com tantos padrões de beleza, se torna complicado o que antigamente era simples. INTRODUÇÃO À PREMISSA

Antigamente, beleza nem sempre era apenas o que os olhos estavam vendo. SE CI 1

Hoje em dia, não é mais assim, uma mulher, por exemplo, ela só se sente bonita se estiver com o corpo todo definido e usando roupas da moda,PREMISSA se esquecendo que mais vale o que está por dentro, do que por fora e que mais importante de se dizer, que mesmo quando já está tudo feito conforme ela desejava, percebe que tudo que os outros veem nela não é natural, SE CI 2 onde algumas ficam frustados e em depressão. PROBLEMATIZAÇÃO

Mas como se aceitar se o preconceito é enorme, um homem mesmo, ela (sic) não quer um relacionamento com um mulher que não seja vaidosa. ARG 1

Podemos dizer então que se tornou complicado não se importar com a aparência, pois, tudo hoje em dia é o que está se vendo e não o que a pessoa é por dentro, ARG 2 mas mesmo assim ainda se pode ter um corpo, rosto, dentre outras coisas sem se tornar totalmente artificial. CONTRA-ARG

Que o mais importante é estar bem consigo mesmo e o resto é pura vaidade. CONCLUSÃO

Redação 45

Mulheres estereotipadas

Outro dia, quando assistia televisão trocando de canais, dei de cara com várias mulheres de shortinhos minúsculos requebrando até o chão e o pior, se auto-denominando “mulheres frutas”. INTRODUÇÃO À PREMISSE É este o estereótipo de mulher que deve ser conhecido e respeitado? Não, literalmente este não deveria ser. PREMISSE

Ao longo da história houve vários tipos de padrões de beleza femininos, Já houve tempos que ser bonita era ter formas arredondadas e quadris avantajados, também tempos onde ser magérrima e sem curvas era considerado lindo. E nos dias de hoje, ter um corpo escultural, coxas saradas e seios turbinados é o sonho de consumo dos homens. SE CI 1

Várias mulheres lutaram por seus direitos para conseguir espaço na sociedade para mostrar a capacidade delas. Mulheres que não precisaram mostrar suas partes, mas sim a sua inteligência. SE CI 2 Mas apesar de toda essa luta, temos agora mulheres que não respeitam seus corpos, nem sua integridade. ARG

Não se pode criar um único modelo para todos. As pessoas não são feitas em moldes. CONTRA-ARG Todos são diferentes uns dos outros e é isso que os tornam bonitos e especiais. ARG DO CONTRA-ARG.

Penso que as mulheres de hoje devem dar mais valor a si mesmas e devem mostrar aos outros que é mais do que seios, mas é acima de tudo um ser humano que deseja ser respeitado e admirado. CONCLUSÃO

Redação 46

A relação entre o que é belo e o que a mídia dita é muito próxima, visto que em muitas situações nos deparamos dizendo que esta coisa é bela, mesmo sem saber que beleza já é um padrão que só foi copiado de algum lugar da sociedade atual e não uma coisa natural como era no passado. INTRODUÇÃO À PREMISSA

Existem pessoas que dizem não dar a mínima para a moda, dizem ter estilo próprio, será que isto já não é um modismo? Haviam no passado pessoas que diziam ter estilo próprio ou isto é coisa de nosso século? SE CI 1

Muitas mulheres tentam copiar os padrões de beleza dos modelos de passarela, e quando não conseguem sentem-se frustradas, achando que como não são parecidas com o padrão de beleza vigente, a sociedade a discrimina e assim a exclui. SE CI 2

Os valores (a)morais da sociedade atual apregoam que a verdadeira beleza é aquela que mostra, mostra e muito, mas não diz nada, possui muito e a sociedade já a adota, como padrão, mesmo sem saber se tem conteúdo. PREMISSA Caso tenha conteúdo, nos dias de hoje, **não é necessário** que demonstrem pois tendo a beleza já é aceita, as portas já estão abertas, tornando assim dispensável o que possa fazer parte. ARG 1

As pessoas dizem estar cada vez mais exigentes, reparar em detalhes, falam que preferem isto ou aquilo, quando na verdade, **acabam optando** por uma cópia do que a grande maioria já adotou como belo e, assim isto já se padronizou. ARG 2

A beleza interna e moral que **realmente** tinha valor no passado foi hoje substituída por uma externa e superficial, CONTRA-ARG. visto que o comodismo atual e o que a sociedade valoriza, muitas vezes não nos dá a opção de opinarmos e nos questionarmos se isto é **realmente** o que achamos. CONCLUSÃO

Redação 47

A busca pela beleza

A cada dia que passa, a ciência com suas tecnologias nos mostra que estamos cada vez mais perto de chegar a tão sonhada “fonte da juventude” através de diferentes métodos que ajudam a alcançar resultados impressionantes. **PREMISSA**

Desde o final do século XX **nota-se** que a sociedade vem prezando muito os altos padrões de beleza, pois o que antigamente era visto **apenas** como vaidade de pessoas com alto poder aquisitivo, em sua maioria pessoas do sexo feminino hoje vem se desmistificando **contando pontos no diferencial de cada pessoal**. **SE CI 1** Em pleno século XXI **é comum** que homens e mulheres sejam vistos frequentemente em locais onde o que se vende é a estética. **ARG 1** Pesquisas divulgadas em vários meios de comunicação mostram que o número de profissionais na área de estética é um dos que mais crescem no mercado em todo o mundo. **ARG 2** **É importante lembrar** que todo esse esforço tem um preço que nem sempre é monetário pois a falta de limites as vezes acarretam(sic) danos irreversíveis, como o abuso de certos métodos ou procedimentos feitos por pessoas não capacitadas **podem trazer** doenças levando as vezes até a morte. **CONTRA-ARG**

Então para que o sonho de manter-se belo não se torne pesadelo, **é necessário** que se tome muito cuidado antes de encarar qualquer procedimento e que, se tome conhecimento do método e quem é o profissional que a está colocando em prática garantindo assim que nenhum transtorno seja gerado. **CONCLUSÃO**

Redação 48

A beleza vendida

(1º) Formas definidas e linhas perfeitas como que desenhadas pela mão de um Rafael ou de um Picasso, são o sonho de beleza de no mínimo oito entre dez pessoas. **PREMISSA**

(2º) Mas há um problema, um grave problema: a beleza está sendo monopolizada, estereotipada, banalizada. **PROBLEMATIZAÇÃO** Todos os dias a televisão, e também outros meios, mas principalmente a televisão nos mostra aquilo que diz ser a beleza: mulheres de seios fartos e nádegas grandes, uma barriga lisa e é claro, tudo isso sem celulite, isso é o que diz ser a beleza em seus comerciais e novelas, onde no mundo só existe gente bonita e sorridente. **SE CI 1 E** infelizmente é isso que as pessoas aceitam inconscientemente. **CONCLUSÃO/AVALIAÇÃO 1**

(3º) O efeito aparece bem cedo, principalmente na vida das meninas, Garotas passam a fazer regimes extraordinários, desesperadas em busca dessa “beleza. Algumas até grande maioria, tornam-se anoréxicas ou bulímicas. **PROBLEMATIZAÇÃO 2 E** tudo isso por que? Por um padrão de beleza que não existe e nem nunca existirá, que foi criado para vender e somente vender. **AVALIAÇÃO**

(4º) Um dia, talvez, o mundo perceba que quando se fala em beleza não existe um padrão, talvez todas as pessoas, realmente todas comecem a pensar que a beleza não está só em seus corpos, mas por aí, em todo lugar. **CONTRA-ARG E** talvez, os homens deixem de ser tão gananciosos a ponto de entregar milhares de vidas que correm atrás de uma beleza criada por eles unicamente para vender... mas isso já é utopia. **CONCLUSÃO**

Redação 49

A importância da beleza no mundo moderno

No mundo atual um rostinho bonito abre muitas portas. Grandes surpresas rondam aqueles que nasceram belos. INTRODUÇÃO À PREMISSE **Acredita-se** que beleza é tudo, PREMISSE pois quem compraria um produto danificado? Uma roupa feia? Ou um carro que não gostou? ARG 1

Ninguém. E para isso foram criados os padrões de beleza. Sabe, aqueles padrões absurdos que dizem “se você não tem um desses é bom comprar logo”, e assim acabam induzindo milhares de pessoas a consumirem produtos como roupas, maquiagens, etc. ARG 2 **E é por meio dessas estratégias que muitas pessoas se tornam consumista compulsivo. Afinal, quem não gostaria de ser bela como as atrizes da TV?** SE CI 1 Tudo isso para ser ou parecer com alguém. Isso é muito comum na sociedade. RESOLUÇÃO (EXPLICAÇÃO)

A beleza existe apenas para que as pessoas comuns cuidem um pouco de seus corpos, mente e ego. Mas só porque vemos mulheres bonitas na televisão, não significa que aquela seja a única beleza existente e que quem não for parecido seja considerada feia. CONTRA-ARG Todos somos belos a nossa maneira, físico e psicologicamente. ARG 1 DO CONTRA-ARG Já se imaginou vivendo em um mundo onde todas as pessoas fossem idênticas? Que graça teria? ARG 2 DO CONTRA-ARG.

Já dizia um pensador “As feias que me desculpem mas beleza é fundamental”. Pode até ser fundamental, mas não dizem que a beleza está nos olhos de quem vê? Pode-se ver beleza em qualquer lugar, no sorriso de uma criança e até numa pétala de rosa.

Tudo depende da forma que você procura a beleza. CONCLUSÃO

Redação 50

Beleza não se põe na mesa. Será?

Existem alguns ditados que colocam a beleza em segundo plano, como o tão famoso “quem vê cara não vê coração” ou “beleza não se põe na mesa”, mas afinal, porquê então a “beleza” se tornou uma obsessão para muitas pessoas?INTRODUÇÃO À PREMISSA

Hoje nos deparamos com uma nova era que virou febre mundial: a “era das plásticas”, uma era que tem marcado a nossa sociedade, ditando regras e padrões, PREMISSA aonde aqueles que não se enquadram nela tem duas opções: ou vivem “ilhados” em seus mundo, carregando cada uma sua cruz por ser “diferente”, ARG 1 ou tratam logo de se encaixarem nos moldes dela (a beleza), seja isso através do bisturi, da academia, da dieta ou de outros meios que se venha a descobrir. ARG 2Não é raro ouvirmos histórias tristes de adolescentes que morreram por causa da anorexia, ou de pessoas que recorreram a cirurgias plásticas e morreram por complicações na mesa de operação, tudo isso motivado por familiares e amigos, até mesmo pela mídia que não perdoa os “diferentes”. ARG 3

Do primórdios à atualidade, a beleza está associada ao status na sociedade, e ela (a sociedade) antes de ver o coração tem procurado ver a cara, pois a capa do livro se tornou mais importante que seu conteúdo. CONTRA-ARG

Portanto, cabe a cada um ter personalidade própria e se aceitar como é, seja gordo ou magro, alto ou baixo, negro ou branco, o importante é ser feliz e sinceramente: o melhor cosmético para alcançar a beleza é a felicidade. CONCLUSÃO

ANEXO III

Versão digitalizada das 10 redações

selecionadas para estudo

Redação 01


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFGB

1 Tomou-se visivelmente ascendente a valorização e a contemplação da
 beleza na sociedade contemporânea. Essa prática, vista desde a antiguidade
 clássica, no qual os atributos físicos eram imprescindíveis mediante a popu-
 5 lação. Um exemplo que justifica essa opinião pode ser visto na civilização
 grega, principalmente em Esparta, na qual as crianças imperfeitas eram aban-
 donadas socialmente.

Um típico exemplo também a ser mencionado são as clássicas histórias in-
 fantis, que desde cedo influenciam as crianças e se preocupam com a
 10 aparência física. Quem nunca ouviu a famosa frase da bruxa na história
 da Branca de Neve: "espelho, espelho meu existe alguém mais bela do que eu?"

15 Todavia, essa valorização da beleza está se tornando mais intensa a
 cada dia. Em consequência, nota-se uma elevação nas questões prejudiciais
 ao ser humano, como o surgimento de muitas doenças, tais como a bulimia.
 A mídia também possui uma rigorosa influência na população. Dessa maneira,
 os corpos atléticos e aparentemente perfeitos aos olhos dos telespectadores pas-
 sam a ser inquestionavelmente cobizados e desejados.

20 É possível possuir um corpo saudável e viver harmonicamente em seu
 refúgio feliz com a balança. Para tanto, é de extrema importância a prática
 de exercício físico, e uma adequada e balanceada alimentação. Há também
 a necessidade da compreensão de que muitas atitudes e escolhas indevidas
 podem acabar por desestabilizar a harmonia dessa conflitante relação.

25 Dessa maneira, os cidadãos devem controlar sua "parte" narcisista e aprender
 a avaliar suas ações. Entender que os meios de comunicação em massa usam
 a ambição corporal do ser humano como marketing também é essencial. Assim,
 com atitudes reavaliadas e tomadas com consciência, tornar-se-á
 mais fácil a tentativa de nos livrarmos da escravidão a qual somos
 impostos pelas aparências corporais.

Redação 02


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFPA

Rumo à padronização

1 Assim como a religião e a política sofrem mudanças, os valores sociocultu-
 rais também mudam. Como em toda época da história, existiram padrões rigori-
 5 tos, até para a beleza, na atualidade também surgem valores diferentes que,
 muitas vezes nos assustam. Nos últimos décadas nasceu e culta a magreza e,
 deixou de ser estranho ou novidade surgir que um jovem morresse com a doen-
 ça Amarela. Em uma sociedade onde a boneca "Barbie" faz parte da infân-
 cia da maioria dos meninos, é difícil explicar a elas que não é saú-
 10 dável ser tão magra.

10 Logo, nos perguntamos como é que chegamos a tal ponto e, a resposta,
 não é sempre agradável. Machado de Assis, no seu conto "Teoria do Medalhão"
 mostra uma conversa entre pai e filho, que tem como função ensinar ao
 filho como montar uma vida de aparências, dizendo palavras difíceis para
 convencer os outros de que é inteligente, quando esta não é a verdade.
 15 Fica claro que o papel da família é muito importante na formação dos
 valores dos jovens.

Dessa forma, notamos que a aparência influencia muito na vida
 dos pessoas, e que não é um fato novo. O autor Vitor Hugo nos faz ver
 com seu personagem Conruda a reação do pai com o filho que lhes a-
 20 parência diferente da normal, estabelecida, e vive sozinho e precariza um
 pessoas de todos as classes sociais e como é a vida aqui dessa maneira.

Portanto, vimos que os valores da beleza está intimamente relaciona-
 dos com os valores da sociedade e como vivemos na era da globalização
 cada vez mais nos "padronizamos". Abandonamos os poucos nossa cultura
 25 para viver ainda o "American Way of life" e continuamos a viver o
 diferente. Esquecemos que a originalidade é que nos torna seres
 humanos, cada qual com sua personalidade e que devemos respeitar
 sempre as diferenças, pois ser uma relação ou a cor de um ca-
 30 belê, todos tem o direito de escolher sua própria vida.

Redação 03


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFGB

Diversidade de belezas

A beleza é admirável e relativa, devido a diversidade de
 raças, cores e inúmeras etnias que o ser humano possui, o concei-
 to de "beleza" para um país é necessariamente equivalente ao de
 outro. Contudo, padrões de beleza e moda foram estabelecidos com
 o intuito de privilegiar características físicas que são mais admiradas
 pela maioria. Assim acaba por surgir o preconceito, a exclusão e a
 inutilidade na sociedade.

Cada região determina uma tendência, que se modifica
 a medida de gerações. O modelo de corpo, o cor do cabelo é lanças-
 do e divulgado nos meios de comunicação mais acessíveis: televisão,
 jornais, revistas e internet. Pessoas tomam-se compulsivas e bus-
 cam através de dietas e cirurgias plásticas adequar-se ao modelo
 atual. Muitas vezes ignoram a própria saúde para satisfazer o
 ego e a vaidade, perdendo a essência de que a beleza realmente
 é. Logo, o desequilíbrio gera doenças como ansiedade e depressão.

Um fato notável é que na antiguidade as mulheres mais
 salientes, de quadris bastante largo, pele pulida e suave, esculpida
 e pintadas semi-nuas eram a beleza pura da época, esbanjando
 fragilidade e um certo erotismo disfarçado. Atualmente, a preferência
 é de mulheres bem magras, altas, pele bronzeada e maquiagem forte
 a fim de incorporar muita sensualidade.

Enfim, permanece a população seguindo a moda não sau-
 dável do corpo que lhe é imposto, até que outra tendência seja
 redefinida. Padrões de beleza existirão até que a diversidade do real
 finalmente diga claro que não há apenas um tipo de beleza, mas
 sim vários deles. Caso contrário, o homem continuará por discrimi-
 nar ele mesmo.

Redação 04


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFPA

1 A percepção do ambiente através dos sentidos é inerente nos animais, inclusive ao homem. Assim, da mesma forma que uma abelha é atraída pela leleca, e pelo perfume da flor, nós, seres humanos, somos primariamente fixados pela leleca física do outro. Intuitivo por trás de uma flor atrativa, muitos ~~seguem~~ há uma planta carnívora. Essa simples comparação ilustra um grande dilema da sociedade ~~moderna~~ ~~capitalista~~ moderna: o jogo visível versus aparência.

5 Durante o período de indução da espécie humana, quando vivíamos a transição de nomadismo para o sedentarismo, não havia nenhum tipo de acúmulo de propriedade, a leleca não existia nem conceito. A proximidade com a natureza nos tornava mais intuitivos, biológicos e portanto, a aparência possuía finalidade meramente reprodutiva.

10 Mais tarde, no auge do Império grego, através da arte, dos esportes e da mitologia, a leleca adquiriu conceito. Em seu jogo estavam a simetria, a sustentação e o equilíbrio, relacionando-a à escultura e à arquitetura; a força, a saúde do corpo e da mente, relacionando-a aos jogos olímpicos, que exploravam habilidades diversas; a sabedoria, a experiência, a elevação, a pureza e o poder, relacionando-a à mitologia.

15 Com o advento do capitalismo, porém, cada vez mais, a leleca perde esses valores. O corpo vincula-se à mercadoria e o consumo controla as relações entre as pessoas. Como produtos, devemos chamar a atenção logo no primeiro instante, ter boa aparência, abominar qualquer falha ou defeito externo que possa comprometer a imagem positiva que o consumidor deve captar - não importa o que haja dentro da embalagem, atrás do rótulo ou sob o embrulho.

20 Como mercadorias, devemos fazer parte de uma linha de montagem, devemos ser todos iguais. Talvez seja por isso que o mundo vive em dualidade moral: egoísmo, falsidade, vícios, depressão, insegurança, superficialidade. Agora, a leleca induz doenças, como a ansiedade e a bulimia, provoca distúrbios psicológicos, retarda o processo de maturação de relacionamento (trazendo consigo o desrespeito aos idosos), gera crianças precoces e fêteis, induz à pedofilia através de cultivos de um padrão infante de corpo.

25 Semes animais, sim, mas pressuimos algo que os outros não têm - a inteligência que nos torna críticos e nos permite avaliar com profundidade o ambiente a nossa volta. Por intermédio dela podemos escolher o que queremos individualmente e fazer valer nossa condição de nacionais, não automáticos, nem instintivos.

30

Redação 07



Coordenadoria do Centro de Seleção
PSV-2010/UFPA

- 1 Para mim, a definição de beleza está em constante mutação, porém, atualmente nos encontramos na fase onde o "b" significa literalmente um corpo perfeito, cabelos perfeitos, pele perfeita; e que a busca por esse ideal deve ser alcançada, a qualquer preço; e é a "luta" para atingir esse nível.
- 5 ~~niçipe~~ que tanto homens e mulheres correm atrás, mais desfigurados. As mulheres, em sua maioria, permitem-se as vitórias do paradigma da beleza, ~~e sujeitando-se~~ ~~sujeitando-se~~ a grandes riscos e graves consequências. A individualidade desaparece a cada instante; muitas estampam em suas caras "visto-me como...", "cabelo e cabelo..." e quase sem perceber, passamos a ser cada mais que bonecas em linha de hospital.
- 10 ~~temos~~ diariamente, principalmente na televisão, publicidade e variedades que alcançam a fama somente por seus atributos físicos. A mídia que exalta a individualidade em um país de elites, e o carnaval, nos expõem ao paradigma de estereótipos masculinos semântica da beleza - mesmo que artificial - como o "vídeo artificial" para total realização.
- 15 Com estas influências externas perdemos a conexão a boa aparência com ideal de beleza. Apuramos e deixamos a essência pessoal em segundo plano, quase ignorada, esquecida. Por fim, penso que a "gordinha bem vestida" era uma maneira para fugir dos julgamentos da sociedade, após este ato de discriminar, pode vir, de fato, que a gordinha bem vestida é muito mais feliz de que a magra que se acha gorda.
- 20 Estamos vivendo as pesquisas que a aparência física substitui o caráter, que a saúde só está em se conscientizar da busca pelo corpo perfeito. A questão de todos paradigmas é mais um paradigma de atitudes, e o fim de "bons" que me deve ser: mais beleza não é fundamental.

30

Redação 17


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFPA

1 A estética no decorrer do tempo
 Um corpo bonito já foi significado de um corpo
 saudável. Hoje em dia as pessoas chegam ao extremo
 para atingir o padrão de beleza, pondo em risco
 5 a própria vida por causa de uma ilusão.
 O ponto de vista da estética corporal vem
 sofrendo mudanças com o tempo, na Grécia antiga por
 exemplo, era a crença e a fé que motivava as
 pessoas a querer um corpo perfeito como o que
 10 supostamente, teria seus deuses.
 Os Gregos acreditavam que se um deus viesse para
 a terra ele seria perfeito, então eles se exercita-
 vam e se alimentavam de maneira saudável
 para ter um corpo parecido com o de um deus.
 15 Hoje, o que motiva a sociedade é a mídia, as
 pessoas são facilmente manipuladas pelo que elas
 veem, porém a mídia criou na cabeça a imagem
 de um corpo magro como modelo de beleza,
 e é na tentativa de atingir essa "beleza" que
 20 as pessoas se prejudicam.
 Na maioria das vezes elas se submetem
 à cirurgias agressivas por oferecer resultados instan-
 tâneos, ou na tentativa extrema de ficar ma-
 gros acabam se tornando pessoas anoréxicas ou
 25 bulêmicas.
 O que as pessoas esquecem é que elas podem
 ter um corpo saudável e bonito só que de
 maneira lenta porém não agressiva à saúde. Assim
 como na Grécia antiga.

30

Redação 19



Coordenadoria do Centro de Seleção
PSV-2010/UFOD

A sociedade da beleza.

Nos dias atuais escutam-se frequentemente diferentes tipos de pessoas discutindo um tema que é considerado de grande importância na sociedade que é a beleza, porém, é algo que se tem muito valor não apenas nos dias atuais mas há muitos anos atrás que se tem um valor.

Até mesmo as crianças já entendem de que se trata, mas quando se fala em beleza não se trata apenas de um público feminino e também do marketing e no decorrer do tempo é encontradas várias novas formas para essa evolução.

É comum meninas ainda consideradas crianças deixarem sua infância para se dedicar a beleza do corpo, para falar uma noção de como a beleza vem ganhando um maior espaço no longo da história, basta observarmos o grande aumento de salões de beleza que temos hoje em comparação a alguns tempos atrás. Até mesmo para o meio profissional há pessoas buscam ser conhecedoras profissionais voltadas a beleza, pois se sabe que é algo que dá lucro pela grande procura, também não se pode deixar de lado o cuidado com a saúde, pois pessoas sabe que dependendo o tratamento de beleza futuramente se pode causar danos à saúde.

O que podemos concluir é que hoje nossa sociedade de se volta muito a beleza física, tentando fazer o que der para mostrar uma boa aparência.

Redação 27



Coordenadoria do Centro de Seleção
PSV-2010/UFPA

- 1 A busca pela beleza.
- 2 A cada dia, que passa, a ciência, com suas tecnolo-
- 3 gias nos mostra que estamos cada vez mais perto
- 4 de chegar a "fase senhada" "fonte da juventude" atra-
- 5 vés de diferentes métodos que ajudam a alcançar
- 6 resultados impressionantes.
- 7 Desde o final do século XX não se vê que a socied-
- 8 de vem prezando muito os altos padrões de beleza, pois
- 9 e que antigamente era visto apenas como vaidade de
- 10 pessoas, com alto poder aquisitivo, em sua maioria
- 11 de sexo feminino, hoje vem se de mistificando contendo
- 12 pontos no diferencial de cada pessoa. Em pleno século
- 13 XXI é comum que homens e mulheres sejam vistos frequ-
- 14 ntemente em locais onde o que se vende é a estética.
- 15 Pesquisas divulgadas em várias meios de comunicação
- 16 mostram que o número de profissionais na área
- 17 de estética é um dos que mais cresce no mercado
- 18 em todo o mundo.
- 19 É importante lembrar que todo esse esforço tem um
- 20 preço que nem sempre é monetário: pois a falta de
- 21 limites às vezes acarretam danos irreversíveis, como o
- 22 abuso de certos métodos ou procedimentos feitos por
- 23 pessoas não capacitadas podem fazer doenças levando
- 24 às vezes até a morte.
- 25 Então para que o sonho de manter-se belo não
- 26 se torne pesadelo, é necessário que se tome muito
- 27 cuidado antes de encarar qualquer procedimento
- 28 que, se tome conhecimento do método e quem é o pe-
- 29 rissional que o está colocando em prática, garantindo
- 30 assim que nenhum transtorno seja gerado.

Redação 30


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFPA

Beleza põe muse?

1 Através dos anos, muitas técnicas de beleza
 foram desmascaradas para facilitar a vida daque-
 5 les que sentem-se insatisfeitos com a própria a-
 parência ou com certas imperfeições.

Desde os tempos antigos homens e mulheres pre-
 ocupam-se com a dita "estética" e fazem o pos-
 sível para estar dentro dos padrões de beleza
 da atualidade.

10 Se compararmos esses padrões aos de antiga-
 mente, será notável a evolução tanto das téc-
 nicas de beleza, quanto da realidade em si.

Vaidade era apenas por uma roupa elegan-
 te, pintar as unhas, arrumar o cabelo; hoje faz-
 15 se cirurgia plástica, redução de estômago, clonaa-
 mento de pele, alisamento e até mesmo depilação
 à laser. Tudo para ficar bonito(a).

Os concursos de beleza estão cada dia mais
 frequentes em todos os lugares do mundo e, espe-
 20 cialmente em nosso país que por vezes teve bel-
 dades como Juliana Paes e Maria Fernanda Cândido
 eleitas como as mulheres mais belas do Milênio!

Mas afinal, beleza põe ou não põe muse? É
 preciso ser bonito(a) para ser feliz?

25 Algumas pessoas dependem dela para se sustentar,
 outras apenas para sentirem-se melhor.

Cada um tem uma opinião, mas é melhor
 tomar cuidado para não se deixar levar por um
 dos sete pecados capitais!

30

Redação 48


 Coordenadoria do Centro de Seleção
 PSV-2010/UFPA

 1 Beleza: Artificial ou natural?

5 Nos dias de hoje não é fácil se falar sobre beleza, pois não sabemos o que é bonito e o que é feio, pois com tantos padrões de beleza, se torna complicado o que antigamente era simples.

Antigamente beleza, nem sempre era apenas o que os olhos estavam vendo.

10 Hoje em dia, não é mais assim, uma mulher, por exemplo, ela só se sente bonita se estiver com o corpo todo definido e usando roupas da moda, se esquecendo que mais vale o que está por dentro, do que por fora e que mais importante de se dizer, que mesmo quando já está tudo feito conforme ela desejava, percebe que tudo que os outros veem nela não é natural,
 15 onde algumas ficam frustradas e em depressão.

Mas como se aceitar de o preconceito é enorme, um homem mesmo, ela não quer um relacionamento com uma mulher que não seja vaidosa.

20 Podemos dizer então, que se tornou complicado não se importar com a aparência, pois, tudo hoje em dia é o que está se vendo e não o que a pessoa é por dentro, mas mesmo assim ainda se pode ter um corpo, rosto, dentre outras coisas sem se tornar totalmente artificial.
 25

Que o mais importante é estar bem consigo mesmo e o resto é pura vaidade.
 30

ANEXO IV

Relatório coordenadora Curso de formação continuada de Professores

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PREFEITURA DE DOURADOS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: “CAMINHOS PARA O LETRAMENTO”

Município: Dourados – MS

Mediadores – Eixo 1: Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves (UFGD) e Prof^a. Mariolinda Rosa Romera Ferraz (SEMED)

Mediadora – Eixo 2: Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Local da Formação: Igreja Presbiteriana do Brasil e Auditório da Secretaria Municipal de Educação.

PERÍODO DO CURSO: 10 de agosto a 26 de outubro de 2010.

HORÁRIO: 19h às 22h.

Relato da formação de professores “caminhos para o letramento”

Coordenação: Mariolinda Rosa Ferraz

A formação aconteceu em dois eixos: linguística, orientado pelo professor Adair Vieira Gonçalves (UFGD), e literatura, orientado pela professora Alexandra Santos Pinheiro (UFGD).

Os objetivos do curso (na área da Linguística) eram:

- Contribuir para a formação de professores, visando à melhoria do ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas;
- Promover a reflexão sobre o ensino da leitura e da escrita na perspectiva de gêneros, articulando teoria e prática;
- Desenvolver atividades práticas dinamizadoras do processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.
- Desenvolver atividades de elaboração de modelo didático;
- Elaborar uma lista de controle de acordo com o modelo didático desenvolvido
- Elaborar uma sequência didática
- Analisar o trabalho com gêneros no livro didático.

O curso foi relâmpago – 40h – o que possibilitou uma noção da didatização do ISD, mas precisava de bem mais tempo.

Percebeu-se que os professores não trabalham devidamente com gêneros textuais. Eles apenas usam uma variedade de gêneros nas aulas, mas todo o processo de construção de modelo didático, lista de constatação, sequência didática não é aplicado.

Houve um estranhamento de todos esses termos e os professores ficaram meio assustados com tanta novidade. Parecia que se sentiam incapazes de aprender e realizar uma atividade nesse sentido.

A construção do modelo didático assustou muito. O uso dos termos sequências tipológicas foi preocupante. Os professores conhecem mesmo os tipos de texto cristalizados pela escola: narração, descrição, dissertação. O reconhecimento das sequências tipológicas nos textos foi muito difícil. Eles não foram capazes de reconhecê-las devidamente.

A elaboração de uma sequência didática foi preocupante. Os professores, na verdade, criaram diversos planos de aula em vez de uma sequência didática. As atividades não atendiam devidamente ao desenvolvimento das capacidades de linguagem.

Não houve acompanhamento da aplicação da sequência didática. Mas pelos pouquíssimos relatos recebidos, há muito que fazer para a formação dos professores nessa teoria.

Ficou evidente que os professores de séries iniciais (a maioria dos cursistas) têm menos noção ainda de gêneros textuais e para eles um trabalho assim é quase impossível. Quando falamos do modelo didático, sequência didática e lista de constatação houve falas explícitas de que “isso é coisa para alunos grandes. Com as crianças é impossível porque elas sequer sabem ler, quanto mais dão conta dos gêneros textuais”.

Outra evidência é que não há trabalho planejado com gêneros orais. Não houve nenhum relato que tratou das sequências tipológicas, o que demonstra que o curso não foi produtor em nessa área. Seria preciso retomar o curso com os mesmos cursistas para ampliar conhecimentos.

Várias falas dos professores fizeram referência aos gêneros textuais em avaliações nacionais: Provinha Brasil e Prova Brasil (esta última fonte de dados do IDEB). Eles disseram que as avaliações “seguem a linha dos gêneros textuais”, mas ficou claro que eles não trabalham os gêneros devidamente. Consequentemente os índices nas avaliações são baixos.

Pelo curto tempo do curso não conseguimos trabalhar com o livro didático. Apenas fizemos referências, mas não deu para os professores avaliarem a presença dos gêneros no LD.

Participaram do curso professores da rede municipal e estadual. Os professores da rede municipal, alguns, já tinham ouvido falar de gênero textual porque já fizeram outros cursos comigo. Mesmo assim, percebeu-se que não houve aproveitamento prático. Os professores fazem cursos, mas continuam com as mesmas práticas e a explicação é sempre a mesma: “dá muito trabalho, tem de ter tempo para planejar; é impossível planejar dando 40h de aula, o salário é pouco; não há incentivo do governo, é preciso aumentar a carga horária de hora-atividade; o livro didático já está pronto, por isso é mais fácil...”

Os professores escolheram os gêneros que iriam trabalhar com os alunos conforme a necessidade determinada pela ementa. Primeira situação equivocada, porque o gênero nasce de uma situação real de comunicação (didatizada, mas real).

Penso que, se retomássemos o curso hoje, vários professores se sentiriam como que vendo o conteúdo pela primeira vez, especialmente os temas sequências argumentativas, sequências explicativas e modalizações.